

HISTORIA DA PEDAGOGIA EM PORTUGAL

III

§. 2 — A reorganisação da Universidade sob os Gouvêas

Depois do governo do primeiro reitor da Universidade Dom Garcia de Alneida, mestre do infante Dom Duarte, e védor do príncipe Dom João, nomeado por alvará de 1 de março de 1537, seguiu-se-lhe ainda n'esse anno a nomeação de um outro reitor, o primeiro bispo de Angra, Dom Agostinho Ribeiro, que teve outras dignidades ecclesiasticas, como bispo de Lamego e governador do bispado do Porto. Esta mudança revela-nos a preocupação que o fanatico monarcha tinha, de entregar o governo da Universidade à auctoridade episcopal, como garantia da orthodoxia das doutrinas alli professadas. O periodo do governo de Dom Agostinho Ribeiro, que durou cinco annos e sete mezes, encerra apenas os trabalhos de installação e organisação da Universidade de Coimbra; a sua renuncia do bispado de Lamego, recolhendo-se como simples frade ao convento de Sam Bento de Enxobregas, dão-nos a prova do seu character mais ascetico do que pedagogico. Dom João III nomeou reitor D. Bernardo, bispo de Sam Thomé, em 1543; não tomou posse, sendo substituido por frei Diogo de Murça, doutor em theologia e mestre do infante Dom Duarte. Lê-se no alvará de 5 de novembro de 1543: «por eu encarregar dom bernardo, bispo de sam thomé em cousas de serviço de Deus, e meu, e nã poder ir servir de Rector d'essa Universidade de que ho tinha encarregado, confiando eu das virtudes e prudencia do padre Frei Diogo de Murça, mestre em theologia, que n'isso servirá como convem a

serviço de deus e bem da dita Universidade pela experiencia que delle tenho em outros carguos de que foi encarreguado, ho encarreguei ora de Rector da dita Universidade como verês pola provisão minha que vos será mostrada.» Etc. O governo de frei Diogo de Murça durou doze annos, que correspondem ao periodo mais glorioso da Universidade de Coimbra; n'este periodo deu-se o conflicto entre o Mosteiro de Santa Cruz e o monarcha, que extinguio o Priorado-mór de Santa Cruz, de que era padroeiro, incorporando-o no rendimento da Universidade. Dom Bento de Camões, que era então Prior e Cancellario da Universidade, resistiu ás determinações do rei, submittendo-se depois á bulla de Paulo III. Os Estudos menores, que se ensinavam no Mosteiro de Santa Cruz, passaram para os Paços reaes, onde se ensinavam as Sciencias maiores; mas convindo separar as disciplinas preparatorias, mandou Dom João III, que na rua da Sophia se edificasse o *Collegio real*, destinado á Grammatica, Latinidade, Grego, Hebraico, Logica e Philosophia. Seguia n'esta fundação do celebrado Collegio das Artes de Coimbra o systema pedagogico francez, em que a Universidade era o centro que absorvia na sua dependencia os Collegios, e não os Collegios a Universidade, como primeiro aconteceu com as relações subalternas ao Collegio de Santa Cruz, e mais tarde com o dominio dos Jesuitas.

A creação do Collegio das Artes ou real, motivou a chamada de um corpo docente vindo de França em 1547, sob a direcção do celebre humanista portuguez André de Gouvêa, Principal do afamadissimo Collegio de Santa Barbara. A par do *Collegio real*, Dom João III creou junto da Universidade Collegios privativos de cada ordem monastica; pertencem a este periodo o Collegio de Sam Thomaz, dos dominicanos; o da Graça, dos augustinianos; o de Sam Boaventura, dos franciscanos; o de Sam Jeronymo, o de Nossa Senhora do Carmo; o de Sam Pedro, o de Sam João Evangelista; o do Espirito Santo, dos cistercienses; o da Conceição, dos Freires de Christo, e o de Sam Paulo para seculares. Em 1542 já os jesuitas haviam fundado o *Collegio das Artes*, pelo Padre Simão Rodrigues; sob o governo do reitor frei Diogo de Murça começaram os conflictos com a Companhia, que tanto se introduzira no animo de João III, que os Jesuitas vieram a tomar conta do Collegio real, e d'alli expulsando os Mestres francezes, tomaram tambem a Universidade, nomeando o rei um reitor da sua feição Affonso do Prado, lente de prima e theologia, por provisão de 28 de setembro de 1555. Antes de entrarmos n'esta phase nova da nossa historia pedagogica, interessa-nos sobremodo o conhecimento da influencia dos Gouvêas e dos Mestres francezes, chamados para o Collegio real, e para a Universidade. Na Universidade de Paris

figuravam muitos professores portuguezes, taes como D. João Froes, D. Pedro Sardinha, Frei Gaspar dos Reis, Frei Jorge de Sam Thia-go, Frei João da Cruz, Frei Duarte, Frei Diogo Soares de Santa Maria, Diogo de Gouvêa, o velho, André de Gouvêa, Diogo de Gouvêa, o moço, Marçal de Gouvêa, Diogo da Silva e D. Antonio Pimheiro. A familia dos Gouvêas era enormemente considerada pela sua extremada cultura humanista e tino pedagogico com que regia o Collegio de Santa Barbara, e a qual de 1520 a 1548 se succedera no cargo de *Principal*. Dom João III, querendo os melhores mestres de theologia e os melhores humanistas, dirigiu-se aos Gouvêas, que recommendando-lhe os seus mais intelligentes discipulos, tambem introduziram em Portugal os novos associados da Companhia de Jesus, por quem depois foram expulsos. A renovação do pessoal da Universidade foi simultanea com a nomeação dos professores para o *Collegio real*. Vieram de Paris para a regencia das cadeiras de Escripura Sagrada os doutores theologos Marcos Romeiro, e Payo Rodrigues de Villarinho; para a cadeira de prima de Leis, foi contratado por trezentos e sessenta mil reis de salario e vinte e dois mil reis para casas, o doutor *in utroque jure* (leis e canones) Fabio Arcas Arnanha; e para a cadeira de vespera Ascanio Escoto, doutor em ambos os direitos. Para as cadeiras de medicina vieram o Doutor Rodrigo Reynoso para a de prima, e para a de vespera o Doutor Thomaz Rodrigues; para lente de Avicena o Doutor Francisco Franco Valenciano; para a de anatomia e cirurgia o granatense, e licenceado pela Universidade de Sigença, Affonso Rodrigues de Guevara; Antonio Luiz foi contratado para lêr duas lições especialmente em grego, sendo uma sobre o texto de Galeno e outra de Aristoteles. Como licenceados discipulos da Universidade de Paris, figuravam Lopo Gallego, Ignacio de Moraes, Belchior Belliagio e André de Resende, que tanto actuaram no ensino portuguez..

Para o Collegio real, vieram de França por indicação de André de Gouvêa os mais celebrados humanistas, *um Collegio inteiro*, como escreve Pedro de Mariz: «Pera principal veiu Mestre André de Gouvêa, portuguez, doutor theologo em Paris, que era irmão de Marcial, tambem Mestre deste tempo. Sub-principal, mestre João da Costa, portuguez, e doutor de Paris, em leis. O doutor Fabricio, mestre de grego, e o doutor Rosetto, mestre de hebraico. Leu a primeira classe e grego mestre George Bucanan, escoto; a segunda, Diogo de Teive, portuguez natural de Braga, doutor em Leis; a terceira, mestre Guilherme (Garenteus) francez; a quarta, mestre Patricio, irmão de Bucanan; a quinta, mestre Arnaldo Fabricio, francez; a sexta, mestre Elias (Vinetus), francez; a septima, mestre Antonio Mendes, portuguez, que depois foi bispo de Elvas; a

outava, mestre Pedro Anriques, portuguez, que estava já d'antes em Portugal; a nona, mestre Gonçalo, portuguez, que tambem já estava em Portugal; a decima, mestre Jacques, francez; a undecima, Manoel Thomaz, portuguez. E o mestre João Fernandes, que tendo ensinado Rhetorica nas duas Universidades de Salamanca e Alcalá, n'esta fez tambem o mesmo com muita satisfação e applauso, porque foi perfeito orador, e muito douto nas sciencias e linguas, e tão geral em todas, que raramente acharia seu equal em nenhuma Universidade do mundo.» A falta de documentos relativos a esta época no archivo da Universidade, de que já se queixava Francisco Carneiro de Figueirôa, faz com que nos resignemos a estas simples indicações de Mariz, sobre que se pôde esboçar esse pequeno quadro pedagogico do *tempo dos francezes*. A organização do Collegio real era baseada no systema francez do Collegio de Santa Barbara, d'onde tomámos o titulo de *Principal* e *Sub-principal*. Quicherat fez a historia do Collegio de Santa Barbara, onde tanta gloria refulge sobre o genio portuguez. O Collegio de Santa Barbara fôra fundado em 1460 por Geoffroy Lenormant, um dos mais afamados professores do tempo de Carlos VII. O titulo do Collegio era tomado da designação dialectica de *Barbara*, o argumento elemental, o syllogismo articulado pela maior, menor e consequencia sobre generalidades positivas; *Barbistas*, era o nome dado aos alumnos. Junto do Principal, que governava o Collegio, existia um outro Principal privativo da Universidade. Na série dos principaes Lenormant, Lemaistre, Baret, De Fontenay, Pelier e Morel, figuram por um singular talento pedagogico, em 1520, Diogo de Gouvêa, o antigo; em 1530, André de Gouvêa; em 1534, Diogo de Gouvêa, o moço; e em 1540 outra vez Diogo de Gouvêa, o antigo. Era uma dynastia de pedagogistas. Crêmos que Diogo de Gouvêa, o antigo, fôra aquelle que em 1516 o rei Dom Manoel chamára para a Universidade de Lisboa para oppositor á cadeira de vespera de theologia; principal do Collegio de Santa Barbara, teve alli por discipulos o celeberrimo Ignacio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, e Simão Rodrigues, que fundára o primeiro collegio jesuitico em Coimbra. Diogo de Gouvêa falleceu em 1557. O segundo principal foi André de Gouvêa, que introduziu os divertimentos escolares das representações de comedias gregas e latinas no Collegio onde succedera a seu tio. Teve este illustre humanista por discipulos o grande Montaigne e o assombroso Rabelais, que a elle allude com o pseudonymo de *Engulde Moutarde*. Montaigne tambem nos seus *Ensaïos* (liv. I, cap. 25) refere-se a estes divertimentos escolares de André de Gouvêa, e dá-lhe o titulo de «o maior *Principal de França*.» Diz o insigne moralista ácerca das representações no Collegio de Santa Barbara: «eu desempenhei os

primeiros personagens nas tragedias latinas de Buchanan, de Guerente e de Muret, que se representaram no nosso Collegio de Guienne com dignidade: n'isto, *Andreas Gouveanus*, nosso principal, como em todas as outras partes do seu cargo, foi sem comparação o maior principal de França.» Foi a este notavel pedagogista, que Dom João III entregou a organização do *Collegio real*. A influencia fez-se logo sentir em Coimbra, na primeira tentativa das comedias classicas de Antonio Ferreira, escriptas sob o modelo dos *Adelphos* de Terencio e com os conselhos de Diogo de Teive. André de Gouvêa foi interrompido na sua obra, fallecendo em Portugal em 9 de junho de 1548. A este tempo succedeu-lhe no governo do Collegio o não menos illustrado Diogo de Gouvêa, sendo o ultimo principal Diogo de Teive, que escreveu uma tragedia em latin á morte do principe Dom João. Os jesuitas do Collegio das Artes conspiravam contra os professores francezes do Collegio real, e conseguiram que elles fossem em grande parte perseguidos pela Inquisição e que outros abandonassem Portugal; por fim nada podendo contra o character e saber de Diogo de Teive, obtiveram de Dom João III uma ordem brutal mandando-lhe entregar o Collegio ao padre Mirão, provincial da Companhia. Esta lucta dos Jesuitas para se apoderarem do ensino publico, fazendo com que os seus antigos mestres do Collegio de Santa Barbara fossem perseguidos por heterodoxia em Coimbra, é pouco conhecida, posto que indirectamente os documentos legaes nos revelam o grau da sua terrivel perfidia. O primeiro professor perseguido foi George Buchanan, logo depois do fallecimento de André de Gouvêa; esteve preso durante dois annos, recuperando em 1551 a liberdade e fugindo para Inglaterra. Buchanan, considerado como um dos primeiros poetas da latinidade moderna, tambem sustentava os principios democraticos da escola protestante; os seus poemas satyricos *Somnium* e *Franciscanus*, e a virulencia dos seus epigrammas foram a causa intima da perseguição religiosa que o afastou de Portugal. Entre os professores que vieram de França figura Melchior Belliago, que estudara no Collegio de Santa Barbara, e que entre os condiscipulos tinha a alcunha de *Judeu*, por causa de ser agarrado ao dinheiro; no *Hendecasyllabon liber*, de Buchanan, ha um epigramma a este professor de letras e philosophia da Universidade:

Belleago cunctas tractat artes commodè,
 Has praeter unas, quas docet,
 Nec foeneratur alter illo doctior,
 Nec caupo quisquam argutior.

Melchior Belleago, que em 1560 foi eleito com o titulo de bispo de Fez para coadjutor do cardeal-infante Dom Henrique, pertencia

ao partido dos fanaticos perseguidores. As tragedias latinas de Buchanan representavam-se nos divertimentos escolares; taes foram *Joannes Baptista* e *Jephthé*; as suas traducções da *Medea* e *Alceste* de Euripides, influiram no conhecimento perfeito da estrutura da tragedia grega que Antonio Ferreira revelou na sua *Castro*. Na vida de Buchanan falla-se da intima amizade que desde muitos annos ligava este eminente latinista com Diogo de Teive, Nicolau Gruchy, Guilherme Garant e Elie Vinet: « Erant enim plerique per multos annos summa benevolentia conjuncti... » A perseguição a Buchanan, fez com que seu irmão Patricio deixasse Portugal e com elle os outros humanistas francezes. Os accusadores de Buchanan, segundo se sabe pela sua vida, foram João Tolpinus, doutor e conego em Perigueux e natural de Normandia, outro chamava-se Joannes Ferrerius, que tendo residido no mosteiro de Kinlors, na Escossia, alli tomára conhecimento do poema contra os franciscanos. Estiveram tambem presos mais tres dos seus collegas, e segundo Hamilton, na *Demonstratio Calvinianæ confusionis*, o proprio cardeal-infante Dom Henrique dirigira os interrogatorios e o tratou com todo o furor do fanatismo.

Suppomos, que esses tres collegas perseguidos seriam Nicolao Grouchy, Elie Vinet e Guillaume Guerent, attendendo ás suas opiniões protestantes. A questão da graça efficiente, que os Jesuitas tanto combateram, aqui apparece como um pómo de discordia, porque Buchanan era então accusado de abraçar as opiniões de Santo Agostinho.

Grouchy ensinára philosophia e lingua grega no Collegio de Bordeus, vindo com André de Gouvêa para Coimbra; aqui tomou conhecimento da *Historia do descobrimento da India*, escripta por Fernão Lopes de Castanheda, então exercendo o humilde cargo de bedel da Universidade. Quando regressou a França estavam no maior auge as perseguições contra os protestantes, vendo-se obrigado a levar uma vida miseravel de fugitivo, mau grado o seu elevado character e profundo saber attestado por De Thou. Voltando aos habitos pacificos do ensino no Collegio de La Rochelle, occupou-se em publicar a traducção franceza da obra de Castanheda, em 1553, e em outros trabalhos de erudição. Elie Vinet, conhecido pela sua especial aptidão para o ensino, foi chamado para Bordeus por André de Gouvêa em 1541, para o Collegio de Guienne, e acompanhou-o tambem a Portugal. Quando regressou a França, retomou o seu logar no Collegio de Bordeus, succedendo em 1558 no logar de principal a Jean Gelida, exercendo-o com toda a assiduidade até 1583. De Thou, Cujacio e Scaligero fallam d'elle com especial consideração; fez edições criticas, com notas e commentarios, de varios escriptores da antiguidade, taes como Sidonio Apol-

linario, Eutropio, Solino, Suetonio, Persio, Floro, Prisciano, Pomponio Mela, Ausonio, Theognis, Euclides, etc. Já vimos com que louvor Montaigne allude ás tragedias latinas de Guerente, representadas no Collegio de Santa Barbara; a sua fama de humanista lhe bastava para ser então perseguido em Portugal, onde a divisa era: « mais catholico e menos latino, » como se lê na carta de Martim Gonsalves da Camara de 21 de Maio de 1570, referindo-se á época dos mestres francezes: « Os Padres da Companhia se encarregaram do Collegio real em tempo, em que alguns dos principaes Mestres d'elle foram presos na Inquisição; e se arreceiava que tambem nós o viessemos a ser, como discipulos, que eramos seus. » Por isto se vê por quem fôra movida a intriga; bastava serem os mestres trazidos por André de Gouvêa do Collegio de Guienne os mais eminentes philologos da Renascença, para serem alcunhados de protestantes. A traducção dos textos hebraicos, gregos e latinos exercitava o espirito critico, e conduzia a um natural livre exame, acobertado com o esforço de conciliação entre a razão e a fé. O que se dava com os philologos increpava-se tambem nos jurisconsultos, que eram eminentes humanistas, como Antonio de Gouvêa, que não quiz voltar a Portugal por conhecer a pressão do fanatismo que atrophiava a sua patria. Antonio de Gouvêa, que renovára o estudo do direito romano pelas relações com a vida social revelada nos poetas latinos, e que rehabilitára a obra de Aristoteles abandonando os commentarios pelo conhecimento directo do texto grego, era tambem accusado de livre-pensador por Calvino em 1550. O caracter d'estes eminentes professores que vieram reger o Collegio real, depreheende-se do que disse de Buchanan e do seu intimo amigo Antonio de Gouvêa, o celebrado poeta da Pleiade franceza Pedro Ronsard: « tinham do pedagogo apenas a loba e o gorro » (*illos homines nihil pedagogi praeterquam togam pileam habuisse*) segundo colligiu De Thou. Faltava-lhes o pedantismo doutoral, que era uma das fôrmas por onde a hypocrisia dos Jesuitas se fazia valer no ensino, e com que conseguiram apoderar-se do Collegio real e da propria Universidade.

O Collegio real, fundado na rua da Sophia pela apropriação dos dois Collegios de S. Miguel e de Todos os Santos, que haviam pertencido ao Mosteiro de Santa Cruz e entraram no regimen da Universidade, era mal visto pelos Jesuitas do Collegio das Artes, fundado no bairro alto da cidade de Coimbra; discipulos dos mestres francezes e especialmente dos Gouvêas, seguindo os mesmos methodos de ensino, serviram-se da intriga e da suspeição de heterodoxia para combatel-os. O rei Dom João III, que tanto se empenhára para o esplendor do Collegio real, uma vez dominado pela Companhia entregou toda a sua protecção ao Collegio das Artes, e acabou

por encarregar os padres Jesuitas do governo do afamado Collegio da rua da Sophia. Foi curta a existencia d'este notabilissimo estabelecimento pedagogico; tendo começado a funcionar em 2 de fevereiro de 1548, em 10 de setembro de 1555 era mandado entregar ao Padre Mirão, provincial da Companhia de Jesus. Teve apenas cinco *Principaes*, que foram mestre André de Gouvêa, Diogo de Gouvêa, que se doutorou em Coimbra em 1556, João da Costa, doutorado em leis em Paris, Payo Rodrigues Villarinho, e Diogo de Teive. Quando em 1550 Dom João III visitou os estudos de Coimbra, mostrou o seu maior interesse pelo Collegio das Artes, dos Jesuitas, em que havia então quarenta alumnos de theologia; tres lentes do Collegio real estavam presos por suspeita de heresia, e porventura n'esta occasião combinára o monarcha entregar o seu governo aos inimigos dos Mestres francezes. O Collegio real celebrou com uma tragedia latina a morte do principe Dom João em 1554; era então *principal* Payo Rodrigues Villarinho, e em uma Oração panegyrica recitada por Diogo de Teive em louvor de Dom João III, allude-se á presença e virtudes d'aquelle sabio mestre.¹ Pouco depois succedeu-lhe no governo do Collegio real Diogo de Teive, para ter a decepção de o entregar por ordem de Dom João III aos jesuitas. Eis a carta affrontosa escripta em nome do monarcha:

«Doutor Diogo de Teive. Eu El-rei vos envio muito sandar. Mando-vos, que entregueis esse Collegio das Artes e o governo delle mui inteiramente ao Padre Diogo Mirão, Provincial da Companhia de Jesus, o qual assim lhe entregareis no primeiro do mez de Outubro que vem, d'este presente anno de 1555, em diante, porque assi hei por bem e meu serviço, como já vos tinha escripto; e cobrareis esta minha Carta com seu conhecimento para vossa guarda. E assim entregareis os ornamentos, prata e movel da Cappella do Collegio, e as letras e matrizes que vos foram entregues, a Fernão Lopes de Castanheda, Guarda do Cartorio da Universidade, para tudo ter a bom recado até Eu mandar o contrario; E cobrareis conhecimento em forma do dito Fernão Lopes, feito pelo Escrivão de seu cargo, e assinado por ambos, em que declare lhe ficam as taes cousas carregadas em receita, por que pelo dito conhecimento em forma vos serão levadas em conta. E por esta mando ao dito Fernão Lopes as receba, e vos passe d'ellas conhecimento em forma. João de Seixas a fez em Lisboa, a dez dias de

¹ Jacobi Tevii, *Opuscula*, p. 39. Parisiis, MDCCCLXII.

Septembro de 1555.» ¹ Aquelle movimento da litteratura quinhenista, que se manifestou em Coimbra quando Antonio Ferreira frequentava os estudos, era devido ao impulso de Diogo de Teive, como o poeta revela em uma Ecloga e em uma Carta. Uma vez entregue o Collegio real aos Jesuitas toda essa renascença litteraria se apagou. Os Jesuitas conservaram o Collegio real da rua da Sophia até 1568; e achando penoso o trabalho de dois Collegios, incorporaram-no no Collegio das Artes do bairro alto, para o qual attrahiram os mais inauditos privilegios, tornando-se independentes e superiores á Universidade.

A supressão do Collegio real fez-se por meio de uma transacção interesseira dos Jesuitas com o Cardeal Inquisidor Dom Henrique. Em 1567 installava-se o Santo Officio em Coimbra; estava-lhe destinado o Paço da Condessa de Cantanhede, ² porém o cardeal sabendo do intuito da incorporação dos dois Collegios, pediu aos Jesuitas para cederem á Inquisição o edificio da rua da Sophia. Os Jesuitas aproveitaram-se do pretexto do pedido, para fugirem á difficuldade da regencia dos dois Collegios, mas como habeis pediram uma compensação pela cedencia que faziam. Estavam presos no Santo Officio uns esposos que eram proprietarios da bella quinta de Villa Franca, na margem direita do Mondego; pelo facto de cahirem nas garras inquisitoriaes Diogo Rodrigues e sua mulher D. Guiomar da Costa, a quinta de Villa Franca foi-lhes confiscada para a Corôa. Os Jesuitas trataram de obter a Quinta de Villa Franca, para recreio dos seus alumnos, segundo o pensamento da *Monita secreta*: « introduzam-nos com opporlunidade nos Collegios e expliquem-lhes aquellas cousas que lhes forem mais agradaveis de qualquer modo, como são *as muitas quintas, vinhas e casas de campo aonde os nossos se recreiam*, para que melhor abracem a Companhia; etc. » (Cap. VIII.) A pretexto de compra, obtiveram pela influencia do jesuita Luiz Gonsalves junto de Dom Sebastião, que a Quinta de Villa Franca lhes fosse entregue em 1571, e depois de muitas evasivas na fórma da aquisição conseguiram que a venda por parte da corôa se transformasse em *esmola*, por carta de 9 de novembro de 1577.

Depois que os Jesuitas tomaram posse do governo do Collegio real, trataram de se tornar independentes da obediencia ao Reitor

¹ Apud *Compendio historico*, p. 4. — *Deduc. Chron.*, P. I, Div. II, §§. 57 a 61.

² Na rua das Solas, onde se acha o *Recolhimento das Convertidas do Paço do Conde*, segundo o snr. Martins de Carvalho.



da Universidade. O proprio padre Balthazar Telles, na *Chronica da Companhia* reconhece a necessidade da dependencia hierarchica dos estudos: « assim pedia a razão, que os Mestres das Escolas menores fossem, como membros das maiores, sujeitos todos ao mesmo Reitor. A esta duvida se respondeu por parte de El Rei Dom João III, por uma sua provisão passada no anno de 1557: = Que não obstante a repugnancia da Universidade, Elle queria e mandava que o nosso Collegio das Escolas menores tivesse total isempção das maiores e de seu Reitor e mais officiaes. = » Não contentes com esta trope-lia da organização do ensino, alcançaram os Jesuitas uma boa parte dos rendimentos da propria Universidade, e de usurpação em usurpação conseguiram tomar conta do governo d'ella, fazerem-lhe novos Estatutos e submetterem-na á dependencia do seu Collegio das Artes. Não antecipemos os factos. No systema pedagogico dos seus Collegios de Artes, os Jesuitas não fizeram mais do que reproduzir os methodos usados no Collegio de Santa Barbara, iniciados pelos Gouvêas, conservando os mesmos horarios, e as mesmas predilecções humanistas.

Portugal achou-se assim fóra do movimento da Renascença, apesar de ter dado á Europa os principaes philologos do seculo XVI; o fanatismo do poder real esterilizava as mais generosas reformas pedagogicas e as opulentas dotações dos estabelecimentos litterarios. A Imprensa do seculo XVI decahiu no seu desenvolvimento material, como vemos pelas queixas de André de Resende; e a sua actividade foi dispendida em dar publicidade a livros de theologia (406 obras, no total de 900, em que entram Litteratura, Historia, Viagens, Direito, Legislação e Sciencias naturaes).¹

A imperfeição material da Imprensa portugueza no seculo XVI era uma resultante da falta de concorrência no trabalho, estipendiado pela realeza ou pelos conventos. No Discurso pronunciado por Mestre André de Resende, em outubro de 1534 na abertura da Universidade de Lisboa, diz que receiava dar-lhe publicidade por causa da impericia dos typographos; n'esta Oração apparecem palavras gregas escriptas á mão, signal evidente de que n'este tempo não havia na officina de Germã Galhardo caracteres gregos.² O bom antiquario em uma carta a Dom João de Castro, datada de 16 de

¹ *A Imprensa portugueza durante o seculo XVI*, p. 13.

² « Quum ob alia multo, tum vero ob id maxime, quod ineptissimos ad eam rem typos essem habiturus. » — « Et obiter, ut quum turpidissimam adeo typographiam in urbe omnium clarissima, persperis, quam in animo instituisti nob. dare, quum de ea re mentionem fecissemus, adcelereres. » Res.

Março de 1547, torna a queixar-se da imperfeição da arte typographica: « e com as cousas d'este regno serem todas vagarosas, salvo os desgostos da vida, assi tambeẽ as artes e exercicios polidos teem tam poucos aparelhos e maxime esta arte de imprimir, para cá, que me leva tanto aa larga, que passa de hum anno que trabalho na impressam e nom tenho chegado a mais que aa metade, e a poer diligencia, hei ainda mister sex mezes largos. Isto com nunca sahir de casa do impressor, porque soo meio dia que lá non vou, arruinam tudo. » ¹

O que vêmos pela estatística da imprensa no seculo xvi, observa-se na concorrência exclusiva para os estudos humanistas como habilitação para as ordens ecclesiasticas, unica occupação social em que se tinha a existencia garantida sem trabalho; João Pedro Ribeiro falla de uma nova classe de clérigos que se ordenavam por *lettradura*, para serem providos em beneficios ecclesiasticos: « Tivemos no mesmo seculo (o xvi) um titulo de Ordenação, o da *lettradura* ou litteratura, desconhecido em direito commum. Em data dos Idus de Outubro de 1568, cenceceu S. Pio v a instancias dos Bispos d'este reino, que o Infante D. Henrique, então Legado Apostolico, podêsse facultar aos Mestres, Doutores, Licenciados e Bachareis formados em Theologia ou Canones, ou que tivessem estudado em qualquer Universidade as mesmas faculdades com aproveitamento, ordenarem-se a *titulo de suas letras*, sendo os seus Ordinarios obrigados a provel-os nos Beneficios que primeiro vagassem. Este Breve foi ampliado por outro de 25 de Agosto de 1569 a instancias do rei D. Sebastião em attenção á necessidade de maior numero de clérigos, estendendo-o a favor dos que tivessem estudado com aproveitamento os casos de consciencia em qualquer Universidade ou Collegio por trez annos, sendo os Ordinarios obrigados a soccorrel-os, para não serem sujeitos a mendigar em quanto os não provessem em Beneficios. » ² Toda a cultura litteraria reduzia-se a explorar ociosamente estes Beneficios; foi a esta deploravel situação social que o povo applicou o aforismo sarcastico: *Ou letras, ou tretas*, e porventura deverá considerar-se isto como a causa que levou o systema pedagogico dos Jesuitas a consistir no desenvolvimento exclusivo da *Instrucção secundaria* na evolução da pedagogia européa. Assim se perverteu a bella corrente do Humanismo da Renascença.

No emtanto já se ia esboçando um novo typo pedagogico, a

¹ Ap. *Boletim de Bibliographia*, p. 153. Coimbra, 1879.

² *Reflexões historicas*, t. 1, p. 35.

Instrucção primaria ou popular, que só veio a ter o seu desenvolvimento no seculo XVIII sob a iniciativa de Pombal. João de Barros, na *Grammatica portugueza*, de 1539, descreveu este esboço espontaneo do ensino primario: « Hũa das cousas menos oulhada que ha n'estes reynos, é consentir em todalas nobres villas e cidades, qualquer idiota e nam aprovado em costumes e bõ viver, poer escola de insinar meninos. E hũa çapateiro que he o mais baixo officio dos mechanicos, não põe tenda sem ser examinado. E este, todo o mal que faz, é danar a sua pelle, e nã o cabedal alheio; e maos mestres leixam os discipulos danados pera toda a sua vida, nam sómente com vicios d'alma de que poderamos dar exemplos: mas ainda no modo de os ensinar. Porque havendo de ser per hũa *Cartinha* que aby ha de *letera redonda*, por que os mininos levemente saberãm ler, e assi os preceitos de nossa fe, que n'ella estam escriptos; convertem-nos a estas doutrinas moraes de bõs costumes: *Saibam quantos esta carta de venda*. E depois desto *Aos tantos de tal mez*. E perguntado pelo costume disse *nichil*. De maneyra que quando hum moço say da escola nam fica com nichil, mas pode fazer milhor huma demanda que hum sollicitador d'ellas, porque mama estas doutrinas catholicas no leite da primeira edade. » Para substituir a leitura dos processos forenses, que ainda hoje se costuma fazer nas escolhas, João de Barros escreveu o pequeno tratado da *Viciosa Vergonha*.¹

Todos os esforços concorriam para o desenvolvimento da *Instrucção secundaria*, cujo degenerado caracter humanista se impõe ainda hoje, lutando com as disciplinas scientificas a ponto de se estabelecer em muitos paizes a *bifurcação* nos typos dos *Gymnasios* e *Realschulen*.

THEOPHILO BRAGA.

¹ Como vimos por João de Barros, o *Catecismo* andava junto á *Cartilha*, nas escolhas de ler, como resto da sua primitiva feição clerical, que ainda se conserva. No seculo XVI era o vulgar o *Catecismo pequeno* do Bispo de Ceuta, Diogo Ortiz, impresso em 1504, o qual figura na lista dos presentes mandados por D. Manoel ao Preste João. (*Boletim bibliographico*, p. 21 e 25).

OS SONETOS DE ANTHERO DE QUENTAL ¹

Dos prelos portuenses sahio ha pouco um volume devéras notavel, tanto pela nitidez artistica da impressão, como por ser um documento precioso para a historia da litteratura portugueza nos ultimos vinte e cinco annos. Firma-o um dos nossos maiores poetas contemporaneos e recommenda-o, n'um brilhante prologo panegyrico, um eminente publicista. É — *Os Sonetos completos* de Anthero de Quental, publicados por J. P. Oliveira Martins.

O nome aureolado e quasi lendario do auctor, a sua influencia salutar e revolucionaria no renascimento da nossa litteratura e sobretudo a importancia intrinseca do livro demandam um estudo mais demorado e não uma simples noticia bibliographica. Abrangendo o longo periodo que se estende de 1860 a 1884, esta collecção de sonetos, quasi todos já publicados em outros volumes ou dispersos em revistas e jornaes, apresenta rapidamente n'um só quadro aos olhos do leitor a evolução mental de Anthero de Quental e explica-nos em grande parte as origens do movimento litterario iniciado pela chamada *escôta coimbrã*.

O snr. Oliveira Martins repartiu os sonetos por cinco séries que

¹ *Os Sonetos completos* de Anthero de Quental, publicados por J. P. de Oliveira Martins. 4 vol. cart. de 48-126 pag. Porto 1886.

representam, por assim dizer, as diferentes phases, pelas quaes passou o espirito do poeta na sua evolução de um quarto de seculo. São estas: 1860-1862, 1862-1866, 1864-1874, 1874-1880 e 1880-1884. No presente estudo reduzil-as-hemos a tres mais características, denominando-as: *Periodo romantico* (1860-1866), *Periodo revolucionario* (1863-1874) e *Periodo metaphysico* (1874-1884), porque predominaram successivamente no seu cerebro as idéas artisticas, politicas e philosophicas.

I

Periodo romantico

Quem lesse tres sonetos d'este livro, cada um de sua época — como por exemplo os que se intitulam *Tormento do Ideal*, *A um poeta e Logos*, — descobriria tres estados de espirito bem distinctos, e, sabendo que eram do mesmo poeta, em vão tentaria explicar semelhante transformação. Só do conjunto dos sonetos colligidos se pôde deduzir a marcha intellectual do poeta. No emtanto cada um de per si define bem uma phase. O *Tormento do Ideal* revela-nos o estado intellectual de Anthero de Quental quando iniciou a sua carreira litteraria:

Conheci a Belleza que não morre
E fiquei triste. Como quem da serra
Mais alta que haja, olhando aos pés a terra
E o mar, vé tudo, a maior nau ou torre,

Minguar, fundir-se, sob a luz que jorre;
Assim eu vi o mundo e o que elle encerra
Perder a côr, bem como a nuvem que erra
Ao pôr do sol e sobre o mar discorre.

Pedindo á fôrma, em vão, a idéa pura,
Tropéço, em sombras, na materia dura,
E encontro a imperfeição de quanto existe.

Recebi o baptismo dos poetas,
E assentado entre as fôrmas incompletas
Para sempre fiquei pallido e triste.

(p. 7)

O poeta attingira o supremo grau de exaltação a que o roman-

tismo arrastou os mais bellos talentos do nosso seculo, inteiramente desnorteados por um doentio sentimentalismo christão e por um quixotesco cavalheirismo, desentranhado das lendas medievaes. A reacção dos eruditos, dos historiadores e dos philosophos contra o desdem negativista pela *noite da idade média* lançou a litteratura no exagero contrario que originou o veneno espirital de que foi victima a geração que nos precedeu. O mysticismo poetico, o culto da mulher e do amor e o ideal de castidade e pureza cavalheiresca, caracterizam essa regressão espirital ao mundo medievido, a qual, no contraste revoltante e no conflicto permanente com a vida positiva e industrial da nossa época, degenerava n'um estado de mal-estar e de duvida que despenhava a uns na orgia e na devassidão, transformando-os em agentes corruptores da sociedade, e a outros os impellia para o isolamento, para o scepticismo ou para a loucura. Anthero de Quintal, no seu primeiro periodo litterario, tinha chegado ao ponto culminante, ao momento critico da grande crise mental. Era um espirito robusto atormentado pelo ideal, como elle proprio se descreve no soneto transcripto:

Pedindo á fórma, em vão, a idéa pura,
Tropéço, em sombras, na materia dura,
E encontro a imperfeição de quanto existe.

D'ahi a sua tristeza, — a melancolia, a doença, o moral actuando sobre o physico. O poeta romantico, vivendo psychologicamente no melhor dos mundos sonhados, debate-se contra a realidade da existencia. A razão tenta em vão reagir contra a imaginação; o coração, tambem, reclamando a sua parte de vida affectiva, lucha de balde contra o ideal impalpavel da mulher.

A duvida oppõe-se debilmente ao mysticismo:

Pura essencia das lagrimas que choro
E sonho dos meus sonhos! se és verdade,
Descobre-te, visão, no céu ao menos! (p. 3)

Este terceto, com que fecha o soneto *Ignoto Deo*, pinta-nos o estado da alma do poeta, que suspira *pela eterna patria* (*Aspiração*, p. 8) e que espera em Deus para pôr termo a *este anceio* (*Psalmo*, p. 10). Soffrendo e chorando, parecendo-lhe *ter só nascido para dôres*, já lhe não resta outra esperança senão no céu:

Alli, ó lirio dos celestes valles!
Tendo seu fim, terão o seu começo
Para não mais findar, nossos amores. (p. 11)

S. Francisco de Assis ou Santa Thereza de Jesus, no seu esplendido lyrismo mystico, não tinham outra aspiração. Esta afinidade de idéas não é casual; pelo contrario, é um symptoma psycho-pathologico muito apreciavel. *Seja a terra degredo, o céu destino*, (p. 12) diz ainda o poeta, como diria o mais convicto adepto do christianismo. A realidade na terra para elle só consiste nos males e na dôr; por isso, *sempre o mal peor é ter nascido*. (p. 17) O espinho da duvida começou, porém, a feril-o; a lucta é inutil diante da incerteza das coisas, sobretudo quando

... o Destino

Paixa mudo e impassivel sobre o mundo. (p. 49)

Se n'este estado de exaltação romantica a duvida principia a reagir contra o mysticismo, tambem o coração faz ouvir a sua voz — a voz da carne :

Amar! mas d'um amor que tenha vida...
 Não sejam sempre tímidos harpejos,
 Não sejam só delirios e desejos
 D'uma doida cabeça escandecida...

Amor que viva e brilhe! luz fundida
 Que penetre o meu sér — e não só beijos
 Dados no ar — delirios e desejos —
 Mas amor... dos amores que têm vida...

Sim, vivo e quente! e já a luz do dia
 Não virá dissipal-o nos meus braços
 Como nevoa da vaga phantasia...

Nem murchará do sol á chamma erguida...
 Pois que podem os astros dos espaços
 Contra uns debeis amores... se têm vida ?

(*Amor vivo*, p. 25)

O homem não é simplesmente um espirito, não vive só de idéas; a vida animal exige o cumprimento dos seus direitos, a satisfação das suas necessidades. O poeta ama, mas tyrannisado sempre pela imaginação phantasiosa, attrae-o o indefinido, o vago — uma creança :

... lá nos montes onde andei,
 Tanto me enchi de angustia e de receio
 Ouvindo do infinito os fundos echos,

Que não quero imperar nem já ser rei
 Senão tendo meus reinos em teu seio,
 E subditos, creança, em teus bonecos!

(Pequenina, p. 27)

Esta paixão é naturalissima. Os quinze annos — a idade critica, em que a creança se transforma em mulher, quando não sendo já de todo creança, não é ainda inteiramente mulher, — são com effeito a melhor encarnação, — mas por um momento apenas — do ideal romantico que tornava escandescete o cerebro de Anthero de Quintal. Por isso diz no soneto — *Quinze annos* :

... creança, sé tu boa... e basta :
 Sabe amar e sorrir... é pouco isso ?
 Mas a ti só te quero pequenina !

(p. 30)

O poeta é, porém, incomprehendido por aquella a quem consagra o seu affecto, e o desalento volta, como se vê pela leitura dos sonetos *Nocturno* (p. 32), *Sonho* (p. 33), *Abnegação* (p. 35) e sobretudo *Amaritudo* (p. 34) e *Apparição* (p. 36). Este lyrismo de um sentimento verdadeiro, *vivido*, lembra por vezes o de Sully-Prudhomme. Anthero de Quintal compara-se a Christo :

Filhos ambos do amor, igual miragem
 Nos roçou pela frente, que escaldava...
 Igual traição, que o affecto mascarava,
 Nos deu supplicio ás mãos da villanagem...

(Na capella, p. 39)

Correndo atraz do amor, como D. Quixote á cata de aventuras, o cerebro transviado pelo romantismo, a imaginação insaciavel e indomavel, faz do poeta um desventurado. Leia-se o *Palacio da Ventura* (p. 42). O drama amoroso que transparece através d'estes bellos sonetos é uma historia vulgar, é a historia de todos os poetas românticos que, attrahidos pela encantadora seducção de uns quinze annos, encontram o riso inconsequente da creança — pomposamente qualificado de traição — em vez dos arrobos apaixonados de Julieta. Anthero de Quintal descobre-o no seu soneto *Jura* :

... jámais vi cousa
 Mais feroz do que um riso de creança !

(p. 43)

O ideal do poeta ultrapassa sempre a realidade ; a mulher com que sonha não existe,

É como uma miragem.....
 que nasceu na solidão,
 Nuvem, sonho impalpavel do Desejo...

(Ideal, p. 44)

A influencia perniciosa do romantismo no espirito de Anthero-de-Quental ainda não é de desesperar. É um doente da alma que por vezes reconhece o seu estado e sabe a razão do seu mal. *Emquanto outros combatem*, (p. 45) eis ahí a prova d'isso. Se fosse impellido para a acção, para a lucta,

Já não veria dissipar-se a aurora
 De meus inuteis annos, sem uma hora
 Viver mais que de sonhos e anciedade!

Já não veria em minhas mãos piedosas
 Desfolhar-se, uma a uma, as tristes rosas
 D'esta pallida e esteril mocidade!

(p. 45)

Com effeito só na acção, no *struggle for life*, encontraria esta victima do romantismo o remedio para os seus males. Elle proprio o reconhece, como acabamos de vêr, mas reconhece-o, porque n'essa época começava a transformar-se a sua existencia, entrava n'uma nova phase de sentir e de pensar, em que as preocupações pessoaes cediam o passo a outras de interesse social.

II

Periodo revolucionario

Anthero de Quental, durante a phase que fica descripta, passava por *doido* entre os seus contemporaneos; era um excêntrico, vivendo nos mundos da phantasia e afastado portanto intellectualmente da mocidade academica que o rodeava. No meio dos desalentos e dos dissabores da sua imaginação, correndo desregradamente atraz de um ideal intangivel, veio confortal-o e trazer-lhe uma nova esperanza a leitura de Quinet e Michelet, esses encantadores e sentimentaes apóstolos do verbo novo. O poeta romantico, triste e abalado pela duvida e pela desillusão, achou ahí uma derivante para o sentimentalismo que o consumia. O mysticismo christão converteu-se em sede de Justiça; o amor da liberdade, a dedicação pela

causa dos povos, occupou o logar deixado vago pelo idolo da mulher; o destino, em vez do céo, tornou-se o futuro. As *Odes modernas*, publicadas em 1864, marcam esta evolução; são a obra capital do poeta.

Leiam-se os sonetos *A Idéa* (pag. 55 e seg. dos *Sonetos*, ou pag. 31 e seg. das *Odes modernas* 2.^a ed.) e vêr-se-ha o auctor sulcando o novo rumo. A mão do Christo já não nos conduz, exclama elle (p. 56), é preciso buscar outro caminho (p. 57). Já a idéa de Deus foi posta de lado, porquanto, como diz o poeta, o homem tem de conquistar sósinho o seu futuro (p. 58), guiado, tendo por céo a Consciencia. (p. 62) A Natureza ergue-se em face da cruz (p. 64) e o Christo, perdendo a divindade, descendo da dextra do Padre Eterno, é o revolucionario por excellencia, o evangelizador da revolta, da guerra á oppressão. Os sonetos *A um crucifixo* (p. 63) e *Palavras de um certo morto*, traduzem esta ordem de idéas, mais largamente cantada nas *Odes modernas*, por exemplo na poesia *Sombra*. (p. 129) O illustre poeta, no auge do enthusiasmo, renega os seus sonhos romanticos e sente-se forte, prompto para a lucta pela idéa. (*Mais luz!* p. 65) Essa idéa, que constitue o seu ideal supremo, é a justiça, a *Justitia mater* (p. 68). Foi ella a Musa que inspirou as estrophes palpitantes, profundamente sentidas, *A Historia* e *Aos Miseraveis* (*Od. Mod.* 2.^a ed. p. 11 e 115).

É gosto vêr os thronos abalados
 Por essa ferrea mão, e vêr os cultos
 Por terra, e entre os altares alastrados,
 Vêr sob elles no pó deuses sepultos!
 Vêr os nomes dos *grandes* apagados,
 E as sombras dos *heroes* cheias de insultos...
 Porque esse sopro que o incendio atíça,
 E essa mão e esse braço... é a Justiça! (p. 119)

Anthero de Quental declara guerra implacavel ás instituições decrepitas, gastas; o mundo novo é um fim santo; chama, pois, os povos á lucta, os proletarios sobretudo, que são as victimas dos grandes, dos poderosos. O existente tem de ser aniquilado, afim de se reorganisar a sociedade em novas bases. A Razão e a Justiça completarão a obra da Verdade. A metaphysica dos democratras, dos socialistas de 1848, transparece a cada verso. O seguinte soneto *A um poeta* caracteriza sufficientemente esta phase do espirito:

Tu, que dormes, espirito sereno,
 Posto á sombra dos cedros seculares,
 Como um levita á sombra dos altares,
 Longe da lucta e do fragor terreno,

Acorda! é tempo! O sol, já alto e pleno,
 Afugentou as larvas tumulares...
 Para surgir do seio d'esses mares,
 Um mundo novo espera só um aceno...

Escuta! é a grande voz das multidões!
 São teus irmãos que se erguem! são canções...
 Mas de guerra... e são vozes de rebate!

Ergue-te pois, soldado do Futuro,
 E dos raios de luz do sonho puro,
 Sonhador, faze espada de combate!

(p. 70)

Os dez annos que vão de 1864 a 1874 são o periodo aureo da vida de Anthero de Quental. As *Odes modernas*, inaugurando este periodo, iniciam tambem a regeneração da litteratura portugueza. Theophilo Braga com a *Visão dos tempos* e as *Tempestades sonoras* toma uma parte igual n'este movimento. Surge a denominada *escóla coimbrã* e a famosa lucta dos novos contra a litteratura official e a chefatura litteraria de Castilho. O prologo d'este ao *Poema da mocidade* de Pinheiro Chagas provoca os energicos protestos de Anthero de Quental e de Theophilo Braga — *Bom senso e bom gosto* e *As theocracias litterarias*. Já anteriormente o insensato prologo de Castilho ao *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro tivera um justo correctivo na carta de João de Deus; o eminente lyrico, sendo o precursor da poesia moderna, foi tambem o primeiro a vibrar um golpe n'essa realza litteraria.

Esta revolução intellectual, que transformou a mentalidade portugueza e deu principio ao movimento litterario contemporaneo, é geralmente mal comprehendida. Não foi uma revolta contra a escóla romantica, na accepção verdadeira d'esta designação, mas sim a do proprio romantismo, que seguia a sua evolução natural, contra o romantismo falso, pretencioso e amaneirado dos mediocres companheiros e successores do grande Almeida Garrett. O lyrismo nacional sob a influencia do romantismo ostentou-se brilhante nas *Folhas cahidas* e na *Harpa do crente*. João de Deus é o verdadeiro successor de Garrett e Herculano. Anthero de Quental e Theophilo Braga, aceitam o lyrismo d'aquelle adaptando-o ás novas necessidades da concepção poetica. Estes dois poetas, quando se deu a *questão coimbrã*, eram tão romanticos, como todos os poetas do seu tempo. Em vez de cahirem, porém, n'um sentimentalismo convencional e postigo, seguiram a corrente natural e progressiva, que pouco a pouco transformou o romantismo no profundo movimento naturalista de nossos dias. Anthero de Quental comprehendia bem o destino da poesia. Escreve elle na *Dignidade das lettras e as litteraturas officiaes*, carta dirigida a Castilho (1865, p. 12): « A alma!

sim : é d'ella que precisa toda a litteratura que, em vez dos applausos que passam e dos interesses que rebaixam, tivesse por unica e nobilissima ambição levantar, melhorar os espiritos abatidos, ir adiante mostrando os caminhos encobertos do bem, responder ás necessidades moraes do tempo, dar um alimento sadio e forte á ancia, á fome e sede de saber e de sentir, ser emfim nacional e popular no grande e bello sentido da palavra. »

O espirito robusto de Anthero de Quental sente-se á vontade, expande-se desassombadamente n'esta lueta com a litteratura official. Sahindo da inacção, da inercia doentia, geradora de phantasmas, o seu talento adquire um vigor extraordinario ; não lhe basta o campo da arte para dar plena satisfação ás necessidades intellectuaes do seu cerebro. A politica, o meio social, seduzem o seu espirito, exigem a sua actividade. Os successos da politica estrangeira, — a revolução hespanhola de 1868, a queda do imperio francez e do poder temporal do papa, a communa de Paris e a proclamação da Republica em França e na Hespanha — vêm successivamente alimentar o incendio que lavrava nos melhores espiritos romanticos. Anthero de Quental foi dos mais influenciados. Vimol-o assim, em 1871, iniciar a propaganda revolucionaria com a publicação do periodico — *A Republica* — do qual eram collaboradores Oliveira Martins, Eça de Queiroz e Jayme Batalha Reis. O publico, mergulhado no profundo indifferentismo politico, interessando-se apenas pelos escandalos palacianos com que a *Lanterna* lhe aguçava a curiosidade viciosa, deixou morrer a folha doutrinaria. Appellou-se então para a propaganda oral, inaugurando Anthero as célebres conferencias do Casino. Eça de Queiroz, Adolpho Coelho, Augusto Soromenho, Salomão Saragga, José Fontana, Jayme Batalha Reis, Oliveira Martins, Augusto Fuschini, Guilherme d'Azevedo, Theophilo Braga e poucos mais o acompanhavam.

« As conferencias democraticas, escrevia Adolpho Coelho, representam a lueta da consciencia nacional que renasce pequena, isolada, sem apoio, sem esperanças de resultado até, perseguida pelos que deviam ser os primeiros a reconhecê-la, contra a maioria prodigiosa dos hypocritas e dos idiotas fanaticos. » (*A portaria de 26 de junho prohibindo as conf. dem. 1871, p. 7*).

As conferencias, porém, não obedeciam a um plano philosophico e muito provavelmente teriam passado despercebidas se a estúpida portaria do Marquez d'Avila, prohibindo-as, não lhes viesse dar enorme importancia e ligal-as indissolvelmente á historia do nosso movimento intellectual. Das que se fizeram, as duas de Anthero de Quental merecem particular attenção, quer pelo espirito novo que as anima, quer pela energia masculina da forma litteraria que as reveste.

O nome do eminente poeta vinculou-se tambem ao renascimento das aspirações democraticas no campo politico, esquecidas quasi desde o fallecimento do illustre Henriques Nogueira; foi elle, por assim dizer, o director espirital da secção portugueza da *Internacional* e da agremiação do nosso proletariado para a resistencia contra a exploração exercida pelos capitalistas. Em 1873, depois da proclamação da republica em Hespanha, ainda Anthero de Quental, com o concurso de Augusto Fuschini, João Tedeschi e José Fontana, formulou um programma para o partido republicano avançado, porém na reunião preparatoria para a formação do centro politico, triumpharam as ideias do grupo do *Rebate*, que foram generosamente perfilhadas pelo eminente poeta, constituindo-se logo o primeiro centro federal. Anthero, poucos dias depois, teve de partir para os Açores, chamado a receber a herança que lhe cabia pelo fallecimento de seu pae. Não poude, por isso, influir na vida ephemera d'esse centro. A 2.^a edição das *Odes modernas* são o mais bello documento d'este periodo de lucta, quando o poeta exclamava:

Combatei pois na terra arida e bruta,
Té que a revolva o remoinhar da lucta,
Té que a fecunde o sangue dos heroes!

(*These e Antithese*, p. 67)

N'este periodo, Anthero de Quental proclama a soberania da Razão no seguinte soneto, um dos melhores do livro:

Razão, irmã do Amor e da Justiça,
Mais uma vez escuta a minha prece.
É a voz d'um coração que te appetite,
D'uma alma livre, só a ti submissa.

Por ti é que a poeira movediça
De astros e soes e mundos permanece;
E é por ti que a virtude prevalece,
E a flôr do heroismo medra e viça.

Por ti, na arena tragica, as nações
Buscam a liberdade, entre clarões;
E os que olham o futuro e scismam, mudos,

Por ti, podem soffrer e não se abatem,
Mãe de filhos robustos, que combatem
Tendo o teu nome escripto em seus escudos!

Malgrado o movimento de agrupação dos operarios portuguezes, depois do mau successo da *grève* dos machinistas e fogueiros do caminho de ferro, reduzido o partido socialista no numero dos

seus adeptos e nas aspirações políticas dos primeiros momentos, Anthero de Quental, de regresso da ilha, acolheu-se de novo ao isolamento, fugiu da vida de acção e de lucta, depois de prometter em vão redigir um plano de trabalhos para a geração nova. Desde então começou a formar-se uma lenda em volta d'este homem, em quem por instantes havia posto as suas mais entusiasticas esperanças a nossa mocidade democratica. Era chegado o terceiro periodo — a phase da decadencia.

III

Periodo metaphysico

Durante seis ou oito annos, o nome de Anthero de Quental, pronunciado sempre com respeito e acatamento, não appareceu firmando qualquer trabalho litterario, que fizesse conhecer a sua existencia, que fosse um signal de vida. O silencio do poeta, o retrahimento do litterato e do politico, explicavam-o os seus amigos mais intimos por uma terrivel doenca que o minava. Com effeito o poeta soffria; porém o que os admiradores mais dedicados attribuiam ao physico, deviam sómente attribuil-o ao moral. A doenca que o atribulava era simplesmente uma recahida no estado de duvida e de desgosto produzido pelo romantismo. Oliveira Martins, no prologo dos *Sonetos completos*, deixa entrever esta verdade através do estylo rendilhado, quando diz que « na lucta entre o temperamento de stoico e a imaginação metaphysica, o seu espirito atribulado não conseguiu manter o equilibrio, porque as exigencias de critico e philosopho (alimentadas agora por leituras variadissimas e profundas) contrariavam ou contradiziam as suas visões de poeta. » (p. 21) O romantico, cuja imaginação na lucta com a realidade o acabrunhava e vencia, resurge-nos agora como no auge do primeiro periodo « pallido e triste ». O ideal impalpavel reconquistára a sua presa. O equilibrio entre a imaginação e a razão tornava-se de mais a mais impossivel; e apesar de ainda ha pouco entoar o *Hymno á Razão*, o poeta vai sacrificial-a nas aras do *Inconsciente* :

O espectro familiar que anda commigo,
Sem que pudesse ainda vér-lhe o rosto,
Que umas vezes encaró com desgosto
É outras muitas ancioso espreito e sigo. (p. 79)

As leituras de Schopenhauer e de Hartmann, da metaphysica allemã,

encontraram o cerebro de Anthero de Quental admiravelmente preparado pelo romantismo para do poeta fazerem um philosopho pessimista. Por esta fórma a philosophia germanica conquistava entre nós um lyrico notavel, ao passo que a regeneração nacional perdia n'elle um dos seus principaes representantes. A philosophia de Hartmann comprehende elementos de differente natureza, é um amal-gama das conclusões da sciencia moderna e da moral positiva com os principios metaphysicos que entram na esphera do incognoscivel e que são os restos de velhas entidades theologicas e espiritualistas. D'este systema philosophico Anthero de Quental recebeu principalmente a segunda ordem de idéas. Pelo contrario Gomes Leal no seu poema *O Anti-Christo* inspirou-se da primeira. Por isso, emquanto a poesia épica de Gomes Leal, fructo da philosophia allemã, é progressiva e consoladora, o lyrismo de Anthero de Quental, bebido na mesma fonte, só nos deixa no espirito desalento, tristeza e amargura. É um poeta da decadencia.

Não custará a adduzir provas em abono d'esta nossa opinião. Em 1880, anno devéras memoravel para a litteratura portugueza, um nome glorioso unira por instantes apenas, mas n'uma solidariedade sublime, todos os corações e todos os espiritos, para os quaes não é indifferente a vida da nossa nacionalidade. Não houve litterato, poeta ou artista, desde os mais mediocres até aos mais levantados, que não viesse trazer a sua pedra para o grande monumento intellectual erguido pelo seculo XIX a Camões. Notou-se, porém, a falta de Anthero de Quental. O grande épico não conseguiu fazer vibrar a lyra do poeta das *Odes modernas*; nem sequer um soneto inspirado por tal assumpto se encontra, quer na collecção publicada pela *Renascença*, quer na actual, mais numerosa do que aquella. Com razão escreveu o illustre critico Ramalho Ortigão: « *Os Lusíadas* são a pedra monumental sob que jaz a gloria da patria, e é n'essa pedra que terão de vir afiar as suas espadas de combate todos os portuguezes que se armarem para resistir a esta invasão terrivel com que luctamos e que se chama — a decadencia. » Anthero de Quental, no tempo em que o espirito novo animava a sua intelligéncia, dando amplo pasto á imaginação exuberante, ia aos *Lusíadas* afiar a sua espada de combate, — para empregar a bella imagem do critico, — e tirava d'elles a fórma altisónante da estrophe para nos cantar a *Historia* e lançar *Aos Miseraveis* palavras de justiça. Depois, quando o pessimismo invadiu o seu cerebro aniquilado pelas decepções do romantismo, não teve mais alma, nem coração para comprehender e amar o divino Camões. Deixára-se com effeito invadir por este grande mal — a decadencia.

Não será, porventura, um symptoma de decadencia cantar-se a morte, *Mors liberatrix*, como synonymo de Liberdade, como unica

consolação? (p. 78) No soneto *Mors Amor* (p. 80) mythifica o poeta a intima ligação do amor e da morte, no cavalleiro potente e formidavel que monta o corcel negro. É incontestavelmente um esplendido soneto, mas a idéa predominante da morte, sympathica aos olhos do poeta pessimista, ahí reaparece e com mais intensidade ainda no *Elogio da morte*, seis bellos sonetos que têm por epigraphe «Morrer é ser iniciado» da *Anthologia grega*. Eis o terceto final do ultimo:

Talvez seja peccado procurar-te,
Mas não sonhar contigo e adorar-te,
Não-ser, que és o Sér unico absoluto. (p. 108)

O desejo supremo do poeta é libertar-se da vida, perder a existencia individual em beneficio da existencia absoluta, esse Nirvãna do buddhismo, que é tambem a ultima palavra da metaphysica germanica. O Não-ser, o Nada, é paradoxalmente o Sér absoluto por excellencia. O mundo entretanto não passa de uma «tragica enxovia» e a luz do dia, considera-a cruel; a noite, pelo contrario, traz-lhe o descanso e o esquecimento, por isso o poeta deseja que

... o mundo, sem mais lutar nem vér,
Dormisse no teu seio inviolavel,
Noite sem termo, noite do Não-ser! (p. 89)

As trevas, só, apaziguam a anciedade, os soffrimentos do espirito; com effeito, debaixo de uma impressão tão negra, tão desoladora, tem razão o poeta quando exclama que não valia a pena ter nascido. (p. 96, *Consulta*).

Para se avaliar bem o abysmo metaphysico em que se despe-nhou o talento de Anthero de Quental leia-se o seguinte soneto: *Logos* (p. 115)

Tu, que eu não vejo, e estás ao pé de mim
E, o que é mais, dentro em mim — que me rodeias
Com um ninho de affectos e de idéias,
Que são o meu principio, meio e fim...

Que estranho sér és tu (se és sér) que assim
Me arrebatas contigo e me passeias
Em regiões innominadas, cheias
De encanto e de pavôr... de não e sim...

És um reflexo apenas da minha alma,
E em vez de te encarar com fronte calma
Sobresalto-me ao vér-te, e tremo, e exoro-te...

Fallo-te, calas... calo, e vens attento...
 És um pae, um irmão, e é um tormento
 Ter-te a meu lado... és um tyranno, e adoro-te!

D'este estado da alma ao mysticismo catholico vai apenas um passo, — passo que o poeta dá espontaneamente nos seus dois sonetos *À Virgem Santissima, Cheia de Graça, Mãe de Misericordia e Na mão de Deus*. Se o illustre escriptor não regressa inteiramente ao seio do catholicismo, d'onde partiu ao levantar o vôo para o campo do ideal, cahiu n'um grau congenere de mysticismo philosophico, que tem tantos pontos de contacto com o mysticismo buddhico, como com o mysticismo catholico. O fundo é o mesmo que se traz pelo descontentamento das coisas terrestres e pela aspiração da liberdade suprema depois da morte. Por isso pôde dizer, como o mais acerrimo dos catholicos :

Dorme o teu somno, coração liberto,
 Dorme na mão de Deus eternamente! (p. 121)

Em conclusão, os *Sonetos completos* demonstram-nos que Anthero de Quental é uma victima do romantismo. O conflicto das idéas absolutas com a realidade da vida, despenhou os melhores espiritos do romantismo no desalento e no desamor da existencia, que conduziu uns, como a Espronceda, a Baudelaire ou a Alvares de Azevedo, á embriaguez, á devassidão e á orgia, a outros, ao isolamento e ao desespero como a Anthero de Quental ou á indolencia e ao indifferentismo como a João de Deus. Só se salvaram os que, pelas necessidades da vida e pela constituição da familia, refizeram a sua educação intellectual como succedeu entre nós a Theophilo Braga.

Se o livro dos *Sonetos* tem de ficar na nossa litteratura como um bello documento do estado psychologico de um dos melhores talentos da época contemporanea, fica tambem infelizmente para attestar a decadencia do espirito robusto que com as *Odes modernas* inaugurou o movimento de regeneração da litteratura portugueza.

TEXEIRA BASTOS.

AS CONFERENCIAS NA ACADEMIA

VI

Ha um ponto essencial, que differencia as duas theorias, que apresentámos aos nssos leitores : a do mathematico Voizot, e a do illustre conferente da academia. É a estabilidade no systema da formao dos mundos.

Abandonadas no equador do Sol as moleculas geradoras do planeta, foram estas effectuando a sua revoluo no mesmo tempo em que se fazia a rotao d'aquelle astro.

Depois transformaram-se em globos, e estes chegaram a constituir um planeta.

Em seguida os dois astros continuaram a mover-se conjuntamente n'uma nebulosa de vapores com dois nucleos, variando a massa do segundo enquanto durou a penetrao no primeiro.

Separaram-se emfim, e a massa do planeta ficou ento determinada.

Veio logo a contrao da massa gazosa em cada um dos mesmos astros.

No final da contrao appareceu a incandescencia da respectiva atmospheria.

E por ultimo a solidificao e o resfriamento do nucleo.

Na gerao de cada satellite houve tambem sete épocas analogas ás da creao de cada planeta, conforme acabamos de indicar.

D'estas consideraoes nasce a explicao do movimento da Lua, em orbita situada fóra da superficie da espheria de igual attrao da Terra e do Sol.

Na origem todas as moléculas constitutivas da Terra foram destacadas do equador solar pela força centrífuga, desenvolvida na rotação do Sol em volta do seu eixo; do que resultou o movimento quasi circular da Terra em redor d'aquelle astro.

Depois, e por modo analogo, foi creada a Lua com as moléculas provenientes da Terra, as quaes a força centrífuga arrebatou a esta. Deixaram portanto semelhantes moléculas de pesar mais sobre o Sol, tanto as que produziram a Lua, como as que haviam sido destacadas para organisar o nosso planeta. E não se tendo realisado mudança alguma na situação relativa das moléculas da Terra com respeito ao Sol, vê-se com toda a clareza que a Lua deve necessariamente continuar a mover-se em volta da Terra na mesma orbita, que originariamente fôra traçada na massa gazosa do planeta, posto que esteja situada fóra da superficie d'igual atracção da Terra e do Sol.

Ampliando o raciocinio a cada satellite com relação aos seus planetas, e a cada um d'estes com respeito ao Sol, Voizot julga demonstrada a estabilidade do systema do mundo.

Laplace tinha tambem deduzido a estabilidade no systema solar, attendendo á invariabilidade dos eixos maiores das orbitas planetarias, e á pequena extensão dos limites em que variam as excentricidades d'ellas, e as inclinações sobre a ecliptica.

Alguns mathematicos, especialmente H. Wronski, criticaram as conclusões do immortal auctor da *Mecanica celeste*, entendendo que o raciocinio era uma verdadeira *petição de principio*; e o calculo repousava sobre hypotheses inadmissiveis.

Para integrar as equações do movimento dos corpos celestes, tem de suppôr-se com effeito que elles giram no espaço tão afastados uns dos outros, que se pôde abstrahir da sua figura, e considerar a massa reunida no centro de gravidade respectivo; o que não é absolutamente exacto, mas aproximado apenas á verdade.

Não é mais rigorosa tambem a supposição implicita, de serem solidos todos os corpos do systema; quando n'alguns planetas as extensas camadas liquidas, e nos cometas as caudas e os nucleos com os phenomenos conhecidos, ahi observados sempre, e contrarios ás leis da mecanica, excluem completamente semelhante hypothese.

Nas forças perturbadoras não entra a que provém da resistencia do ether, quando é certo pelas observações das passagens do cometa d'Encke no perihelio desde 1785, que as suas continuas retardações só podem ser explicadas por aquella resistencia.

Wronsky trata ainda de combater o modo por que Laplace concluiu a estabilidade do systema solar; e diz que nunca uma série, como a que representa as perturbações dos corpos celestes, pos-

to que seja composta de senos e cosenos dos multiplos dos movimentos médios, poderá manifestar a natureza intima da funcção, mas unicamente dará o valor numerico aproximado, quando fôr convergente, e se não tratar dos cometas, aos quaes não é applicavel.

E conclue que ha no raciocinio de Laplace, ainda prescindindo d'aquelles defeitos, um verdadeiro circulo vicioso; pois que, para demonstrar a constancia dos eixos maiores, funda-se na observação de serem então pequenas as excentricidades e inclinações das orbitas, e d'ahi infere que sempre o virão a ser, empregando para semelhante fim a mesma constancia de taes eixos, que deduziu da actual pequenez d'esses elementos!

Não ha duvida que o insigne auctor da *Mecanica celeste* se enganou; e o seu parallogismo proveio certamente da profunda convicção, que tinha o illustre mathematico, de que não podia deixar de permanecer estavel obra tão assombrosa, como é a do nosso systema planetario.

E o proprio critico, mostrando assim a sua perspicacia e os seus conhecimentos no assumpto, não impugnou essa estabilidade, antes a pretendeu deduzir do que chamou a *grande lei da harmonia na creação*.

Pois em objecto tão melindroso, que deu occasião aos mais abalissados homêns de sciencia commetterem erros, e verem-se obrigados a profundar estudos feitos anteriormente com extremo cuidado, falla o illustre conferente em tom dogmatico, e como se fôra um axioma de mecanica a destruição do universo!

«Estreitadas por diversas causas que a sciencia aponta, e entre as quaes figura, como primordial, a degradação da energia; e por fim reduzidas á linha recta todas as orbitas ellypticas descriptas pelos planetas, succederá, como acto final do drama em que a materia e a energia provocaram a acção, e acompanharam o desenvolvimento, o abysmarem-se todos elles no centro que os sustinha e vivificava; resultando d'essa quêda assombrosa e tragica uma enorme producção de calor, pela extincção do movimento, que será mais que sufficiente para fazer volatilisar todo o systema pelo espaço, levando-o assim a retroceder á nuvem primitiva, d'onde partira.

«É a circulação da materia n'uma das suas manifestações mais bellas e grandiosas.»

No seu brilhante livro *La chaleur* Tyndall havia escripto:

«A lei da conservação exclue rigorosamente a creação e a aniquilação. As vagas podem mudar-se em margens, e as margens em vagas; a circulação é sempre a mesma, e rôla em ondas de harmonia através da vida; e quantas energias ha na terra, bem como

o desenvolvimento dos phenomenos, não são mais que modulações ou vibrações da mesma e unica melodia celeste. »

Inspirar-se-hia o snr. José Horta n'este formoso trecho de Tyndall? Iria procurar ás experiencias de Joule a transformação da força em calor, e ás de Thompson o problema inverso?

Podia o talentoso conferente apresentar como hypothese a circulação da materia; á parte a impropriedade do local, e do auditorio, nada teriamos a dizer. Discursava com elegancia, compunha paginas agradaveis, misturava-lhes imagens felizes, enriquecia a lingua com vocabulos novos, e divulgava alguns conhecimentos por entre os primores do estylo. Pretender, porém, dar por certas as supposições, os sonhos e os devaneios dos innovadores, e tirar de tudo isso duas conclusões, qual d'ellas a mais extravagante: uma a aniquilação do systema planetario e até do universo; outra a exaltação do materialismo, como o imaginou Epicuro, é pelo menos falta de gosto, e principalmente carencia de rigor nos processos scientificos. Fosse então Büchner; não lhe seria notada a incoherencia e o desprezo da logica.

VII

Quando em 1867 appareceu em Paris, reproduzida no *Annuaire du bureau des longitudes*, a hypothese de Laplace sobre a origem do nosso systema planetario, julgaram os homens de sciencia, que era o convite para qualquer expôr o resultado dos seus estudos n'aquelle assumpto. E com effeito entre alguns escriptos, foi publicada uma excellente memoria de M. Seguin, correspondente do Instituto de França, na qual o illustre adepto da escola de Montgolfier, disse muito sensatamente o que se lhe afigurou haver de arrojado ou duvidoso na imaginosa theoria do celebre geometra.

Seguin observa com verdade, que em parte alguma Laplace toma em consideração, como ponto de partida ou como base dos seus calculos sublimes, os principios da gravitação universal á distancia, d'onde naturalmente derivam não só as leis que regem o movimento, mas ainda as que são a causa unica de todas as modificações possiveis da materia, em tudo que não constitue a sua propria existencia no estado de inercia.

Accepta o principio enunciado por Mongolfier sobre a origem e propagação da força; demonstra não poder ser o movimento nem creado nem aniquilado; e combate victoriosamente a hypothese da acceleração da velocidade da nebulosa primitiva até o ponto

da força centrifuga exceder ahí a gravidade, e destacarem-se então do equador os aneis geradores dos planetas.

Mostra em seguida como as condições physicas das moleculas materiaes, e as attracções a distancia, podiam explicar a formação do universo, da mesma maneira como se vêem em ponto pequeno as coisas que se passam aos nossos olhos, nas grandes crystallisações basalticas, nas immensas formações dos monolithos do Egypto, nos crystaes de quartzo e de mica das regiões visinhas do polo do norte, e até nos laboratorios chimicos.

N'esta ordem de idéas está escripto o trabalho de Voizot, que busca na hypothese de Buffon o auxilio dos choques para simplificar a theoria de Laplace, reduzindo as supposições que o eminente geometra se vira obrigado a fazer. Teve comtudo o cuidado de afastar da mesma origem do nosso systema planetario os asteroides comprehendidos entre Marte e Jupiter, julgando-os fragmentos do astro, que a lei de Bode ou Titius dava como existente n'aquelle intervallo, e que uma explosão interior, o choque de um cometa, ou outra causa qualquer, houvesse feito em pedaços.

Biot tinha suspeitado, que não era improvavel acabar um dia a attracção universal. Esta suspeita levou Angelot a formular tambem uma hypothese, baseada na conjectura do que haveria antes de existir essa força. Suppõe que a materia possuia no principio a mesma temperatura, e apparecia n'um unico estado, achando-se disseminada no espaço, e constituindo moleculas equidistantes e isothermas; ao que elle chama *homogeneidade statica da materia e da temperatura no espaço*. Apoiando-se então na lei conhecida, *que todos os atomos ponderaveis têm calor especifico igual*, qualquer que seja a sua natureza, imagina que é no instante da separação d'aquellas moleculas, que a força começa a manifestar-se. N'este immenso cahos, as resultantes das attracções reciprocas produziram diversos nucleos, que se tornaram centros de systemas solares, ou da reunião de varios d'esses systemas, taes como as nebulosas. E porque a attracção tinha de acabar, a pouco e pouco os satellites, aos quaes ia faltando a força que os sustinha na revolução em roda dos planetas, se aproximavam d'estes cada vez mais até finalmente cahirem. A mesma causa levava depois os planetas a terem identica sorte, abysmando-se no Sol, centro attractivo do systema, onde todos reunidos voltavam a constituir a nebulosa que lhes fôra berço.

Para este imaginoso inventor é claro, que não havia estabilidade no universo; pois que já presagiava a medonha catastrophe, com que nos ameaça o escripto do nosso illustre conferente. Ha só uma differença, posto que importante. Angelot, o precursor, havia formulado uma hypothese, e como tal a offercia aos seus contempo-

raneos; o sr. José Horta, o messias, fez o seu *almagesto* do seculo XIX, chamando-lhe sem provas a ultima palavra da sciencia.

VIII

Modernamente continuaram a formar-se theorias, que no fundo encerram a estabilidade do systema planetario, porque tendem a explicar como se mantem o calor do Sol, e se torna improvavel o seu resfriamento.

Uns suppõem, que o volume do astro se contrae; e que d'a hi resulta movimento e calor, que o vão remoçando.

Alguns pensam, que se dão n'elle reacções chimicas, de que deriva a conservação do calor.

Para outros a queda de muitos aerolithos, ou no astro ou perto d'elle, desenvolve calor bastante, para o refazer das perdas da irradiação.

Julgam varios astronomicos, que no Sol ha correntes do interior para a superficie e tiram o principal argumento das manchas do astro, indicadoras d'essas correntes de circulação, que ahi se desenvolvem desigualmente, visto que taes manchas só existem entre o equador e os pólos.

Siemens na sua *Nouvelle théorie du Soleil* imagina, que a velocidade do astro produz elevação no equador da sua atmosphera; e esta em contacto com o meio material que rodeia o Sol, e que se estende pelos espaços planetarios, tornar-se-hia n'uma especie de ventilador, o qual attrahiria a materia das superficies equatoriaes para as polares, formando corrente contínua. E d'este modo a renovação estaria feita.

Na sua theoria, *Sur la reconcentration de l'énergie mécanique de l'univers*, suppõe Rankine, que havendo um meio material interstellar, transparente e diathermico, incapaz de adquirir uma temperatura qualquer, o calor se transforma em movimento ordinario pela expansão da parte da atmosphera, que vai irradiar-se no espaço. O movimento converter-se-hia depois em calor, e este se reflectiria e concentraria em fôcos a ponto de fazer volatilisar algumas estrellas, produzindo uma reserva de poder chimico á custa de uma equivalente quantidade de calor irradiante.

O illustre conferente da academia não consumiu o seu tempo a expôr e refutar estas hypotheses, o que talvez lhe não seria muito difficil; aproveitou alguns dados das observações feitas no Sol; imaginou a impossibilidade da renovação do calor do astro e

sem maior exame traçou a empirica e deploravel conclusão, de que havia necessariamente de esfriar e morrer !

Vejamos o tom plangente, em que está escripto o terrivel agouro :

« Sabe-se hoje, senhores, por testemunhos, senão infalliveis, todos contestes, que o Sol é constituído por um nucleo gazoso em alta temperatura, como de boa lei era, por ser ahi o fóco onde se adensou mais intensamente a nebulosa primitiva que dera origem a todo o systema; e que esse nucleo, pelas funcções que lhe andam annexas, póde sem offensa de nenhuma analogia, considerar-se o *coração do astro*, por ser n'elle e por elle que circulam as correntes vivas de toda a actividade que dispensa. O seu organismo exterior compõe-se fundamentalmente do que se denomina a *photosphera*; agglomerações confusas de massas incandescentes, ou turbilhões de manchas luminosas banhando-se n'um fluido menos brilhante, e variando a cada instante por effeito do seu movimento, assim de aspecto como de intensidade; e finalmente da *chromosphera*, especie de véo luminoso e transparente tecido de hydrogenio quasi puro, que abriga e preserva o astro do seu contacto immediato com o ether do espaço, e que o corôa com uma aureola d'ouro, como se fôra para lhe afirmar a soberania, nas épocas escuras dos seus eclipses. São as nuvens brilhantes da *photosphera*, ou essas massas incandescentes, que vagueiam e rutilam como phosphorescencias pelos mares superiores do astro, o órgão, que no crêr da sciencia, fabrica por artificios dynamicos e chimicos toda a luz e calor, com que o sol nos alumia, aquece e vivifica.

« Pela alta temperatura em que se encontram, as nuvens da *photosphera* irradiam para o espaço o immenso cabedal de calor e luz que possuem, esfriam-se em consequencia, e logo, ficando mais densas do que a materia fluida onde sobrenadam, cahem pelo seu peso para o nucleo do Sol, aonde, e a cujo lar sempre em actividade, se restauram de novo, para de novo ascenderem para a superficie no estado de vapores dissociados, e ahi continuarem a sua obra de persistente irradiação. As manchas do Sol são portanto immensos turbilhões de materia, estabelecendo a circulação da vida, que importa a *circulação da materia*, entre o interior e exterior do grande astro. O Sol é como se fôra uma machina thermica perfeita, onde a massa interior representa o *fogão*; o espaço ethereo, a *origem do frio*; a *photosphera*, o *condensador*; e a invariabilidade das temperaturas, em que se produzem, e em que se destroem as combinações chimicas da substancia solar, o *regulador* inconsciente de toda a actividade d'essa extraordinaria machina.

« Porém ainda aqui, senhores, a natureza não se desmente um

apice na sua intransigente philosophia, que toda se resume em tudo destruir, para tudo renovar. O fogão da machina ir-se-ha resfriando com o tempo; porque a sua alimentação não equivale ao seu dispendio; visto que se perdem incessantemente pelo espaço parcelas e parcelas de calor, subtrahidas sem remedio nem compensação ao centro vivificante. E comquanto a machina possa a espaços experimentar recrudescencias de actividade pela queda eventual de alguns *bolides* ou *planetas*, que desviados de suas orbitas foram attrahidos pela massa preponderante; é certo que o seu esfriamento total é infallivel, e acha-se escripto nas ordens immutaveis da natureza physica. Porém o esfriamento successivo, e graduado do astro do dia, vai reflectir-se tambem gradualmente sobre os parametros das orbitas dos planetas; e por tal fórma e regra caminham de par estas duas influencias, que, quando o astro se esfriar de todo, toda a familia planetaria se precipitará no centro, e a morte do systema, como systema, como systema, por volatilisação, ter-se-ha consummado para todo o sempre.»

Quem disse ao snr. José Horta, ou que provas tem s. exc.^a para o assegurar, que o Sol *perde parcelas e parcelas de calor sem compensação*? Porque a não haverá?

Não leu o illustre conferente as seis theorias, que em resumi-das palavras extractámos? Sem duvida que leu; porque lá foi referindo, que pela queda de *bolides* ou *planetas* a machina podia experimentar recrudescencias de actividade!

E d'onde lhe veio essa idéa, dogmaticamente affirmada, que o *resfriamento total do Sol é infallivel, e acha-se escripto nas ordens immutaveis da natureza physica*? Tenha caridade, snr. José Horta, com os tristes proletarios da sciencia: demonstre-nos as suas arrojadas proposições.

Se, como alguns astrónomos imaginam, o Sol fosse um poderoso magnete, que attrahisse constantemente a si a materia diffusa produzindo-se repetidos choques na sua superficie, e desenvolvendo-se permanentemente innumeraveis fôcos de calor? Ainda perderia então o astro *parcelas e parcelas d'elle sem remedio nem compensação*?

Não pense o nobre conferente que vamos defender esta hypothese. Não cremos em nenhuma no estado actual da sciencia. E é por isso que lamentamos, que um homem de incontestavel talento, e de larga erudição, ponha o seu notavel estylo ao serviço de chimeras, vindo apresental-as ao publico em fórma de conclusões logicas.

Outra inducção pretende o talentoso professor tirar do estado actual da Terra:

« A Terra foi outr'ora uma machina thermica tão perfeita como

o Sol, por essas remotas eras em que o calor interno do globo podia ainda influir directa e efficazmente na lida evolutiva da sua economia. »

Isto suppõe que o nosso planeta sahio da nebulosa do Sol; do que debalde procuramos a demonstração, e no que temos avultadas duvidas. Suppõe mais que o esfriamento partiu da superficie para o centro; pois que logo acrescenta :

« O esfriamento e consolidação das camadas superficiaes; os deslocamentos a que essas camadas estão sujeitas pelas explosões do interior; a formação de novos e instaveis relevos por virtude d'essa causa, e dos depositos successivos dos mares e dos rios; a *circulação* dos gelos, que ora se amontoam, ora se desfazem, assim nos pólos como nos visos das montanhas; as marés e os ventos alisados; tudo tem concorrido e vai concorrendo para imprimir o carácter da instabilidade á fórma ainda hoje mal definida da superficie terrestre. »

Lyell apresenta na sua *Geologie* argumentos tão fortes contra a theoria do calor central, que ninguem se atreveu depois d'isso a pretender explicar por ella os phenomenos sismicos e volcanicos; para o illustre conferente houve, porém, um facil achado harmonisando tudo pelas *explosões do interior dando origem a relevos instaveis*, que são filhos tambem dos depositos successivos dos mares e dos rios!

Combinações chemicas e calor central! Servem-lhe ambas as coisas!

Como foi, porém, que o ñobre conferente demonstrou que o arrefecimento da Terra devia ter-se effeituado a partir da superficie para o centro?

Quando o geometra Poisson escreveu a sua memoria sobre a theoria mathematica do calor, partiu da hypothese de que o esfriamento principiára no centro e terminára na superficie. Quando Fourier retomou o assumpto, partiu de hypothese inteiramente contraria! E em presença de taes difficuldades, e de opiniões tão desencontradas, o snr. José Horta limita-se a dar como demonstrado o que tem na sua potente e exaltada imaginação!

« A Terra ainda hoje funciona como uma machina thermica, porém já limitada e reduzida no seu organismo. O calor do sólo, riqueza accumulada pela irradiação solar, representa o seu fogão; o embolo é a atmosphaera envolvente do globo; a caldeira é a superficie livre dos mares; o frio dos espaços celestes e o frio dos pólos constituem o seu condensador. Toda a vida e modalidade dos phenomenos terrestres dependem, por leis funcionaes, do exercicio activo e permanente d'esta machina portentosa. »

Sempre a força das imagens a encobrir a falta d'argumentos!

É um formoso trecho litterario, semelhante ao que escreveu a respeito do Sol ; mas destituído da minima prova scientifica.

O que espanta deveras é este dogmatismo, que na sua prodigiosa carreira chega a dizer, que « nas outras terras do nosso systema, *comquanto nos não sejam conhecidos nem a sua structura nem o seu organismo interno*, TUDO nos INDUZ a crêr em face das *apparencias*, que a circulação da materia inda é a causa, e encerra a explicação de toda a trama dos seus phenomenos. »

Não é necessario mais. Basta mostrar aos leitores este periodo, que está chamando em altas vozes pelos preceitos do velho Genuense. Não se conhece a structura, nem o organismo interno da Lua, de Venus, de Marte, de Jupiter e de Saturno ; mas todas as *apparencias induzem a crêr* que anda por lá a *circulação da materia*, motivo predilecto dos canticos do snr. José Horta !

Não ha duvida, que o sabio lente se inspirou nos trabalhos de Soury, o qual na sua *Philosophie naturelle* entoou o canto funebre sobre os destinos da Terra.

« Quando a gradual diminuição dos movimentos planetarios, constantemente retardados pelo ether, e pela resistencia das marés, e quando a transformação d'esta resistencia em acções moleculares, levarem todos os corpos do nosso systema solar a aggregar-se n'um só ; quando o Sol tiver dispersado, depois de correr immenso tempo, o seu calor e a sua luz na amplidão dos frios espaços, ficando extinctas as plantas e os animaes da Terra deserta, invadida pelas trevas da noite, então sob a influencia de qualquer choque exterior, *talvez* esse cadaver de um mundo se desagregue, e de seus elementos saia outra nebulosa, contendo em si a resurreição de novos mundos. »

Esta passagem inspirou por ventura ao illustre conferente da academia, mas com uma differença notavel. Emquanto J. Soury apenas *suppõe*, tendo o cuidado de empregar a palavra *talvez*, o snr. José Horta dá tudo como demonstrado, e como sendo a ultima palavra da sciencia !

A Lua serve tambem ao talentoso professor para affirmação do seu imaginoso systema :

« O aspecto frio, desolado e cadaverico da sua superficie, testemunho visivel da impetuosidade das convulsões volcanicas, que o satellite tem experimentado ao longo do tempo ; e se nos fosse licito tambem acrescentar, como prova subjectiva do facto, a suave melancolia que inspiram os seus doces e amortecidos clarões ; tudo faz crêr na sua morte proxima, e na imminencia, já hoje vaticinada pelos astronomicos, do seu regresso para a origem, e da ulterior solidariedade dos seus destinos com os Fados da Terra.

« A pallida Diana, senhores, essa formosa deusa que tem feito

scismar e enternecer tantas almas sensiveis; que tem estimulado o estro, e provocado o canto de tantos poetas sonhadores e elegiacos; que tem feito vibrar de amor tantos corações apaixonaveis; está a pique de agonisar, victima inconsciente dos fogos em que ardia.

« Assim é de tudo, e assim succederá a tudo.

« De cada tumulo surgem novas florações da vida; e sobre as ruinas do que perece, architectam-se e coordenam-se novos typos e fórmas novas igualmente extinguiveis, que por seu turno hão de ceder o logar a novos e mais vigorosos elos d'essa cadeia de ouro sem principio nem fim, a que se chama *Natureza*. »

Attendam os leitores. *A pallida Diana, a formosa deusa da fabula, que tantas almas sensiveis tem feito scismar e enternecer, é que serve de argumento ao romance do snr. José Horta! E de que natureza, santo Deus! A pobresinha da Lua, com o aspecto frio, desolado e cadaverico de sua superficie, e se fosse licito acrescentar, como prova subjectiva do facto, com a suave melancolia que inspiram os seus doces e amortecidos clarões, vive ameaçada de morte proxima, e está a pique de agonisar, victima inconsciente dos fogos em que ardia!*

Coitadinha da Lua! Morre queimada!

Mackinstoh, na sua *Théorie électrique*, admittindo que a Lua cahisse no oceano, conjectura que, se ella fosse ôca, formaria ahí uma ilha com as dimensões da Australia; e que se o seu volume ainda contivesse a massa compacta, occuparia todo o leito dos mares, e produziria na Terra um diluvio universal.

Porém admittida que estivesse a probabilidade de se dar uma catastrophe no planeta que habitamos, ou pela queda do nosso satellite, ou por quaesquer outras causas, resultantes da instabilidade supposta do systema solar, mostra o calculo que é muito recente ainda a formação da Terra, para se receiar o prophetisado acontecimento.

Emquanto houver atmosphaera nos planetas, e calor no Sol e no espaço, a superficie não esfriará, e a morte dos astros não virá por este motivo. Diminuem embora as marés a rotação da Terra, seja porventura variavel a duração do dia sideral, haja agora perda apreciavel no calor do globo, todos esses assombrosos phenomenos, de que se ignora a explicação perfeita, mal poderiam marcar o limite da época afastadissima, em que haveria de succeder o cataclysmo.

« O universo existe em estado perpetuo de transformação: nada ahí é estavel; tudo revela constante evolução. As reacções chemicas das primeiras idades do mundo, a formação dos primeiros terrenos terciarios crystallisados, parece não poderem explicar-se pelas leis

actuaes da sciencia. Os movimentos dos cometas são muito diversos dos observados nos planetas. Isto *tende a provar*, que se effectuam notaveis mudanças com o andar do tempo e com a diversidade apparente dos corpos. As transformações, hoje reconhecidas, dos vegetaes e animaes, através dos seculos, não poderiam explicar-se sómente pela selecção natural; mas seriam devidas principalmente á modificação successiva da materia e das forças.»

Bleunard, que no seu livro *Le mouvement et la matiere*, aventou estas idéas com a sufficiente cautela, pondo sempre a duvida, e concluindo pelas phrases *parece, tende a provar*, foi tambem inspirador do snr. José Horta. Nem elle, nem um unico dos auctores, que temos citado, se atreveram comtudo, em assumpto de tão grande obscuridade, a dar como assentado o que por emquanto só pôde considerar-se mera aspiração scientifica.

A verdade até agora reconhecida é que não passam de hypotheses, mais ou menos plausiveis, mais ou menos arrojadas, as theorias da formação do universo, e restrictamente do nosso systema planetario. E ainda quando alguns systemas estellares houvessem de morrer, renasceriam outros; sendo a volta de todos os astros á supposta nebulosa, d'onde teriam partido, uma incomprehensivel utopia, contraria aos factos observados, e ás investigações physicas e astronomicas.

Hoje a explicação mecanica do universo é absolutamente impossivel.

IX

Na terceira applicação, que o snr. José Horta faz do seu principio, não é decerto mais feliz. Diz elle com respeito á arte:

«A lei da perpetua *circulação das coisas*, de tudo que existe, existiu ou ha de existir, por isso que é *generica*, não podia limitar-se, nem se limita exclusivamente aos phenomenos de *ordem material*; senão que abrange no seu preceptivo codigo todas as esferas onde por qualquer maneira se revele actividade ou energia.»

O illustre conferente, ao fallar da arte, envergonhou-se de chamar á sua theoria *circulação da materia*; crismou-a para *circulação das coisas*. E fez mais ainda: renegou as doutrinas de Epicuro, Demócrito e Tito Lucrecio Caro, de que fôra até aqui acerrimo defensor, e declarou expressamente que a sua lei não abrangia exclusivamente os phenomenos de *ordem material*, por isso que é *generica*!

Quem tal diria? Como foi possível, que se convertesse em Paulo o intransigente Saulo, que só tinha duvidas, ácerca do modo por que *a materia, sendo cega, apenas posta em movimento, se resolve a pensar, a estabelecer o livre arbitrio, a inventar a consciencia e a fundar a razão!*

Agora apparecem no mundo coisas, que já não são unicamente productos materiaes! Assim declara o illustre conferente que:

« Os povos, as civilisações, as linguagens, as artes, as industrias, as sciencias, as religiões, o que são e o que têm sido ao longo da historia, senão organismos de um momento, a que se tem seguido necessarias ruinas, que depois vão ser compensadas no livro de contas da natureza por novos e auspiciosos renascimentos? »

O sabio professor teve a tentação de explicar, *pelo criterio da sua philosophia*, dadas as differenças dos climas, e conhecida a distribuição das gentes nos diversos periodos da historia, *os caracteres especificos e distinctivos de toda a elaboração humana ao longo do tempo e do espaço*; mas recuou diante de *um quadro demasiadamente extenso e complexo, que excederia os limites da sua these*. Não ambicionou a gloria de frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo; abandonou o plano de offerecer conclusões de *omni scibili*, e limitou-se ao estudo de *um unico ramo da actividade humana, a arte, que mais parece distanciar-se da materia e das suas leis*.

Hesitavamos sobre qual dos dois criterios, o de Saulo ou o de Paulo, elle teria, o snr. José Horta, estribado essas investigações, que certamente estão feitas ha muito; mas as ultimas palavras, que sublinhámos, desvaneceram todas as duvidas. O Paulo não ficou de todo convertido, e tem saudades da sua liberdade de Saulo. « *A arte é o que parece distanciar-se mais da materia e das suas leis* »; e, como *parece*, fica hem claro que não se sabe se é; e triumphava novamente a philosophia de Saulo.

Discursa o erudito conferente ácerca das manifestações da arte, que para elle é uma só, bem como o é a sciencia, á semilhança do *unico Sol, que ha em o nosso systema planetario*. *Todas as variedades e modos especificos de representação do bello, todas as inspirações humanas: pintura, esculptura, architectura, poesia, musica e oratoria, constituem a arte, que é producto necessario dos affectos, dos sentimentos, das dôres, dos sonhos, das alegrias, das aspirações, das tristezas, e emfim de tudo quanto estimula, vivifica, ou apaixonava o sér humano*.

É um formosissimo trecho, como os sabe compôr o fecundo romancista da *circulação da materia*. Houve apenas ali um pequeno lapso. *Nas variadas inspirações do bello, que a arte aquece e illumina com seus mil raios, esqueceu mencionar a dança!* Porque

seria esta notavel omissoão? Que mau olhado lançaria Terpsichore ao duto academico?

« *A arte varia com as mutaçoões do gosto; tem por objectivo fazer vibrar mais intensamente a individualidade humana, transportando para a fórma as leis da harmonia e das proporçoões, que constituem o encanto das obras da natureza; e portanto tinha de seguir e seguiu, nos seus variados aspectos e modos de representaçãõ, a lei geral do movimento, a que se não exime nenhuma especie de energia, por mais qualificada ou ambiciosa que seja. De symbolica a arte volveu-se em classica, e das ruinas d'esta brotou a arte romantica, que por seu turno deu logar á arte eclectica e scientifica, que é a arte predominante e caracteristica dos nossos tempos.* »

Ora ahi está a razão por que a *choreographia* não foi considerada como variedade e modo especifico de representaçãõ do bello. A dança teria sido primeiramente *symbolica*; depois converter-se-hia em *classica*; em seguida tornar-se-hia *romantica*; e agora estaria transformada em *eclectica e scientifica*! Seria um terrivel concorrente á *materia circulante* do snr. José Horta; seria peor que a dança macabra, ou que a dança de S. Vito! Era de necessidade, pois, desaparecer da lista dos productos das aspiraçoões e das alegrias da especie humana!

« A arte nasceu, medrou, e finou-se no Oriente, havendo atravessado uma existencia sempre confrangida e apertada nos estreitos moldes de um convencionalismo regrado e sem liberdade. »

Esta é claro que só podia ser a arte *symbolica*, segundo a classificaçãõ do illustre conferente; mas quando pensavamos que ella se volveria em *classica*, eis que n'este periodo a encontramos já morta, contra o principio da *circulaçãõ das coisas*!

Depois o triste Lazaro resuscita sob o poder do novo Messias. « Do Oriente a arte resurgiu na Grecia, onde, vivificada por um clima excepcional e por instituicoões generosas e beneficas, em breve assumiu um alto grau de esplendor, de que as luminosas vibraçoões ainda hoje se sentem pelo mundo inteiro; para mais tarde decahir, seguindo a ordem natural das coisas, por extenuaçãõ de forças e enfraquecimento de estimulos, n'um longo crepusculo, que lhe precedeu a morte. »

Temos aqui a arte *classica*. Parece que não houve transformaçãõ. *Resurgiu e de novo morreu!*

« Renasceu depois na Italia, onde adquirindo novos orgãos e attributos novos, ganhando assim em força, ambito, e complexidade de funcçoões, o que porventura perdera em belleza; logrou fulgurar um instante no mundo; para em seguida cahir exanime no

circo, que ella mesma havia creado, como o luctador romano ebrio de orgulho e da saciedade.»

Esta, por um lado, figura ainda como arte *classica*, visto reproduzir os modelos da civilização grega; por outro lado, tem de ser já a *romantica*, para obedecer aos preceitos da classificação do illustre conferente.

De modo que *renasceu*, e ficou, em parte, *classica* e em parte, *romantica*! Tal descobrimento é que ninguem havia feito até hoje.

D'esta vez a arte não chegou a *morrer*; tinha cahido exanime no circo, d'onde certamente se levantou; porque no periodo seguinte do romance do snr. Horta lê-se que:

« Da Italia, *depois de varias circumvoluções pelo espaço*, onde as auras poderam depositar alguns germens de belleza mais ou menos ephemeros, a arte veio fixar-se em toda a Europa culta, aguardando ahi novos estímulos e condições novas para futuros renascimentos e consequentes progressos.»

Apparecem as mesmas duvidas que antecedentemente. Esta será a arte *romantica*, ou a *eclectica e scientifica*? E por quaes regiões do *espaço circumvolaria* a pobresinha, antes de encontrar a *Europa culta*, e *ficar-se ahi d'espera de novos estímulos e condições novas para futuros renascimentos e consequentes progressos*? Devia ter sido trabalhosissima, e muito improductiva a viagem, pois que as auras só *poderam depositar na fugitiva alguns germens de belleza mais ou menos ephemeros!*

Os leitores ignoravam provavelmente, como nós tambem, as causas extraordinarias, que produziram semelhantes phenomenos. Ellas ahi vão. Formam o lindissimo fecho d'esta applicação da lei do snr. José Horta: verdadeira chave de ouro de tão formosa poesia.

« É porque as artes, senhores, assim como as civilizações, de que são um aspecto e um criterio, importam organismos vivos, palpitantes, evolutivos; que nascem, crescem, decahem e morrem, como succede a tudo que o sol alumia, para mais tarde, gloriosas phenix, resurgirem de novo, sedentas de espaço e de luz, do fecundo seio da natureza, onde tudo se remodela e refaz. É a circulação da materia n'uma de suas fórmias mais subteis e intangiveis.»

Ainda bem que d'esta vez a arte ficou rehabilitada. Quando o illustre professor a declarou *uma e unica, como a sciencia o é tambem*, acrescentou logo: *se porventura ella não é a propria sciencia applicada ao culto do bello, como a industria é a sciencia applicada d'exploração do util*. Ora na conferencia acerca dos *infinitamente pequenos* a misera tinha sido considerada um verdadeiro contraste da sciencia. Na pag. 5 lia-se com effeito o seguinte:

«Tudo, senhores, tudo sem excepção, tanto o grande como o pequeno, o sensível como o inerte, o organizado como o inorganico, o *espiritual como o physico*, a dôr como a alegria, a *arte como a sciencia*, a vida como a morte; tudo emfim deriva como de fonte inexaurível do atomo que é eterno, combinado por leis fixas e immutaveis com a *energia*, que o é igualmente.»

É verdade que em 1884, quando na academia foi lida a conferencia, ainda para o snr. José Horta havia coisas *espirituaes* apesar das eternidades do atomo e da energia, que o mesmo partidario do materialismo proclamava com a maior convicção!

Coherencias de escola!

X

A applicação da lei ao estudo da vida não é mais feliz.

Este capitulo foi escripto a medo. O acerrimo defensor do materialismo abandonou o tom dogmatico, de que usára até aqui, para confessar que no *exame apaixonado do mysterio da vida têm naufragado tantas e tão arrogantes philosophias!* E, em vez de evangelisar, pergunta modestamente:

«Será acaso a vida, como parece inferir-se de *muitas e concordantes provas*, um producto especifico da materia universal, uma fórma, um modo de ser peculiar de certos atomos, que longos e anteriores movimentos dispuzeram e coordenaram em fórmas systematicas e definidas, á similhança do que succede com os *crystaes*, cujo typo se vai caracterisando e desenvolvendo pela sobreposição orientada de seus atomos constituintes?»

Muitas e concordantes provas é que certamente não ha; porque n'esse caso deixaria de existir motivo para a pergunta, ou o illustre conferente não possuiria logica. E quanto a deduzir a vida do movimento dos atomos, conforme elles operam na *crystallisação*, faltaria mostrar como de taes condições nasce o entendimento e a consciencia. Ainda que dessemos estes attributos a cada um dos atomos, observa Du Boys Reymond, que se não comprehenderia a consciencia unitaria do individuo. E se fosse possivel, que um unico atomo do cerebro se afastasse, por effeito do pensamento, ainda que fosse apenas o espaço de uma millionesima de millimetro, do caminho que é obrigado a percorrer em virtude das leis da mecanica, a fórmula do universo não seria completamente applicavel, e tornar-se-hia desprovida de sentido.

Continuam as duvidas do illustre conferente.

« A profusão e variedade da vida nos quadros activos da natureza; os infinitos primores, de que ella é uma synthese e uma maravilha; as mil fôrmas e estylos que ella reveste e ostenta; a sua plasticidade e appropriação ao ambiente que a alimenta e preserva; a sua fixidez perpetuada no tempo, ante as fôrmas uma vez adquiridas; o grande e o pequeno entretecendo-se por mil engenhosos artificios na textura e duração d'esse admiravel phenomeno; a sua infinita elasticidade emfim dentro de cada molde que a define e especifica, e que bem alto demonstra a que grau de caprichoso, de inesperado, e até de inverosimil, podem attingir as fôrmas da materia quando por infinitas combinações, de infinitos elementos, no infinito do tempo, logram adquirir um equilibrio estavel; não dará acaso, senhores, todo este conjunto de maravilhas, que a vida importa, e em si compendia, uma certa miragem de plausibilidade aos que pretendem desligar esse phenomeno das leis dynamicas da materia universal? »

Este grito da consciencia ficou, porém, logo abafado em presença dos preconceitos da escôla. Não respondeu; mas perguntou:

« E para que? E porque, senhores?! Será porventura *curial e scientifico* o ir mendigar a leis extra-physicas, e portanto sobrenaturaes, a explicação de um phenomeno, que, comquanto maravilhoso em si, pôde e deve, a despeito de algumas obscuridades que ainda o envolvem, incluir-se no quadro dos efeitos produzidos pela *materia agitada pelo movimento*? »

Porque, snr. José Horta? Porque ha de ser *curial e scientifico*, attribuir a vida a *efeitos produzidos pela materia agitada pelo movimento*? Como se originaram semelhantes efeitos? Pois um phenomeno, tão *maravilhoso em si*, pôde e deve sem demonstração, a despeito de algumas obscuridades que ainda o envolvem, ser considerado como a resultante de acções atómicas?

Era muito mais razoavel confessar, que se ignora a explicação d'este assombroso mysterio, que tentar reduzir-a ás acanhadas proposições de um factio material, simples e comprehensivel.

« De que é constituído, de que essencia é formado o *protoplasma*, esse que é a substancia primordial, argilla ingenita de toda a vida nos seus diferentes modulos e aspectos? Dos elementos chimicos e materiaes em que a Terra abunda. »

Como, porém, o illustre conferente declara, que a synthese ainda é, e será por largo tempo (sempre a perigosa tendencia para as prophcias!) um fructo vedado á sciencia, não se poderá com a *proteina* formar o *protoplasma*; do mesmo modo que se não sabe fabricar o espatho d'Islandia com os elementos fornecidos pela analyse, nem compôr com elles os corpos organicos, nem até obter as mais simples aguas mineraes.

Formar o protoplasma! Hæckel fez recuar a difficuldade. Encontrou a *monéra*, rudimento de organização vegetal ou animal. É um ponto de partida para qualquer dos dois reinos. A vida existe n'esse infinitamente pequeno, de morphologia indifferente, que depois pôde vir a tornar-se n'um individuo d'aquella natureza ou um sêr intermediario com os caracteres communs. D'aqui resulta o que o innovador chama o reino dos *protistas*, no qual estão confundidos os dois reinos vegetal e animal, e em que reside a unidade da vida.

Mas nem a *monéra*, nem o *protoplasma*, nem a *cellula*, a synthese tem poder de formar. A biologia geral para vegetaes e para animaes, que tanto deveu aos profundos trabalhos de Claudio Bernard, é ainda hoje uma aspiração scientifica, pertencente ao systema de evolução continua e insensivel.

E por isso a affirmação do sabio professor « que a vida fermentava n'essas infinitésimas bocetas, denominadas cellulas; e que era da sua acção e reacção sobre a natureza finita, do seu como instincto pela conservação da fórma, ou do seu esforço pela existencia, á semelhança do que succede nas fermentações, que a natureza, que dissemos *morta*, desempenha o seu papel de *vida* no drama do universo », tal affirmação carece de prova, e não passa de um dos muitos devaneios do imaginoso academico, para quem « *a vida se compõe de materia ordinaria, e em materia ordinaria se resolve.* »

« O protoplasma é o mesmo e invariavel em toda a extensão da série organica. Mas notai a maravilha, senhores. Emquanto os *animaes* não podem fabricar no seu laboratorio interno o protoplasma, de que carecem para a sua vida, e têm de o ir obter já preparado, ou por outros *animaes* ou pelas plantas; o reino vegetal constróe-o directamente com os elementos que lhe ministra a atmosphera e o sólo. »

Não se percebe claramente o que o erudito professor quiz dizer. Destaquemos as proposições.

1.^a Os animaes não podem fabricar protoplasma no seu laboratorio interno.

2.^a Vão obter-o já preparado por outros animaes.

3.^a Vão tambem obter-o já preparado pelas plantas.

4.^a O reino vegetal constróe o protoplasma directamente.

Como se conciliará a primeira com a segunda d'estas proposições? Quaes serão os *outros animaes*, que prepararam o protoplasma, que os *animaes* não podem fabricar no seu laboratorio interno? E em que laboratorio prepararam os *outros animaes* o protoplasma para os *animaes*? Havia de ser forçosamente um laboratorio externo, porque na qualidade de animaes não podiam fabrical-o em laboratorio interno. Aonde ficará situada semelhante officina?

Ah, snr. José Horta, snr. José Horta! *Aliquando bonus dormitat Homerus.*

«... as moléculas da materia revolteando sem cessar pelo espaço, podem, sem offensa de nenhuma lei mecanica, dar origem pelos seus novos conflictos ou agrupamentos ás mesmas fórmas e com os mesmos attributos, que individualisaram outr'ora os séres extinctos; e d'essa arte os Moysés de hontem vir a renascer nos Buonarottis d'amanhã; os Demosthenes nos Migueis Angelos; os Virgílios nos Raphaelis; os Ciceros nos Rubens; os Sophocles nos Titianos, e assim de tantos e tantos outros, cujas analogias, ou antes identidade, a critica suppõe ter reconhecido.»

Sim, senhor. Perfeitamente. E a mesma critica já percebeu, que a esta metempsychose falta acrescentar um nome. Quem ha ahí com effeito que não veja, que não sinta, que não creia que no snr. José Horta renasceu o materialista Epicuro, e o seu discipulo e cantor, Tito Lucrecio Caro? Assim como existem corpos dimorphos, assim tambem se podem dar ná mesma pessoa dois *renascimentos*. *O incessante revoltear das moléculas da materia no espaço não se oppõe; e a lei da circulação das coisas confirma! E viva a immortalidade humana!*

XI

O illustre conferente acabando o estudo do capitulo anterior, e deixando para as religiões o *deslindarem o anciado segredo da immortalidade humana*, passa em seguida a examinar *como a vida, não sendo contemporanea do planeta, pôde desprender-se da argilla, e desabrochar, gloriosa, d sua superficie.*

Mal parecerá talvez notar a estylista de tanto brilho tenuissimo descuido na construcção grammatical; mas a critica tem deveres, a que não pôde nem deve faltar. Aonde foi que a vida desabrochou? Á superficie da argilla, ou á superficie do planeta? A hermeneutica daria sem esforço resposta affirmativa á segunda hypothese, se não obstára o sistema philosophico do auctor.

A vida compõe-se de materia ordinaria, e em materia ordinaria se resolve: disse o distincto expositor. Depois d'esta sentença cessa toda a interpretação, e fica a ambiguidade syntaxica. Tanto podia *a vida desabrochar d superficie da argilla, como d superficie da terra.*

Deixemos, porém, discorrer o erudito professor.

Descrevendo a Terra na sua primeira idade, conforme a cosmogonia que adoptou, e segundo as varias conjecturas da geologia,

falla da lucta entre os mares e os continentes, da irrupção de cordilheiras de montanhas, da purificação da atmosphera, da fixidez da geographia, da formidavel estufa, refrescada por um ar saturado de acido carbonico, da primeira molecula viva, que se soltára da massa commum, e que devia mais tarde, chrysalida predestinada, dar origem pela sua prodigiosa expansão e intensidade a uma flora uniforme e gigantesca. É com estas harmoniosas phrases que elle celebra a entrada da época dos depositos carboníferos nos fastos da geologia.

Acrescenta em seguida :

« O berço achava-se construido, e por mão de mestre ; os depositos bem apercebidos e trasbordantes ; a Terra em festa no presentimento de um grande successo ; porém faltava o hospede que devia utilizar d'estes carinhos tocantes da natureza ; e logo as *monéras*, esses antepassados de toda a série animal, depositarios inconscientes de todo o plano da animalidade em estado virtual, e constituidos confusamente pela substancia do protoplasma na sua fórma mais simples e rudimentar, surgiram, como uma boa nova, dos mares Laurencianos. O mar fôra o berço, e ao mesmo tempo o leite nutritivo de toda a familia animal ; e assim era necessario, ante o plano da natureza, para que a vida no seu estado mais debil e inicial não encontrasse difficuldades, nem á sua mobilidade, nem á sua nutrição, e toda podesse concentrar-se na futura obra do seu progressivo desenvolvimento. A vida appareceu pois, e constituiu-se, sob o influxo directo das transformações organicas do planeta. »

N'este formosissimo trecho ha sómente a admirar os primores do peregrino estylo do fecundo romancista.

« A differenciação ulterior dos séres, e a divisão systematica de suas funcções por um grande numero de orgãos, mais ou menos adequados a cada mister, encontram o seu fundamento scientifico na substituição do regimen climaterico moderno á uniformidade tropical dos tempos anteriores á *época secundaria*. A vida foi pois ascendendo em complexidade e perfeição, consoante ás differenciações orographica e climatologica do planeta em cujo seio florira. »

Continúa o romance geologico, posto que não seja a linguagem tão pura, nem o estylo tão brilhante. Já se encontram alguns cacophatons, e debalde se procuram argumentos scientificos. A theoria evolucionista, exposta em sete linhas, é um assombro de concisão.

« Mas o que nós denominamos vida, senhores, limitar-se-ha exclusivamente ao reino organizado? Não o cremos. Tudo na natureza tem o seu nascimento, evolução, occaso, e morte, desde o astro até ao verme, e desde o verme até ao crystal *mais infimo* e humilde. »

Interrompemos aqui o illustre conferente, para vêr se concebemos o que se entende pelo *mais infimo* crystal.

Infimo é o mais pequeno, o mais baixo, o mais vil, o peor: portanto o *mais infimo* é o *mais mais pequeno*, ou o *mais mais baixo*, ou o *mais mais vil* ou o *mais peor*, quer dizer: o *mais mais* mau. Porém, na linguagem poetica tomam-se varias liberdades; e uma d'ellas pôde ser incontestavelmente a transformação da natureza d'aquelle *infimo*. N'este caso percebe-se, que se trata do crystal mais humilde e mais pequeno.

Continuemos a ouvir o erudito professor:

« Um mineral que se dissocia, morreu (*ou morre?*); porque a morte importa a destruição de uma fôrma, um limite que se transpõe, uma maneira de ser que finda, e *toda a morte presuppõe uma resurreição*, que se verifica com igual infallibilidade tanto no reino organizado, como no inorganico. Vêde um crystal, senhores, de qualquer typo que seja, e dizei-me se elle não importa na sua individualidade um *ser* que se formou, e uma organização que se desenvolveu? Elle corresponde á cellula na ordem dos organismos superiores. O crystal deriva de uma agua-mãe amorpha, de aspecto inerte e indifferente; e o seu crescimento realisa-se pela juxtaposição ordenada de atomos materiaes com uma orientação fixa. A cellula nasce igualmente de uma materia plastica, uniforme e homogenea, commum a toda a vida nas suas diversas modalidades, a materia do protoplasma, cuja constituição se resume em pequenas massas albuminoides, meio confusas e meio coaguladas, mas por tal arte energicas e vivazes, dentro dos limites da sua esphera infinitesimal, que ellas por si bastam para nutrirem e reproduzirem ao infinito os germens que pelo movimento se vão libertando do seu seio.

« A analogia não vos parece completa e decisiva? »

Oh, snr. José Horta! Pois isto é argumento? Não será o *reddere idem per idem* do velho Genuense?

O crystal deriva de uma agua-mãe amorpha; a cellula nasce de uma materia plastica. Logo têm ambos vida, e são ambos materia! Se algum discipulo do illustrado professor lhe apresentasse n'um exame argumentos d'esta força, estamos convencidissimos que seria por s. exc.^a reprovado.

Porque na formação dos crystaes haja talvez nutrição, assimilação e crescimento, pôde concluir-se porventura que o phenomeno seja identico ou analogo ao que se passa nos corpos organisados, em que além d'aquellas funcções existem a reproducção e a sensibilidade? Como demonstra o illustre conferente, que o *ser* do crystal é a organização da cellula? Que explicação tem não existir nos mineraes permanencia de fôrma, que nos individuos dos reinos

superiores ultrapassa os limites da vida, a ponto de se reproduzir nos descendentes com determinados caracteres, conforme as leis da hereditariedade e do atavismo?

« Onde começam e onde acabam estes prodígios do movimento, que se iniciam, diferenciam e desenvolvem no theatro animado dos grandes minimos da natureza?

« As forças que dispõem as moleculas em fórmulas geometricas perfeitamente distinctas e caracterisadas não serão acaso as mesmas que, mudando apenas de rhytmo, geram as mil fórmulas organicas de que o mundo nos exhibe o magnifico espectáculo? A orientação dynamica conserva-se inalteravel em uma e outra ordem de sêres. As flôres do frio que corôam os cimos das montanhas sustentam e conservam indefectivelmente a sua fórmula typica originaria. No interior das massas de gelo que aformoseiam, e por vezes illuminam as regiões hyperboreas, distinguem-se myriades de pequenas flôres, sempre recortadas em seis petalas, que se foram organisando e construindo no seio da materia, pelo calor inductivo da massa. E assim succede com o reino organizado, no qual fixada por uma vez a orientação dos seus atomos, as fórmulas conservam-se e perpetuam-se ao longo do tempo, sem o menor desvio nem continuidade. »

À parte algum exaggero de linguagem poetica, esta doutrina é verdadeira, e serve para mostrar as diferenças, já por nós ha pouco descriptas, do que se passa no reino inorganico.

« Porém o crystal formou-se, cresceu e desenvolveu-se para mais tarde perecer sob o influxo destruidor das acções externas. Já se avisinha o periodo da sua deformação, que ora se pronuncia ou pelo apparecimento estranho de novas facetas nos seus angulos, ou pela obliteração de outras, que caracterisavam a sua individualidade. E sem embargo de taes desordens o crystal ainda vive e resiste.

« Surge porém um ardente sol de estio, condensa-se em espessos nevoeiros a humidade atmospherica; varre a superficie da Terra uma onda desoladora; e o crystal, sob o embate de tão encontradas acções, começa a abrir fendas; a sua doença aggrava-se; a sua vida periclita. Os seus elementos já mudam de natureza, ou pela oxydação, ou pela hydratação; e no fim de algum tempo, que poderíamos dizer de *agonia organica*, a ultima parcella do crystal volve á atmospherica, e desaparece. »

Transcrevemos todo o periodo para os nossos leitores saborearem a poesia d'este lindissimo romance. A *agonia organica* vem ali subrepticamente, como ha pouco vimos a proposição arrojadissima, de que *toda a morte presuppõe uma resurreição infallivel.*

« O crystal morreu ; porém morreu como morre o homem, resolvendo-se nos seus elementos, e restituindo assim á massa commum, para servirem a ultteriores destinos, os germens constitutivos da sua individualidade. E assim succede e succederá a tudo, senhores. Ante esta lei ineluctavel da *circulação da materia* pelo universo, todos os *limites artificiaes* da natureza se apagam. A pedra, a flôr, o animal, a estrella, entrelaçam as suas existencias por tal fórma e tão solidariamente, que o pensador mal pôde discriminar onde começam, e onde acabam no trama da materia o movimento, a sensação, e até o pensamento. Tudo é perto de tudo, e tudo se resolve em tudo. »

Isto como doutrina escusa refutação ; porque não foi deduzida nem dos factos nem das observações, faltando-lhe provas e argumentos, com que possa manter-se. Dá vontade de perguntar, quaes seriam os descendentes do crystal, e quaes as qualidades de hereditariedade e atavismo, com que lhe perpetuaram a fórma !

E se em vez do corpo inorganico haver sido victima do sol do estio, tivesse soffrido pancadas de malho de ferreiro ? Ah, snr. José Horta, que tristissima *agonia organica* a do pobre crystal !

Triturado ! Oh, snr. José Horta, que pavor ! que espanto ! Só pôde comparar-se em ferocidade á sua lei de *circulação da materia* pelo universo, que possui até o condão inaudito de *apagar* os limites *artificiaes* da *natureza* !

XII

Conclue o erudito academico, estrenuo campeão do materialismo, dizendo-nos que chegou ao termo da sua demonstração. Infelizmente nem provas nem argumentos offereceu á escolhida assembléa que tinha convidado para o ouvir. Limitou-se a lêr um bonito romance, escripto em estylo brilhante, e semeado por vezes de imagens e de poesia. A sciencia verteu lagrimas, a litteratura vestiu galas. Nada mais.

Ouçamos os ultimos gorgeios d'este mavioso rouxinol :

« Não desconhecemos nem o valor nem a impetuosidade dos clamores que em certos campos se têm levantado contra a interpretação physico-mecanica do universo. Accusa-se a sciencia de provocar com a sua synthese materialista a morte dos sentimentos e das mais doces illusões da alma. Que *essa* sciencia, á semelhança do que succede com certas doenças fataes, que só testemunham frouxidão organica, pôde acaso desenvolver o corpo da natureza,

porém extingue-lhe o espirito. Que por ella e seus aforismos, esmorece a fé nas consciencias, perdem a moral o seu criterio, os sentimentos o seu norte, e consolação. Que ao seu calor deleterio, originado, ou não, por essa que se denomina thermo-dynamica, tudo na formosa estructura do cosmos se funde e confunde n'uma desoladora uniformidade, sem principio que a auctorise, e sem fim que a explique. Que as admiraves intuições da alma, os seus mysticos e propheticos deslumbramentos, e até a propria inspiração da arte na sua fórma mais ideal e sublime, a *poesia*, tudo se retrae e mutila, tudo se comprime e enclausura nos estreitos moldes de um positivismo esteril e esmagador.»

Para responder a estas fracas objecções da escola espiritualista, que mal d'ella se não tivera outras para combater o materialismo, o illustre conferente acrescenta :

« Porém dizei-me, senhores, em lisa e sincera verdade, quem póde ser arguido ou incriminado porque a sciencia tenha ido demolindo os idolos, as superstições, os sophismas, e os erros que constituíam o velho e derrocado arsenal do passado ?

« O mysticismo na religião, a rotina na sciencia, o convencional nas artes, cahem, e vão cahindo, como cahiram de seus altares os falsos deuses do paganismo. O genero humano abrindo os olhos á verdade contempla a successão das coisas, e não esmorece de desanimo no proseguimento da sua jornada. O vão sentimentalismo, a febre espiritual, a allucinação, e outras desordens do cerebro, vão-se acalmando e extinguindo, sob o regimen austero da sciencia exacta. O homem de hoje, mais são e mais viril, encara de pé a natureza na sua obra, e aceita resignado o destino com as suas fataes limitações. A realidade substitue a fabula. A cosmogonia de hoje é severa e authentica, e não uma trama de sonhos mysticos e de erros scientificos. Os Parnassos, os Olympos, as Styges, dissiparam-se, como se dissipam aos primeiros raios do sol os nevoeiros da manhã. Não ha descidas ao Inferno senão as que effectuam os geologos. Não ha Jupiters que forjem e despeçam raios vingadores, que só á electricidade pertencem. Não ha ascensões aos céos, senão as que emprehendem os astronomicos. Não ha milagres senão os que fabricam as sciencias. Não ha emfim, senhores, senão movimentos, orbitas, distancias, e *materia em circulação*, que desde o infinitamente pequeno até ao infinitamente grande estabelece o laço de continuidade entre toda a trama dos phenomenos do mundo.»

Que a sciencia demoliu os idolos, as superstições, os sophismas, e os erros do arsenal do passado, concordamos plenamente. Que o mysticismo na religião, a rotina na sciencia, o convencional nas artes, cahem, e vão cahindo, como cahiram de seus altares os falsos deuses do paganismo, é ainda admissivel. Que seja, porém, a

cosmogonia de hoje severa e authentica, é o que por modo algum conseguiu demonstrar o erudito professor. Está pouco mais adiantada que no tempo de Moysés. É tão inexplicavel a resolução das nebulosas em estrellas, como a conversão do protoplasma em cellulas. Se hoje não ha Josués, que façam parar o Sol, ninguém conhece a natureza dos atomos, da materia, do ether e da força. *In principio fecit Deus cælum et terram* é tão incomprehensivel, como a hypothese de Laplace, e as que depois d'elle se têm inventado.

É por isso que não só *um provisorio ignoramos. Os artificios de movimento por que a materia se deliberou um dia a pensar por si mesma, e logo a intervir, como soberana, nos attributos mais caprichosos da sua propria substancia; o livre arbitrio que resolve, a consciencia que pesa e julga, a razão que illumina e prevê, á poderem derivar e depender, por leis necessarias, da materia cega posta em movimento*, representarão sempre o producto da fecunda imaginação d'aquelle, que na linguagem maguada do poeta é apenas o sonho de uma sombra!

Manet alta mente repostum. Não acreditamos que um dia raiará para a remissão das dividas contrahidas para com a eterna verdade, e em que a sciencia captivando de todo a natureza pelo seu amor e assiduidade, possa no gozo da sua plenitude, dar completa satisfação á fé, que inspira o illustre conferente, de redimir a especie humana de todas as suas fraquezas, males e imperfeições.

Se assim podesse acontecer, tocaríamos o absoluto, seríamos Deus. Como disse o insigne geometra, auctor da *Mecanica celeste*: *Ce que nous savons est peu de chose; ce que nous ignorons est immense!* E por emquanto ainda o mundo não produziu Messias, para nos resgatar de tamanha falta.

Felix qui potuit rerum cognoscere causas, cantou o poeta; mas a felicidade não existe na Terra.

JUNIO DE SOUSA.

INDIVIDUALISMO E COLONISAÇÃO

(Conclusão)

V

A ACÇÃO LEGISLATIVA ¹

I

Além da centralisação e do regimen militar, temos ainda a contar com a acção legislativa, como uma das mais poderosas causas de retardamento para a evolução colonial.

É sabido já, para a sociedade européa, que a accumulção de sciencia na Europa durante muitos seculos, dando-lhe por circumstancias geologicas, geographicas e ethnicas, uma supremacia e um desenvolvimento extraordinarios, a tornou como que um centro d'onde irradiou para o resto do mundo a sua vida social.

Na impetuosa expansão colonial, que data do xv seculo e dura ainda, a civilisação européa alargou a sua esphera de acção, trazendo ao seu convívio muitas das chamadas raças inferiores, menos para as levantar a um estado melhor, do que para melhorar a sua propria situação economica ou politica, pela exploração das riquezas dos tropicos e do trabalho dos indigenas. N'este movimento, que adiante consideraremos sob outro ponto de vista, as forças sociaes da Europa enriqueceram-se com a enorme quantidade de factos observados, aproveitando-os egoistamente na sua propria con-

¹ Por singular acaso vieram a mais, por via de repetição, duas paginas 260 e 261 nos anteriores numeros da *Revista*. Por isso é que ao numero vi pertence o iv e ao presente capitulo o numero v.

servação e desenvolvimento, sem cuidarem do desenvolvimento e do progresso das outras raças, servas então do seu commercio, escravas do seu trabalho, e ignorantes da sua sciencia.

Desiguaes perante a Europa em condições de progresso, os povos explorados ficaram em dependencia, em tutela, até que por successivas revoluções, que marcaram o fim do XVIII seculo como época memoravel, se foram emancipando *politicamente*; ficando comtudo presas á madre civilisadora, pelo cordão umbilical das relações economicas, e das tradições pesadamente impostas.

Sucedeu assim que o cunho europeu, tradicional, antigo, da moral, do commercio, da propriedade, das condições do trabalho, do respeito a certas fórmãs juridicas, da centralisação do estado, da tutela administrativa, da fé nos governantes, da orientação dos estudos, etc. etc., se perpetuou por via da hereditariedade e *por falta de independencia e originalidade individual*, cingindo e embaraçando nos moldes tradicionaes, individuos, povos e raças, que, pela sua acção livre e desembaraçada de peias, chegariam mais depressa e com mais segurança a igual estado de civilisação. Provam-no bêm a China moderna, o Japão, as ilhas Tonga, Samôa, Sandwich, instruidas e civilisadas, *sem terem sido dependentes*, em muito menos tempo do que a Bulgaria, a Romania, a Hungria, a Irlanda, e todas as colonias europeas. Prova-o bêm, na historia d'estas ultimas, o facto de ser hoje a mais desenvolvida e a mais adiantada, aquella em que desde o principio se assignalou mais a independencia individual — os Estados-Unidos da America do Norte.

N'este processo de desenvolvimento centripeto, em que a Europa era foco vital, a sciencia fez-se insensivelmente acanhada, exclusiva, europeia, esquecendo nas suas applicações as raças que não fosse civilisadas segundo o seu ideal, e afastando da cooperação typos ethnicos de desconhecida energia.

Nos ultimos trinta annos porém as sciencias constituíram-se, e a philosophia firmou-se em bases solidas, generalizando-se sob uma forma bastante altruista, menos porque desaparecesse o velho cunho pessoal e egoista, do que por se ter tornado cosmopolita a evolução economica, que assim forçou á maior generalisação os trabalhos scientificos, cunhando-os com a poderosa e viva originalidade das civilisações recentes.

Este cosmopolitismo da sciencia, de resultados já presentidos pelo illustre Guilherme de Humboldt¹, só agora vai entrando na via

¹ *Cosmos* de Alex. de Humboldt no I e IV vol.

da positividade, por irem a pouco e pouco amalgamando-se na civilização moderna as raças excluídas.

Com este alargamento da sciencia, transformou-se a vida social; mas seria completa a mudança? E terá porventura aproveitado a todos? Não.

Esta transformação da vida social, não foi com effeito tão vasta que tudo abrangesse: porque se a revolução por que passaram as sciencias biologicas as tornou mais geraes e mais beneficas pelo seu cosmopolitismo, o relativo atrazo das sciencias sociaes e o tenaz predominio de antigos costumes têm retardado o advento d'um melhor estado, não só por se limitarem os seus resultados á sociedade europêa, mas tambem por excluirem as outras raças, injustamente afastadas dos privilegios e garantias da nossa civilização, como até aqui o têm sido as classes trabalhadoras.

A biologia, a anthropologia geral, a ethnologia, a medicina, a hygiene, vão transformando-se em cosmopolitas, em *humanas*, — que o não eram — abrangendo todos os povos, todas as raças, sem preferencias nem individuações especiaes ao typo aryano.

As sciencias sociaes, porém, são ainda teimosamente europêas e apegadas á tradição romana. A legislação, o direito, a politica, são antigos, têm o velho molde romano. A propria sociologia, embora abrace a observação de todos os povos, só applica os seus resultados e previsões á sociedade europêa. A economia politica, servindo especialmente os interesses das classes ricas, tem sido exclusivamente burgueza.

É preciso pois alargar os processos de aquisição de todas as sciencias sociaes, e alargal-os de modo que abracem todos os casos de evolução, em todos os tempos e entre todos os povos e raças. O cosmopolitismo da sociologia será de fecundas consequencias, e trará novas leis, abrindo novos horisontes á sciencia.

O mal não é porém só este. A sociologia, para chegar ás suas previsões, fundou-se, para os beneficios adquiridos, no trabalho de todos os individuos e na cooperação de todos, esquecendo que esses beneficios têm sido apropriados pelas classes dirigentes, continuando jazendo na miseria a maior parte da humanidade. Por outro modo: os beneficios produzidos pelo desenvolvimento das sciencias physicas e biologicas, chegaram a todos; os resultados do progresso das sciencias sociaes, só têm servido ás classes privilegiadas.

A quem tem servido a liberdade de pensamento adquirida no seculo XVI e garantida no XVII? Quem se elevou, quem melhorou com a liberdade civil e politica alcançada no XVIII? Quem se enriqueceu, quem se emancipou da miseria, com a liberdade economica arrancada á natureza pela sciencia do XIX seculo?

Todas estas liberdades, todas estas garantias, locupletaram e ennobreceram a burguezia, sem que a plebe, o trabalhador, o povo, deixasse de ser o antigo servo — não adstricto á gleba, mas preso á machina; não dependente da corporação ou da ghilda, mas amarrado ao capitalismo, o que é peor.

Todos os beneficios, todos os progressos das leis sociaes, têm em summa facilitado as condições economicas de desenvolvimento das classes superiores, difficultando em maior proporção as condições de existencia ás classes inferiores, duplamente miseraveis pela falta de meios, e pela excessiva fecundidade da familia.

Esta enorme distancia, que separa o desenvolvimento intellectual da nossa especie do seu desenvolvimento social, explica perfeitamente a crise violenta da actual era industrial, prenhe de temerosas ameaças de completa renovação. Hoje, por sobrevivencia das antigas ambições dynasticas, o militarismo permanece, assegurando falsamente o equilibrio politico por constantes ameaças de guerra. Não ha porém guerra só entre nações; na mesma nação ha guerra accessa entre as diversas classes, porque todas querem o seu logar ao sol, injustamente monopolisado por algumas.

Houve progresso, é certo; mas a guerra permanece. E embora militarmente ella acabe, pelo estabelecimento dos congressos como solução dos conflictos, socialmente, ha de persistir, com o nome, ainda vago, mas já temeroso, de *concorrençia*, entre as diversas camadas do mesmo corpo social, e entre nações diferentes.

Como tão bem o disse um escriptor independente ¹, ha poucos seculos as aristocracias militares enriqueciam-se pela guerra, que lhes entregava nas mãos o producto do trabalho das classes inferiores; hoje as aristocracias industriaes, financeiras, commerciaes, continuam a enriquecer-se pelo trabalho dos miseraveis: e, se não gostam da guerra, é porque ella as perturba nas suas explorações e regosijos. Mas, n'esta situação nova, substituiram a guerra pela concorrençia, o conflicto da força pelo conflicto dos interesses, continuando os fracos a succumbir, e cahindo todo o peso dos males sobre a immensa multidão.

D'aqui resulta a permanente hostilidade contra as classes superiores, menos por causa do predominio politico do que pela sua preponderancia e até prepotencia economica.

Sob o ponto de vista da evolução scientifica, já o immenso es-

¹ *La Morale* — pag. 431 — Paris 1884 — par Eugène Véron.

pirito de Comte ¹ estudou esta hostilidade radical e continua contra o preexistente; quanto ao antagonismo entre o progresso moral e material das classes trabalhadoras, tambem elle o explicou ², mostrando como se deve constituir a nova organisação social, *que tendia a apoiar-se necessariamente sob um poderoso instincto popular* QUE SÓ PRECISA DE ORGÃOS SUFFICIENTEMENTE RACIONAES para ser convenientemente seguido.

Esse orgão sufficientemente racional não pôde ser senão a sciencia — a que tudo abraça e a todos illumine, não a que serve privilegios de raça, povo, ou classe, como a antiga economia politica que só agora abandona as faxas infantis.

Acertou pois o illustre Comte, apesar da sua involuntaria exclusão do elemento economico; e ainda mais, porque não podia fixar o termo á extraordinaria duração do militarismo, retardando a era de paz para a actual evolução industrial; nem poderia adivinhar a reaparição dos novos Laws que por ahí pullulam, desenvolvendo a agiotagem, aggravando os males do capitalismo, e dificultando as condições do progresso á maior parte, pelas complicações da evolução economica e pela perpetuação da miseria.

Este character especial e proprio á era industrial, previsto e discutido pelos socialistas, tem sido esquecido pelos sociologistas, que, seguindo as pisadas de Comte através as modificações geraes da sciencia, têm comtudo posto de parte o factor economico, que tem influido muito poderosamente no modo de ser da evolução intellectual e politica da sociedade europêa.

Assim se tem retardado a era de paz, que é definida, não só pela substituição da tutela administrativa e legal, pelo *livre contracto perpetuamente resolúvel, nas relações humanas*; mas tambem, pela distribuição larga do capital, que, por sempre ter sido patrimonio commum da humanidade, como fructo da collaboraçaõ das gerações passadas e das contemporaneas, deve por todas ser repartido, visto que por todos foi alcançado.

Vê-se assim que a civilisação centrifuga da Europa, não só tornou centripetas, em relação a ella, as civilisações das outras partes do mundo; como tambem pelo predominio de certas classes, tradicionalmente protegidas, tornou insupportaveis as condições de existencia para as restantes.

¹ *Philosophie positive*, vi, pag. 143.

² *Id.*, pag. 267 passim. A iguaes conclusões chegou Spencer por outra via (*Sociologia*, III, §§. 580-582).

II

Derivando-nos porém ao nosso caso especial, notaremos logo que as classes descontentes, as que emigram e depois muitas vezes são levadas a colonisar, não são as elevadas, nem as ricas, ainda menos as illustradas — são as medianas e as inferiores, predominando estas ultimas, exploradas e tuteladas pela metropole, ainda fóra da patria.

Mudam de terra ; a maior parte das vezes não mudam porém de costumes, nem de organização social. Por isso é que o mal-estar que surdamente minou e invadiu toda a Europa, surgiu nos Estados-Unidos, começou a assolar a America do Sul, emquanto não inunda a Oceania, a Asia, o mundo.

Dois são os casos a estudar : a região a colonisar ou é virgem, ou não. N'este caso a organização social já está fixada, e o immigrado tem de se sujeitar ás fórmulas estabelecidas, modificando-as apenas no estreito limite da sua acção individual. N'aquelle, as condições são diferentes.

Aonde chega o homem com o enorme poder, mal ou bem maneado, da sciencia e da industria, a natureza é facilmente submettida, a propriedade rapidamente alcançada e o capital depressa accumulado. Nos paizes virgens, havendo espirito de iniciativa, pertinacia e methodo, as condições economicas satisfazem-se depressa, adquirindo-se um bem-estar que explica, em relação á grandeza e variedade dos meios, o rapido desenvolvimento da população.

Como, porém, n'este crescimento de numero a propriedade se não esparcellou e dividiu na mesma proporção, succede que por via do conflicto vital e do predominio dos melhores, se cria á parte um grupo de subordinados, sem capital e sem terra, sendo por isso dependentes pelo trabalho das classes enriquecidas. Começam então os conflictos, porque na concepção e divisão da propriedade se seguiu a tradição e processos europeus, do modo de ser romano, quirital ; emquanto que na producção da riqueza se seguiu o systema commodo e mais rapido da accumulção, suggerido pelos egoismos pessoaes e determinado ou favorecido pelas condições do meio.

Seja qual fór a colonia ou povo ou raça que emigre, isto tem sempre succedido — facilidade em alcançar riqueza, ou, melhor,

bem-estar ¹, e dificuldade em estabelecer sobre base definitiva a constituição social — porque para a aquisição do capital o egoísmo basta, enquanto que para organizar a sociedade, governo ou lei, são precisos não só os sentimentos altruístas como uma alta cultura intellectual, que raros colonos possuem.

Na ausencia pois de toda a especie de altruismo, os immigra-dos só pensam em enriquecer-se tratando só de constituir sociedade, quando o conflicto ou a confederação dos interesses a isso os obriga. Surge pois a communa.

Antes porém da communa já havia propriedade, e propriedade á moda da metropole servilmente copiada. E os effeitos d'esta imitação têm sido de resultados muito mais nocivos para a civilização, do que se imagina.

Não ha nada mais opposto ao progresso do que a permanencia da tradição, que é, quanto a mim, a mais bestial das sobrevivencias. Em todo o tempo, o homem, livre, independente, discute e corrige, para se melhorar, as decisões dos vivos. Em todos os tempos igualmente, esses criticos se têm sujeitado, mais ou menos, ao *costume, á tradição*, isto é, ás determinações dos mortos! Para quê? É a permanencia do *assim me ensinaram!*

Sob o ponto de vista que nos occupa, as conclusões são as mesmas: porque a perpetuação das fórmulas legislativas tem impedido a criação de regimens mais largos e mais beneficos. Por isso é que o direito consuetudinario tem sido substituido pelo direito convencional. Como porém este ultimo se não podia fundar senão sobre o preexistente, o que lhe serviu de base foi o direito romano, perpetuando-se assim as fórmulas juridicas da imposição quirital.

Foi boa a transmissão d'este direito? Com certeza que não — *a priori*, porque se lhe foram sujeitar raças, povos e nações, de estímulos, character, e evoluções diferentes, que se violentaram n'aquelle apertado molde; e *a posteriori*, porque os resultados d'essa transmissão, modernizada no *Codigo de Napoleão*, foram pessimos.

A generalisação das *Pandectas* retardou o desenvolvimento politico e economico de muitas nações, especialmente das que não foram sujeitas ao dominio romano.

Na Inglaterra esta acção negativa foi pequena ou nulla, porque quando se desenterraram as *Pandectas*, *espalhando a peste do direito sobre o continente* — segundo a enérgica phrase de List ² — os

¹ Um dia mostraremos por que o não alcança a maior parte, tão depressa como deseja.

² *Système national d'économie politique*. Paris 1837 — pag. 115, 158, 186.

barões inglezes decidiram que se não fariam mudanças nas leis inglezas. E assim conservaram o *jury* que foi o germen do sentimento da liberdade entre elles, pois que ao mesmo tempo excluíram o latim das praticas da sociedade, da litteratura e da administração.

Nos outros paizes, a livre expansão do genio nacional tolheu-se, romanisando-se, e perpetuando-se nas velhas fôrmas de que lhe tem custado a sahir. Na Hungria os resultados foram os que hoje se vêem — civilisação nova papagueando uma lingua velha; raças de uma originalidade viva presas na trama de uma legislação morta, e sujeitas por conflicto com o tempo ora á direcção dos allemães, ora á dos slavos. Na Allemanha esta civilisação theorica durou até ao meiado do presente seculo, propagada pela casta de jesuitas e letrados que se separaram do povo, tratando-o pedantescamente como um ignorante, e trabalhando só no campo da especulação, onde subiram a um grau extraordinario de desenvolvimento. D'aqui resultou que a Allemanha do xviii seculo tinha a lingua, a litteratura, a administração, a justiça, a agricultura e a industria, barbaras, não podendo sujeitar-se á comparação com os outros estados. A revolução franceza foi acordar este povo de sonhadores ¹, e o que d'aqui resultou sabem-no todos, começando desde então a vida dos allemães, e dos germanisadores do mundo, só praticos e experientes desde a propaganda do benemerito List, iniciador dos caminhos de ferro, propugnador do *systema nacional* de trabalho, fundador do *Zollvereins blatt*, que depois havia de produzir a Allemanha economica, e a industrial de hoje, só verdadeiramente grande quando deixar de ser o *militarismo* vivo.

Quem pôde saber a que ponto de desenvolvimento teriam chegado estes povos se se tivessem evolvido livres? Se isto se deu entre nações relativamente adiantadas, o que não terá succedido, para peor, entre povos mais barbaros ainda? Quanta civilisação extincta! Quanta aptidão perdida! Quantos collaboradores aniquilados na grande obra do aperfeiçoamento da especie!?

Nas colonias, como geralmente os immigrados eram de pequenos recursos intellectuaes, e illudidos sobre o seu proprio valor pelo impulso emocional da religião, estas consequencias foram de maior alcance, porque não só impediram em muita parte a constituição da familia, como tambem retardaram a formação de nações. Com effeito a hereditariedade da tradição é mais pesada nos pouco

¹ Assim se explica o dicto de Karl Marx de que a insurreição só reberitaria na Allemanha quando se ouvisse o *canto do gallo gaulez*.

illustrados do que nos outros, e ainda, pôde dizer-se, peor nos muito religiosos do que nos independentes.

É isto que explica a differença de evolução das colonias neo-saxonias das neo-latinas, como o demonstrou admiravelmente Comte.

A concepção da propriedade foi porém differente n'umas ou n'outras? Foi a mesma, embora fossem diversos os meios de aquisição. D'aqui o mal e a transmissão das fórmulas quiritaeas do direito romano, transplantado no ultramar.

Porque se não perpetuou o modulo da posse germanica ou slava? Pelo *costume*; e o costume era romano. E, cousa singular, o *dominium* romano era o peor de todos, era o mais apertado; ainda é, como tão bem o escreveu o illustre Laveleye ¹, de *principios pouco em relação com as necessidades das democracias*.

E tanto se arraigou nos espiritos, que o liberrimo genio de Kant se não pôde emancipar do cunho romano! A sua definição de propriedade, e o seu proprio livro *metaphysico* do direito fundam-se sobre *a res nullius* ², tentando em vão conciliar os novos direitos pelo combate das velhas formulas.

Generalisou-se, quasi se universalisou o modulo tradicional. Em espiritos de pequena instrução e sem bagagem scientifica, o *costume* ficou; e a propriedade, boa no tempo e para a civilização romana, tem sido nas colonias, e na propria Europa, causa de muitos disturbios, começando a dissensão pela fórmula do exame critico, e continuando pelo modo mais violento das revoluções armadas.

E taes foram os maus resultados d'esta imitação, que se conceberam novos modos de constituição e aquisição de propriedade, como por exemplo os systemas Wakefield e Torrens, que se tem usado na Australia, na Algeria, etc.

Não se venceu comtudo a difficuldade, porque estas formulas, receiptadas pela metropole, tem sido por ella applicadas a paizes e raças differentes, pela mania de tudo governar sem attenção ao meio social. Os colonos, ignorantes, tudo aceitam, porque estão ainda na phase egoista da colonisação, e porque não tem meios de reagir contra o regimen imposto.

Quando chegam á phase altruista, por via da constituição da sociedade, por meio da emancipação, ou por terem alcançado uma certa independencia intellectual e moral, então se revoltam, porque a nova sociedade não cabe nos moldes da antiga, não podendo nem devendo governar-se pelo mesmo systema.

¹ *De la propriété et de ses formes primitives*. Paris 1882, pag. XII.

² *Principes metaphysiques du droit*. Paris 1833, pag. 60 passim.

Tudo depende, como se vê e cingindo-nos ao nosso caso, do poder moral dos colonos, ou dos emigrados. Quando uns e outros têm plena consciencia do que vão fazer, colonizando, os conflictos do predomínio das classes e do pauperismo attenuam-se ou annullam-se, pelo justo equilibrio entre o meio social e as leis que o regulam. Quando esta sciencia não existe, ou quando se não applica a energia moral necessaria para se ser novo n'um mundo novo, o servilismo da cópia permanece, e o *mal da Europa* renasce aonde quer que os emigrados se estabeleçam.

Para evitar este mal, que mostra mais uma vez quão nocivo é o *costume*, achamos necessaria a intervenção do estado, não para regular o futuro modo de vida, mas para inocular no animo dos emigrados todas as noções scientificas necessarias para a violenta lucta que vão emprender, quer para vencerem o meio cosmico, quer para sujeitarem o meio social. Isto é, crémos necessario que se não esqueça que na colonia não existe só o meio cosmico, como o supõem todas as companhias, sociedades ou auctores de *guias para os emigrados*: é preciso que o cabedal de conhecimentos se lhes engrosse com o grupo das sciencias sociaes, para que os egoistas de hoje sejam os altruistas de amanhã; para que os trabalhadores de agora sejam os cidadãos de depois.

E isto é tanto mais conveniente e tanto mais urgente, quanto é certo que no estabelecimento das colonias, *ainda hoje* as nações não pensam senão na criação de mercados, depositos, ou pontos de estrategia politica: esperam o tempo que as transforme em nações e de duas uma, ou as deixam á vontade, explorando-as como a Inglaterra, ou as exploram tolhendo-as como Portugal, por exemplo. Não olham para o futuro, contam só com o engrandecimento na hora presente.

Assim pois achamos necessaria a intervenção do estado — como indispensavel para custear as futuras escolas ou cursos de colonização, e não como guia para coisa alguma, visto que toda a historia tem provado que o estado poucos beneficios tem feito á sciencia da colonização, e aos proprios colonos.

Coisa singular! Nós, europeus, achamos justo que nas sociedades constituídas se ensine legislação, por exemplo, ás crianças; e não consentimos ou não nos lembramos de a ensinar aos homens que vão crear uma sociedade em terras distantes! ? Para que então a ethnologia, a geographia, a biologia, a hygiene, a sociologia, etc. ? Para monopolio dos que acham tudo feito, quando nascidos, ou para manutenção do tradicional predomínio das classes burguezas sobre as plebéas? Para usufructo de todos os que trabalham, ou para regalo exclusivo dos que *não precisam* ?

III

Duas vantagens haveria na creação d'estes cursos, ou no exercicio d'esta verdadeira *preparação colonial* — *primo*, substituição da tutela governativa pelo trabalho e direcção individuaes; *secundo*, termo da escravatura branca, tal como se executa pela emigração de engagements, em que os homens embarcam como carneiros arrebanhados, cabisbaixos, humildes, pallidos e tremulos, cobardes perante um destino que ignoram, e estrangeiros perante a sociedade que vão agitar.

Mas a acção legislativa? Quem a tem? Tem-na os colonos, e vão alcançá-la — merecendo-a — os novos emigrados. Dois bens adquiridos d'uma só vez: o principio da responsabilidade começa a predominar como norma da vida moral e social, acabando-se com todos os irresponsaveis de todas as especies; e as classes dirigentes, governantes ou não, são realmente as mais poderosas e as mais respeitaveis, porque se compõem todas de homens capazes, e não de individuos que são ricos porque o foi o pae, ou têm influencia politica por intriga ou por ser isso prenda da familia.

Isto compensaria todos os inconvenientes de tal systema de *preparação colonial*, se acaso alguns tivesse.

E a direcção politica? Tem-na igualmente os colonos, que são os unicos interessados, e são por fim de contas os unicos que sabem o que lhes convém.

Não é preciso repetir o que — sob o nosso ponto de vista — têm dito e escripto Lavollée, Fix, Herbert Spencer, Levasseur, Dupont-White e outros ¹, sobre a inutilidade das legislações impostas, quer sejam *irmãs*, copiadas da metropole, quer *separadas* como as que se applicam nas colonias inglezas. O que nos interessa é saber se o systema proposto é melhor do que todos os precedentes.

Melhor do que os da legislação irmã, já vimos que é, e facil nos fôra o demonstral-o. Será porém melhor do que a tão preconizada *legislação separada*? De certo é, embora tenha o mesmo pon-

¹ Recommendamos ao leitor só um — o formidavel libello de Spencer *O individuo contra o estado*. Paris 1885.

to de partida. Porque não queremos que a *preparação colonial*, como a propomos, substitua o governo, logo *ab initio*. Queremos que na época industrial corrente se não tolha a evolução social de qualquer paiz com a emissão de centenaes de pessoas que lhe vão apenas depauperar as forças, sem vantagem propria, nem da comunidade.

A instituição que propomos, obrigatoria para todos os estados, porque a emigração é uma corrente universal, preparará todos ou a maior parte dos emigrados com os conhecimentos indispensaveis para bem servirem, entrando em qualquer colonia com pleno conhecimento das suas forças e das suas aspirações, funcionando immediatamente no novo estado como uma alavanca na machina de vapor — sem ruido, sem violencias e com utilidade.

Apresentamol-a pois como um factor concomitante, embora importantissimo, porque pôde com o andar do tempo transformar-se em força determinante de evolução social.

A propria historia da *legislação separada* nos 'confirma n'esta previsão.

Os inglezes chamam colonias, desde o acto de 1865, ás possessões onde existe uma legislatura, com excepção da ilha de Man e das ilhas do Canal. Vê-se por isto quão grande é a differença do ideal saxonio ao neo-latino!

Assim se subdividem as possessões inglezas em dois grupos — colonias propriamente ditas, e *colonias da corôa*. Estas, são as que dependem exclusivamente da metropole quanto ás leis e á publica administração, como a India, que se vai agora emancipando, Gibraltar, Santa Helena e a ilha de Heligoland.

As *colonias*, propriamente ditas, são collocadas em duas classes: umas que tem instituições representativas e um governo responsavel, com administração livre, como a Australia, o Cabo, o Canadá, a Terra-Nova; outras que tem instituições representativas, mas sem administração e sem governo responsavel, como a Guyana, as Bermudas, o Natal.

As *crown colonies* reproduzem o ideal antigo e seguem a moda dos conquistadores do xvi seculo. Nas outras seguiu-se até 1840 o mesmo systema; mas, como n'esta data as resistencias ao governo fossem muito grandes e as continuas revoluções trouxessem ameaças de completa emancipação, a Inglaterra, prudente e sensata porque não esquecera as lições dos Estados-Unidos, começou dando franquias, contemporisando, e cedendo com espirito mais ou menos liberal ás instancias das colonias.

Assim se alteraram as condições politicas e administrativas da Barbada em 1840, da Terra-Nova em 1842, do Natal em 1848, de Malta em 1849, do Cabo e da Australia em 1850, da Nova Zelan-

día em 1852, da Tasmania em 1854, da Nova Galles em 1855, de Victoria no mesmo anno, etc.

Foi methodo ou calculo da Inglaterra? Não: foi imposição violenta das colonias. E os resultados d'esta *legislação separada*, com predominio dos governos locais, á vontade dos colonos, têm sido tão grandes, que hoje se pôde dizer, que a Inglaterra não tem colonias, é apenas uma enorme federação economica de estados, a que falta só a sanção da federação politica para constituir a maior de todas as nacionalidades.

Esta sanção, embora muito pedida ¹, não foi dada ainda, porque a Inglaterra não quer sacrificar os interesses economicos da generalidade aos interesses politicos de alguns; e não tem pressa em determinar a emancipação total das suas colonias, *dando assim corda para enforcar...* o seu egoismo. Isto é provado pela estatística do commercio. Em 1830, isto é, antes da *legislação separada*, escrevia o distincto economista Sir Henry Parnell na sua *Financial reform*, a historia das colonias é uma série de perdas e de destruições; e, se aos milhões de libras esterlinas perdidas pelo capital privado, juntarmos muitos centos de milhões, levantados pelas taxas inglezas e gastos pelas colonias, *a perda total das riquezas nacionaes inglezas, á que deram logar as colonias, sóbe a uma SOMMA VERDADEIRAMENTE FABULOSA.*

Em 1881 a estatística provava que nos anteriores onze annos, as colonias inglezas tinham custado á metropole, em média por anno 2 milhões de libras; *emquanto que o commercio ANNUAL entre a Grã-Bretanha e ellas fôra de 60 milhões de libras na importação e de 50 milhões na exportação!*

Isto falla mais alto do que todos os protestos, mais ou menos tolos, dos governantes *da legislação irmã.*

Comparemos no mesmo anno o commercio da Inglaterra com a Australia, da França com a Algeria, e da Hespanha ou Portugal com todas as suas colonias. O leitor que tiver muita coragem, que publique os resultados, se se atreve!

A *legislação separada* tem pois grandes vantagens — não só deixa desenvolver-se a raça estabelecida e a conquistada como se vê no Cabo e na India, mas até concorre e fomenta a evolução so-

¹ Veja o leitor curioso os seguintes trabalhos: Bourinot — *Canada as a nation* 1886; Richard Temple — *Imperial federation*, 1885; Payne — *On colonial progress*, 1885; Pearson — *L'Australie dans ses rapports avec la France et l'Allemagne*, 1885; Yves Guyot — *Lettres sur la politique coloniale*, 1885; e os artigos anonymos da *Revista colonial internacional*.

BIBLIOGRAPHIA

La Confession posthume, par PAUL MARGUERITTE. Volume em 48.^o
de 322 pag. E. Giraud et Compagnie. Paris, 1886.

Quando, ha proximamente um anno, lêmos *Os quatro* de Paulo Margueritte (um desconhecido então para nós) tivemos a revelação d'um grande artista, cujas theorias d'arte e cujo temperamento mais pareciam coadunar-se com os nossos. Motivos particulares e secundarios concorreram a mais porventura, para que se desse essa, por assim dizer, inteira concordancia. Em outro lugar os deixamos apontados.¹ Talvez que elles possam ainda hoje influenciar a nossa opinião acerca do novo trabalho d'este escriptor para cujas obras chamamos a attenção dos leitores e a dos criticos sobretudo.

O presente volume compõe-se de duas novellas *La Confession posthume*, que dá o titulo ao livro, e *L'Impasse*.

Para comprehendermos a obra do moço romancista francez, precisamos explicar a corrente que o solicita e o meio com que reage.

Sendo, pelas condições especiaes do seu caracter, pelo fructo do seu estudo, um «utopista» na accepção scientifica do termo, movendo-se, comovido, pelas idéas as mais generosas e ferido a par pelo contraste pungente das do seu mundo exterior, não póde deixar de ser um revolucionario. Collocado no meio parisiense, facultando-lhe a sua posição official o conhecimento, pela observação diaria dos sentimentos e paixões degladiantes n'uma sociedade democratica, d'uma burguezia cheia de pretensões, plutocrata, ambiciosa, egoista, sem o apoio moral d'uma fé levantada — Paulo Margueritte é logicamente um demolidor.

Foi sob esta influencia que escreveu *Os Quatro* e principalmente a ella obedeceu o trabalho de que nos estamos occupando.

Assim se explica o caracter excepcional de que teve de lançar mão para a sua obra (*Confession posthume*). Sob este ponto de vista ella é essencialmente verdadeira. O personagem está soberbamente espiado em todos os seus actos, no fóro intimo da evolução das suas idéas e das suas sensações ao sabor dos successos, traduzindo por seu turno a lucta que batalha o proprio auctor! É, atrevemo-nos a dizel-o, a synthese do sentir da nossa sociedade superficialmente instruida sobre os destinos futuros da humanidade e quasi desesperante d'uma regeneração.

Especializando: achamos a *Confession posthumè* superior a *L'Impasse*.

N'esta é extraordinaria a scena em que a acção começa a desdobrar-se. Se nos maravilha o soberbo poder descriptivo, evocador, que nos faz *vêr* o facto, o facto em si e os commentarios que o preparam e o desculpam com um fatalismo sensualmente animal, entristecem-nos, pela indisciplina philosophica que traduzem. Nem todo o poder d'uma extraordinaria capacidade observadora, que se evidencia em cada pagina, em cada periodo, em cada linha, é bastante para nos satisfazer.

Para nós, não é no ultra-excepcional que se encontra o facto artistico; portanto, não é a ligação carnal d'uma russa aristocratica, devassa, incongruente, d'um lyrismo piegas e d'uma luxuria depravada, com um aldeão, valente, sadio, engrandecido pela sua arrojada coragem de explorador africano, mas platónico por vezes e romantico muitas outras, que póde dar uma obra d'arte duradoira.

Assim, só podemos admittir e explicar *L'Impasse* como uma revelação doentia d'um bello talento, assoberbado pelas esmagadoras condições de meio que acima deixamos apontadas.

F. SÁ CHAVES.

¹ *Traços* (ensaios de critica). N.^{os} 981, 982, 983, 985, do *Commercio de Penafiel*, setembro de 1885.

cial do novo estado auxiliando-a com o factor economico, seguro e regulado da metropole, interessada nas boas relações com a sua ex-dependencia.

A legislação separada satisfaz ás exigencias do meio cosmico, como nenhuma outra, porque *no futuro como no passado as circumstancias locais devem exercer uma grande influencia na determinação das instituições governamentais*; pois que estas instituições dependem em grande parte dos modos de existencia necessitados pelo clima, pelo solo, pela flora e pela fauna ¹.

Este conhecimento do meio cosmico determinante, e o do meio social que d'elle resulta e até o modifica, só o dá a sciencia; e como até aqui estes conhecimentos, quando se dão, vem todos mingoados e falsificados pelos manuaes e guias baratos, ou vem todos sujeitos á exploração villã dos infames negociadores de carne humana, *propomos que em todos os estados para salvaguarda do futuro das colonias, e para garantia da humana dignidade se criem institutos ou cursos de colonisação, aonde estes elementos sejam fornecidos pelo estado, que é mais desinteressado e nobre do que as companhias particulares.*

Assim se acabará com as correntes facticias de emigração, que tem cortado o futuro das colonias da mãe-patria, indo alentar e desenvolver as possessões de outros estados. Com effeito, exceptuando os inglezes que preferem as terras aonde gira sangue igual, os mais povos evitam cuidadosamente as colonias da metropole d'onde sahiram — o francez prefere o La Plata á Argelia; o hespanhol a Republica Argentina ás Philippinas; o italiano Montevideu a Assab; o portuguez Honolulu, distante, a Cabo-Verde, tão proximo!

E porque? Porque n'estes paizes elles têm a liberdade de acção, que lhes faltaria nas colonias da sua patria, patria que alli não é pai, mas... pau.

IV

Dissemos que a *preparação colonial*, tal como a propomos, é um factor concomitante da *legislação separada*, até aqui desconhecido, mas em todo o caso necessário.

¹ Herbert Spencer. *Sociologie*, III, pag. 857. São aventureosas e pouco fundadas as previsões que elle ajuntou.

Na verdade por mais perfeito que seja o systema inglez, ainda não satisfaz a todas as exigencias da época industrial, não só porque mantem o predominio de fórmias archaicas de governo, mas tambem porque pôde trazer o regresso a civilisações inferiores.

Com effeito nas colonias inglezas, e em geral em todas as colonias, a instrucção não está diffundida, e quando o estivesse de pouco serviria não só porque a moderna sciencia não figura, mas porque ha exclusão do grupo das sciencias sociaes. Perpetuando-se a fé nos governantes, porque são elles que fazem e conhecem a lei, as preponderancias de classes começam surgindo, e com ellas as personalidades egoistas e *importantes*, que seduzem as multidões ignorantes com o tilintar das bolsas e com as promessas de necessidade a cumprir, todas falsas, todas mais ou menos animaes, todas *politicas* no sentido partidario. Assim se resvala insensivelmente ao despotismo de partidos e pessoas, que é fatal ao industrialismo, embora a alguns, como a Bluntschli ¹ por exemplo, pareça que um *pouco de despotismo* fará bem ás colonias!

Isto não succederá, quando o estado se fundar sobre o contrario, como é character da época industrial, quando os colonos tiverem educação sufficiente para se bastarem a si mesmos, emancipando-se da tutela governativa pela creação dos governos locaes, começando pela communa.

Nas colonias portuguezas domina, já atraz o dissemos, o despotismo da metropole, fundado sobre o militarismo dos governadores e alimentado pela profunda ignorancia dos colonos. D'aqui resultou a submissão tradicional ao governo e ao costume, morrendo para sempre todas as esperanças de um *governo de discussão*. E como só podem fazer grandes progressos em todas as vias da civilisação os corpos sociaes affectos a tratar as questões politicas com liberdade e a decidil-as com prudencia ², as nossas colonias têm-se estagnado no marasmo dos inuteis, e na preguiça dos improgressivos, por não discutirem as decisões governativas, cantonando-se no egoismo do proprio desenvolvimento, a ponto de pôrem de parte toda a especie de solidariedade. Por isso não ha communas, e sem ellas não ha liberdade, e mais ainda, não ha futuro.

A preparação colonial dando sciencia e independencia aos emigrados, emancipa o estado de funcções que elle não pôde executar,

¹ *La politique*. Paris 1883, pag. 269.

² Bagehot, *Lois scientifiques du développement des nations*. Paris 1882, pag. 177.

livrando-o da mania dos regulamentos, e reduzindo-o á sua verdadeira esphera de acção como regulador.

Mais claras se tornam ainda as vantagens do systema que propomos, attendendo a que na colonisação não ha uma só raça a dirigir, ha muitas, umas submettidas pela conquista, outras subordinadas por inferioridade de civilisação. Póde o estado cuidar da direcção d'este movimento iniciador de capacidades civilisadoras, dando a cada raça a parte que lhe compete, em funcção do proprio valor? Não póde. O lyrismo humanitario póde preferir a imposição da *politica colonial do estado*, antepondo pequenos interesses de civilisação ao grande número de vidas que elles custaram. Mas realmente, o estado não tem competencia para tal serviço, e não póde executal-o com methodo nem com probidade¹, porque não tem sciencia, e não tem sciencia porque está seguro do predominio do *fetichismo dos governantes*. Nada estuda e tudo manda.

Esta é que é a coisa; e por mais que se faça, não se sahirá do circulo vicioso, senão emancipando pela sciencia todos os que forem participes das funcções sociaes, para que substituam pelo *consensus* universal a imposição do costume, pelo contracto voluntario e livre a tradição pesada e violenta.

A *legislação separada* não é pois valiosa e verdadeiramente util, senão quando fór acompanhada de um elevado estado moral; no caso contrario será duas vezes nociva, pelos conflictos a toda a hora creados, e pelo fatal retrocesso a *despotismos*, mais ou menos justificados pelo servilismo dos cidadãos.

Nas colonias aonde este mal existe, e aonde, como nas colonias portuguezas, nem sequer progridem as escólas de artes e officios, tão praticas, tão positivas, o impulso renovador só poderá ser dado pela gente nova, pelos emigrados, *se porventura se quer evitar a perpetuação do mal*. Emquanto os emigrados forem na maior parte degredados, não só o progresso se não manifesta na raça conquistadora, como tambem se impossibilitará a evolução das raças inferiores, constantemente em aprendizagem com a canalha que lhe manda a Europa. Em alguns pontos se atrazaram certos estados da America do Norte por causa d'esta praga; em muitos se retardou a evolução da Australia; em todos os pontos tem padecido as colonias portuguezas, apesar das liberdades dadas aos degredados, e tão grandes, que alguns, como um tal Pinto em

¹ Donnat, *La politique experimentale*. Paris 1885, pag. 75.

Gabriel Charmes, *Politique exterieure et coloniale*. Paris 1885, pag. 229.

Moçambique, chegam a credores do estado em dezenas de contos de reis!

Convém pois illustrar e morigerar esses milhões de homens, que pelas leis fataes da emigração, de uns pontos do globo partem a povoar outras terras, animando as civilizações locais com as mil cambiantes do seu temperamento, cultura, aptidões, etc. Preparem-os pois, á partida; iniciemol-os nos complicados serviços a que vão trabalhar, para que o seu ideal não seja o ideal avaro dos pretendentes a riqueas a todo o transe, mas seja o bem mais nobre e digno da collaboração altruista nos destinos da humanidade.

Depois, o remoçar de velhas civilizações, o levantamento de povos adormecidos e a educação das raças novas, nos mostrarão os resultados e as consequencias da politica scientifica, substituindo as tentativas ás apalpadellas da antiga politica colonial, causa unica d'essas hecatombes de raças e individuos, que são a eterna vergonha da civilização européa, tão egoista e tão interesseira!

CARLOS DE MELLO.

DOS FUNGOS

SUA DESCRIÇÃO E CLASSIFICAÇÃO

(Estudos botânicos — Conclusão)

Como já tive occasião de dizer, na classe dos fungos encontram-se dois processos de reproducção bastante diversos: um em que os corpos reproductores se formam directa ou indirectamente sobre o mycelio, sem a intervenção de quaesquer órgãos especiaes; outro em que estes corpos são o producto d'um verdadeiro acto sexual, em que cooperam dois órgãos, de fórma ou pelo menos de volume differente, funcçãoando um como órgão masculino, outro como órgão feminino.

No primeiro caso a reproducção é perfeitamente *assexuada*, no segundo caso é pelo contrario *sexuada*.

Os agentes de reproducção assexuada são, como vimos, os esporos; os órgãos resultantes da reproducção sexuada teem recebido varios nomes, mas Van Tieghem os agrupa todos sob a denominação geral de *ovulos*.

O sporo germinando dá origem a um mycelio, em tudo semelhante áquelle d'onde proveio. Muitas vezes, porém, este mycelio produzido pelo sporo é muito pouco desenvolvido, recebendo n'este caso o nome de *Promycelio*. Dá origem a esporos secundarios ou sporidios, que por seu turno produzem o mycelio definitivo.

Da germinação dos ovulos trataremos quando nos occuparmos da reproducção sexuada.

REPRODUÇÃO ASSEXUADA. — A formação dos esporos tem lugar em condições extremamente variaveis, d'onde resulta para elles

uma grande variedade de fôrmas e portanto de nomes, como passamos a examinar.

O sporo pôde originar-se por dois modos differentes, ou no interior d'uma cellula-mãe (formação endogenea) ou sobre uma cellula-mãe (formação exogenea ou acrogenea).

No primeiro d'estes casos, a cellula-mãe, dentro da qual nascem os sporos, tem o nome de *Sporangio*, e desenvolve-se em fôrma mais ou menos espherica na extremidade do filamento fructifero. Os sporos, que no seu interior se originam, podem ser immoveis e revestidos exteriormente por uma membrana, como, entre muitos outros, os das Mucorineas, ou moveis e nús, como, por exemplo, os das Peronosporas, e n'este caso teem o nome de *Zoosporos*. O sporangio toma então o nome de *Zoosporangio*.

O zoosporo é uma pequena massa protoplasmica de fôrma proximamente ovoide, desprovida de envolucro celluloso, tendo no seu interior um vacuolo ou nucleo brilhante, e munida de dois filamentos ou celhas vibrateis, por meio das quaes se pôde mover no seio d'uma gotta d'agua.

Pouco dura, porém, este movimento; em breve afrouxa até parar de todo; o zoosporo perde então as suas celhas, reveste-se d'uma membrana e assim se conserva até chegar a occasião favoravel para a sua germinação. Germinando, produz um mycelio analogo ao produzido pelo sporo.

Nos Ascomycetas, as cellulas-mães, dentro das quaes se originam os sporos e que formam uma camada de hymenio á superficie ou no interior do receptaculo fructifero (peritheca) teem, pela sua configuração e modo de formação dos sporos, o nome especial de *thecas* ou *ascos*. Os sporos teem o nome de *ascosporos*.

As thecas são, pois, sporangios particulares, a maior parte das vezes alongadas em fôrma de maça ou de cylindro e contando um numero de sporos determinado segundo as especies.

Para a sua formação, o protoplasma granuloso, que enche a theca, condensa-se junto da parte superior d'esta, ficando a parte inferior cheia d'um liquido aquoso e incolor; em seguida começa a divisão do nucleo, formando-se successivamente um certo numero d'elles, em volta dos quaes se concentra o protoplasma sob a fôrma de massas mais ou menos ovoides, que uma membrana não tarda a revestir. Cada uma das cellulas-filhas assim formadas é um sporo.

Juntamente com as thecas encontram-se sempre muitas cellulas

alongadas, que teem o nome de *paraphyses*, e que não são mais do que thecas que ficaram por desenvolver.

A formação exogenea tem logar toda a vez que o sporo se fórma livremente sobre uma cellula filamentosa do mycelio, ou sobre cellulas-mães especiaes que teem em geral o nome de *basides*.

Quando o sporo se fórma livremente sobre um filamento do mycelio, recebe em geral o nome de *Conidia*. Os filamentos fructiferos podem ser simples e elevarem-se do mycelio isolados ou reunidos em grupos. Outras vezes formam-se ramificações dichotomicas, nascendo os sporos na extremidade de cada ramo; muitas vezes a parte superior do filamento entumece-se, e emite em seguida numerosos prolongamentos delgados, ou *sterigmatas*, sobre cada um dos quaes se forma um sporo. Outras vezes ainda, um unico filamento dá origem na sua extremidade a muitos sporos successivamente, os quaes podem ficar reunidos e adherentes ao filamento, ou separarem-se á medida que se formam, ou ainda separarem-se todos em grupo, reunidos por meio d'uma mucilagem.

Em qualquer d'estes diferentes casos, a formação resultante tem o nome de *apparelho conidifero*.

Quando os sporos nascem sobre cellulas-mães (*basides*), todo este processo se passa em receptaculos particulares, cujo typo principal encontramos nos *Basidiomycetas*.

Como vimos, o hymenio, que reveste as paredes do receptaculo d'estes fungos é formado por *basides*.

Estas cellulas-mães podem apresentar fórmãs diversas, mas em geral são claviformes, e proseguindo no seu desenvolvimento, em breve se vêem emittir na sua parte superior pequenos prolongamentos tubulares, geralmente quatro, que se denominam *spiculas*, ou *sterigmatas*.

Em seguida a extremidade de cada um d'estes prolongamentos se entumece, formando-se um pequeno corpo espherico, onde se accumula o protoplasma; um septo immediatamente se fórma, que separa a porção espherica do pediculo, que a supporta.

Estão formados os sporos, os quaes por nascerem sobre *basides* receberam o nome de *basidiosporos*.

SPERMATIAS E STYLOSPOROS. — Estes sporos formam-se, como dissemos, sobre cellulas-mães, a que por extensão se dá o nome de basides, e no interior de receptaculos especiaes denominados *spermogonias* e *pynides*.

Os stylosporos são de fôrma mais ou menos ovoide, quasi sempre munidos de dois envolucros, dos quaes o mais externo se rompe com o desenvolvimento do sporo; as spermatias são muitissimo mais pequenas, teem a fôrma de varinhas ou bastonetes, e apenas um envolucro delgado.

Os primeiros formam-se isoladamente na extremidade de cellulas fusiformes simples; os segundos produzem-se por segmentação successiva dos filamentos ramificados, que constituem o hymenio, que reveste a parte interna do receptaculo (Pynide).

Os stylosporos germinam facilmente na agua pura, as spermatias sómente em meios apropriados. Aquelles encerram em si maior quantidade de substancia alimentar, por isso são menos exigentes com respeito ao meio nutritivo; estas são antes destinadas a servir d'agentes de propagação a grandes distancias.

As spermatias foram por muito tempo consideradas como o agente masculino na copulação, que dava logar, segundo alguns mycologistas, á formação da peritheca dos Ascomycetas; mas Maxime Cornu, conseguindo fazel-as germinar, afastou completamente estas idéas.

Se por um lado os stylosporos e as spermatias se relacionam com os basidiosporos, por serem formados sobre cellulas-mães analogas ás basides, por outro lado podem tambem ser considerados como conidias, de que se aproximam pelo modo de formação, e das quaes divergem em que as cellulas, sobre que se formam, se encontram no interior de receptaculos.

ÆCIDIOSPOROS E ÆCIDIOLOSPOROS. — Estes sporos produzidos no interior dos æcidios e æcidiolos (Uredineas) são, pelo seu modo de formação, perfeitamente analogos ás spermatias; como estas são produzidas na parte superior de filamentos cellulares, funccionando de basides; como ellas se relacionam com as conidias, das quaes tambem só differem em serem formadas no interior de receptaculos e não livremente sobre o mycelio.

Os æcidiolosporos germinam sobre a propria planta hospedeira, reproduzindo sempre a mesma phase do parasita.

Os æcidiosporos não podem germinar sobre a mesma planta em que foram produzidos e a sua missão consiste em irem desen-

volver sobre novo hospede, a nova phase da evolução biologica do parasita.

A reproducção sexuada tem sido até hoje observada em muito poucas familias; entretanto dos factos conhecidos póde concluir-se que este modo de reproducção se passa nos fungos como nos outros vegetaes, isto é, seguindo tres processos diferentes (Van Tieghem):

1.º — Reunião de duas porções protoplasmicas, sem differenciação sexual apparente. Este é o caso mais rudimentar e apenas exclusivo das algas e fungos.

2.º — Combinação d'um *antherozoide* com uma *oosphera*, processo commum a todas as Cryptogamicas, cellulares e vasculares.

3.º — Fecundação da *oosphera* por uma porção de protoplasma contido n'uma cellula, que representa o papel d'orgão masculino.

É o processo mais elevado, e que se encontra tambem nas Phanerogamicas.

Do 1.º processo, a que se dá o nome de *Conjugação*, encontra-se um exemplo nas Mucorineas. N'estes Fungos, dois filamentos myceliaes adjacentes emittem um para o outro dois prolongamentos, que se alongam até se tocarem, sendo em seguida isolados das cellulas d'onde emanaram, por meio de septos de separação que se formam. As duas cellulas resultantes não tardam a confundir os seus protoplasmas, pela reabsorpção da parede, que as separava, formando-se assim uma cellula unica a que se tem dado o nome de *zygosporo*. Van Tieghem, porém, substituiu esta denominação pela de *ovulo* e destinou a palavra *zygosporo* para designar o embryão em que este ovulo se transforma.

Este embryão é revestido por uma membrana incolor, espessa, verrucosa e de consistencia cartilaginosa. A membrana das duas cellulas conjugadas, colorida d'amarello ou de cinzento, reveste tambem o embryão.

Por occasião da germinação produz-se um filamento, que encontrando condições de meio favoraveis, se constitue em mycelio, e como tal se comporta ramificando-se, etc. Não encontrando, porém, essas condições, fórma na sua extremidade um sporangio, cujos sporos, libertando-se, germinam dando origem a novos mycelios.

No 2.º processo (Monoblepharideas), a extremidade d'um filamento mycelial se entumece, transformando-se n'um corpo esphérico e volumoso, que se separa por meio d'uma parede do resto do filamento. Este órgão assim formado é o *oogone*, ou órgão feminino.

Em seguida o seu protoplasma se separa em um certo numero de partes globulosas, que são outras tantas *oospheras*. Às vezes o protoplasma não se separa, constituindo todo elle uma unica *oosphera*.

Em outros filamentos situados inferiormente, as suas extremidades, sem se entumecerem ou entumecendo-se pouco, isolam-se tambem em cellulas distinctas, formando pequenas ampoulas denominadas *antherideas* ou órgão masculino.

O protoplasma se separa interiormente em pequeníssimas porções, que na occasião propria sahem da antheridea por uma abertura que se fórma: são os *antherozoides*, corpos ovoides, nús, munidos d'um unico filamento ou celha vibratil. Depois de se moverem por algum tempo no liquido ambiente, veem applicar-se contra a superficie do oogone, por onde se arrastam com movimentos amiboides, até encontrarem o orificio terminal por onde penetram, indo combinar-se com as oospheras.

A oosphera, assim fecundada, transforma-se n'um *oosporo*, envolvendo-se n'uma membrana e tornando-se independente.

O oosporo tem necessidade d'um certo tempo de repouso, que De Bary diz ser muito variavel, não só segundo as especies, mas na mesma especie segundo as condições em que se encontra. Quando chega a occasião de germinar, ou se transforma directamente n'um zoosporangio, ou produz um promycelio mais ou menos desenvolvido, onde se formam zoosporangios. No primeiro caso, os zoosporos sahem para o exterior reunidos por um envolturo commum, no interior do qual começam muitas vezes a germinar.

O 3.º processo (Saprolenhaceas e Peronosporreas) apenas se differença d'este em que o órgão masculino não produz antherozoides, mas aproximando-se do oogone, emite um tubo que perfura a parede d'este, e por intermedio do qual vai fecundar as oospheras, derramando sobre ellas o seu conteúdo.

N'este caso o órgão masculino não é uma antheridea, visto não produzir antherozoides. Dá-se-lhe então a denominação de *pollinideo*, em vista da sua analogia com o grão de pollen das phanerogamicas, na maneira por que esta opéra a fecundação, emit-

tindo o tubo pollinico. Ha apenas uma differença, é que o pollinideo fica adherente ao órgão que o produz, emquanto que o grão de pollen se separa.

Esta denominação de *oosporo*, como a de *zygosporo*, que serviam para designar os órgãos provenientes de reprodução sexual, foram por Van Tieghem substituidos pela denominação geral de *ovulos*. Só os ovulos (provenientes de formação sexuada) dão nascimento a um individuo novo, os outros órgãos de reprodução (por formação assexuada) apenas servem para multiplicar ou propagar a planta antiga com todos os seus caracteres individuaes.

O ovulo é, como vimos, o producto da união de dois corpos protoplasmicos, dois órgãos, que se consideram como de sexo differente. Em muitos casos esta differença é muito pouco accusada, e mesmo quasi nulla pelo menos em apparencia.

N'um grande numero d'especies, que se reproduzem por meio de conjugação, as duas cellulas que se unem, para a formação do ovulo, são perfeitamente iguaes; em muitos casos, tambem, a unica differenciação consiste no maior desenvolvimento d'uma d'ellas.

Não acontece o mesmo nos outros dois processos de reprodução descriptos, em que os dois órgãos sexuaes possuem já uma differenciação mais elevada; não só a sua origem é diversa, como diversa é a sua fórma, dimensões, e estrutura; além d'isso, o órgão feminino é fixo, immovel, e o órgão masculino pôde executar movimentos tendentes a aproximal-o do primeiro afim de effectuar a fecundação.

No primeiro d'estes casos, quando a differença entre os dois órgãos sexuaes é pequena ou nulla, as plantas denominam-se *homogamicas*; no segundo caso, quando essas differenças são notaveis e profundas, dizem-se *heterogamicas*.

Entre umas e outras, não ha, porém, um traço de separação bastante definido, pelo contrario a transição opera-se por meio de uma longa série intermediaria.

PARTHENOGENESE. — Nas especies homogamicas, a differenciação entre as duas massas protoplasmicas é tão pequena, a sua sexualidade tão fraca, que não raro, impedidos de se reunirem, e combinarem os seus protoplasmas, os dois órgãos podem, independentes um do outro, produzir uma planta nova.

Em muitas algas se dá normalmente este phenomeno, e entre os

fungos, nas Mucorineas, tem lugar muitas vezes, mas em condições accidentaes.

Nas especies d'esta familia, quando as duas cellulas, que se deveriam unir para a formação do ovulo, não chegam por algum motivo a tocar-se, qualquer d'ellas, por si propria, se póde transformar n'um pseudo-ovulo, em tudo semelhante ao verdadeiro ovulo proveniente da conjugação.

O embrião resultante recebe n'este caso o nome de azygoporo.

Nas especies heterogamicas, o órgão masculino possui uma differenciação bastante accentuada, e que o impede de ser fecundo, quando isolado; pelo contrario no órgão feminino, a differenciação sexual é muito mais fraca, e por este facto, se vê ás vezes a oosphera transformar-se tambem, sem fecundação prévia, n'um pseudo-ovulo que produz a nova planta. Entretanto este phenomeno é muito raro, e, a maior parte das vezes, o órgão feminino, quando isolado, é esteril, como o masculino.

Em qualquer dos casos, em que se dá este phenomeno, imprópriamente denominado aqui *parthenogenese*, os pseudo-ovulos assim produzidos germinam aparentemente como verdadeiros ovulos, mas de facto como os esporos, porque a planta produzida não é um novo individuo, mas sim, uma como que regeneração do antigo.

FILIPPE DE FIGUEIREDO.

COUSAS CAMONEANAS

(Ms. do dr. João Teixeira Soares de Sousa)

As *Cousas camoneanas*, pelo distincto jorgense dr. João Teixeira Soares, pertencem aos manuscriptos do mesmo escriptor, encontrados no seu espolio, e que para coordenar me havia confiado seu herdeiro e irmão, o dr. José Soares Teixeira de Sousa, fallecido prematuramente em 20 de agosto ultimo.

Muitas vezes ouvi ao illustre escriptor que esta série de artigos pretendia continual-a além de quarenta e tantos.

Em carta sua ao seu particular amigo e distincto colleccionador camoneano, o snr. dr. José Affonso Botelho de Andrade da Camara e Castro, de Ponta Delgada, promettia publicar para mais de cincoenta d'aquelles artigos. (*Archivo dos Açores*, vol. III, pag. 317, nota).

A nota, porém, dos argumentos para esses artigos, que encontrei, apresenta o numero de quarenta e cinco; e mettendo em conta outros escriptos seus, sobre Camões, que a illustrada redacção da *Época*, de Ponta Delgada, publicou em homenagem á memoria do seu author, sob a mesma epigrapha *Cousas camoneanas*, achar-se-ha o dito numero de cincoenta.

Persuado-me ainda que este numero seria muito augmentado; porque á medida que o dr. João Teixeira Soares fosse escrevendo os artigos, a sua muita erudição avivar-lhe-ia outros que tornariam afinal uma publicação curiosissima.

Assim, pouco mais existe além do publicado; e o que ha resu-me-se — na dita nota, tres artigos talvez completos, alguns em apontamentos e sobre outros nada escripto.

Encarreguei-me, pois, de tal trabalho unicamente por desejar a publicação de tudo quanto o dr. João Teixeira escreveu sobre as suas interessantes *Cousas camoneanas*; e por me parecerem esses escriptos, ainda que incompletos, dignos de figurar nas estantes camoneanas levantadas por occasião do tricentenário, como fragmentos de uma preciosa reliquia do distincto açoreano ao seu admirado poeta.

Os argumentos estavam numerados pelo seu author desde XIII até XLIII. Esta numeração alterei-a começando no n.º XV, que é o seguinte ao ultimo folhetim publicado com o n.º XIV, no *Velense*, n.º 79, de 8 de março de 1883, *Camões e o licor de Lyeu*, tambem encontrado no seu espolio.

Cada um dos argumentos vae seguido do que a seu respeito escreveu o author.

Fayal, Dezembro 7 — 1885.

JOSÉ CANDIDO DA SILVEIRA AVELLAR.

XV

Leves observações sobre o intento que Camões teve de prolongar os Lusíadas

Permitta-me o leitor que lhe apresentemos uma rectificação que nos occorre a uma proposição que avançámos nas *Observações das Estancias que se dizem omittidas por Camões ao publicar os Lusíadas* ¹.

Dissemos com relação a esta clausula do alvará de privilegio: « e se o dito Luiz de Camões tiver *acrescentado* mais alguns cantos *tambem* se imprimirão, havendo para isso licença do santo officio, etc. » — que Camões não tivesse em vista *acrescentar* propriamente o poema, mas augmentar arithmeticamente o numero dos seus cantos por uma nova divisão, em virtude de um trabalho de *intuscepção*.

¹ *Velense*, n.º 33, de 8 de abril de 1881.

Errámos.

As Estancias, que se dizem omittidas, são effectivamente um trabalho para *intuscepção*, porque é inteiramente relativo á materia já expendida no poema e para addicionar a ella designadamente; mas que nada tem com o *acrescentamento* de cantos do poema, que Camões realmente projectou.

O titulo do poema, a exuberante latitude da sua proposição, o silencio quasi absoluto com relação ao heroísmo pessoal contemporaneo do author, a interpretação da passagem transcripta do alvará de privilegio, litteral e logica, e sobre tudo isso as proprias expressões do poeta levam a essa conclusão.

O valor do titulo do poema é assás conhecido, e embora em varios episodios se exponham os feitos de muitos portuguezes, o poema, cuja acção principal é a primeira viagem maritima de Lisboa a Calecut e a contra-viagem, não corresponde ao seu titulo de um modo completo e satisfactorio.

Á latitude da proposição deixa o poema igualmente de corresponder. É ella tão multipla que decerto se não achará outro poema heroico com proposição semelhante. Depois de tomar a fórma positiva, passa á comparativa, reaparece na dedicatoria e renasce ainda, para se modificar, em varios dos seus cantos.

O Gama, principal heroe d'elle, apparece apenas, mui secundariamente, e por comparação, na parte da proposição que se acha na dedicatoria:

Damos tambem aquelle illustre Gama
Que para si de *Eneas* toma a fama.

O silencio de Camões com relação aos heroes seus contemporaneos é um facto estupendo!

Pára nos feitos de D. João de Castro, morto em 1548.

Desde aquelle anno até o de 1572, em que publicou o poema, faz apenas tres menções, permitta-se-nos a qualificação — insignificantes! As das estancias (*não declara*) e 104; não mettendo em conta o caso de Sepulveda.

Seria porque esses vinte e quatro annos fossem estereis em actos de heroísmo? Bem pelo contrario, foi esse um periodo fertilissimo em acções heroicas; e o que é mais, foi o proprio Camões testemunha d'ellas.

Ao terminar o poema, Camões não julga o valor portuguez em nada decahido, antes em varios logares e por varios modos o exalta e encarece.

Mas tudo isto sempre de um modo vago, indeterminado e pessoal.

Queixa-se de injustiças pessoas, da rudeza dos nossos capitães (sem que lhe escape o proprio Gama e sua descendencia), da falta de premio que se compense e estimule, mas por fim jacta-se da sua musa ser já estimada e leda :

A minha já estimada e leda musa.

(x, 156).

Fatal contradicção em tão excelso espirito!

No silencio que deixamos apontado, não nos é licito imputar a tão nobre caracter uma *conspiração de silencio* contra o modo portuguez heroico seu contemporaneo.

Havia certamente em Camões, a tal respeito, intenções de uma homenagem ulterior, que circumstancias adversas lhe não deixaram executar.

Tem-se pretendido explicar esta lacuna por quebra entre Camões e Francisco Barreto.

É uma falsidade, como em outro logar opportunamente demonstraremos.

A interpretação litteral e logica do trecho transcripto do alvará de privilegio leva á conclusão necessaria de um verdadeiro e real prolongamento do poema.

Os cantos a acrescentar eram na intenção do poeta e dizer do alvará *obra nova*.

Se o fossem por um novo trabalho interior do poema, todo elle teria de passar de novo pela revisão e licença do santo officio. Mas licencceados uma vez os cantos apresentados, os a acrescentar ficariam apenas sujeitos áquelle acto. É o que diz o alvará.

Isto indica assás a novidade d'estes e a entranhabilidade d'aquelles.

É o proprio Camões que a esta apreciação vem dar uma confirmação authentica.

O poema termina esthetica e narrativamente para nós, na estancia 144 do canto x :

Assim foram cortando o mar sereno,
Com ventó sempre manso, e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela foz do Tejo ameno,
E á sua patria é rei temido e amado,
O premio e gloria dão ; porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

Camões, porém, prosegue :

No mais, musa, no mais; que a lyra tenho
 Destemperada, e a voz enrouquecida;
 E não do canto, mas de vér que venho
 Cantar a gente surda, e endurecida.
 O favor, com que mais se accende o engenho,
 Não no dá a patria, não; que está mettida
 No gosto da cubiça, e na rudeza
 D'uma austera, apagada e vil tristeza.

(x, 145).

Isto é, terminado o poema, declara que não canta mais, por ter a lyra destemperada e a voz enrouquecida.

É pois claro que para Camões o poema não ficou terminado n'aquella estancia 144. Se não continúa o canto é pelos motivos que aponta e não porque a isso se lhe opponha o preceito da arte.

Camões toma por modelos Homero e Virgilio; mas o seu immenso genio não devia, mas podia continuar seus passos aos de seus mestres.

Camões não cantou um heroe unico, mas um povo de heroes. Dizem-no assás o titulo e proposição do seu poema.

As regras e preceitos da poetica de Aristoteles tinham de se modificar e ceder ante um poema de uma indole nova.

Advertam muito embora os que adaptam os *Lusiadas* áquellas regras e aos paradigmas da antiguidade a impossibilidade esthetica de Camões levar o poema além do ponto em que o deixou; é, em face do exposto, para nós fóra de duvida que assim o intentou, já expressando na passagem transcripta a sua possibilidade, já expondo positivamente ante a authority a sua intenção.

Como elle pretendia fazel-o, nada deixou por onde possamos sabel-o.

O seu genio é sobeja garantia de que o faria de modo con-digno.

Seja a não realisação d'este intento do poeta, mais um motivo para lastimarmos a triste sorte que o perseguiu nos ultimos annos da vida.

Como curiosidade, offerecemos ao leitor a

Repartição, pelos dez cantos dos Lusíadas, das 1:102 oitavas de que se compõe o poema, e bem assim das 74 1/2 que se dizem omitidas pelo author:

Cantos	Estancias dos Lusíadas	Estancias omitidas
I.....	106.....	4
II.....	113.....	—
III.....	143.....	2
IV.....	104.....	27 1/2
V.....	100.....	—
VI.....	99.....	15
VII.....	87.....	—
VIII.....	99.....	4
IX.....	95.....	—
X.....	156.....	22
	1:102	74 1/2

XVI

Camões e os Anhaias da India

No canto x, est. 94, Venus, fazendo ao Gama a descripção da Terra, allude à fortaleza de Sofala fundada em 1505 por Pedro da Nhaia e por elle *defendida com destreza* contra os negros:

Olha d'elles a bruta multidão,
Qual bando espesso e negro d'estorninhos
Combaterá em Sofála a fortaleza,
Que defenderá Nhaia com destreza.

João de Barros conta de espaço como Pedro da Nhaia fundou aquella fortaleza e a defendeu, constituindo n'ella uma feitoria, e morrendo alli de febres logo no anno seguinte.

A allusão feita por Camões a Pedro da Nhaia parece-nos um acto de favor em vista da parcimonia, ou antes avareza, de outros semelhantes requeridos pela descripção que prosegue.

Segundo Barros, Pedro da Nhaia foi filho de Diogo da Nhaia, fidalgo castelhano que passou ao serviço d'el-rei D. Affonso v por occasião das guerras que teve com Castella.

Filho ou sobrinho de Pedro da Nhaia, foi Diogo d'Anhaia Coutinho, natural da Santarem, que militou na India em tempo de Camões e que por seu valor e pobreza bem deveria merecer as sympathias e amizade do poeta.

Na verdade era Diogo d'Anhaia bem digno d'ellas. A maneira por que se houve no segundo cerco de Diu fazem-no assás distincto.

Diogo de Couto presta a devida homenagem ao seu valor e pouca fortuna.

A pagina que lhe consagra é digna de exhibição n'este logar e justificará a menção honrosa que do seu parente fez Camões.

Eil-a : « Mas como (D. João de Mascarenhas) desejava muito saber de certo o intento e determinação dos inimigos, era-lhe necessario para tomar algum lingua de que se podesse informar. Isto praticou algumas vezes com os fidalgos, cavalleiros e soldados, de quem presumia que prestariam para este feito etc. » — Dec. 6, 1, 9, p. 75. (*Esta referencia é a lapis*).

XVII

Camões e os Silveiras da India

A familia dos Silveiras é uma das mais illustres na historia da nossa dominação no Oriente. Couto, fazendo o elogio dos tres irmãos D. Simão, D. Diogo e D. Antonio da Silveira, mortos na flôr da idade, mas carregados de merecimentos, diz que foi — « sempre este appellido dos Silveiras na India tão prodigo do seu sangue, que não ha parte em que o não tenham derramado por serviço do seu Deus e do seu rei, etc. »

Depois, mencionando alguns outros sujeitos d'esta familia, conclue: « D. Alvaro da Silveira, irmão do 2.º conde da Sortelha, de que muitas vezes fallamos nas nossas Decadas, que foi morto em Baharem, sendo D. Constantino vice-rei da India; o padre doutor Gonçalo da Silveira, seu irmão, da Companhia de Jesus, que, pelejando com as armas espirituaes, foi morto pelos cafres, padecendo glorioso martyrio, e agora estes tres irmãos e outros muitos d'este appellido que por abreviar deixamos. » Dec. x, liv. II, cap. I, pag. 153 e seg.

D'estes dois sujeitos voltaremos logo a fazer especial menção.

Antes d'isso, offereceremos ainda ao leitor o que diz Couto de Antonio da Silveira, o que sustentou o primeiro cerco de Diu, proprio do seu regresso á patria:

« N'esta armada se embarcou (em janeiro de 1540) Antonio da Silveira, o do cerco de Diu (a que com muita razão poderemos dar o sobrenome de *Grande*), que chegando ao reino, o foram buscar á nau o marquez de Villa Real, o conde de Vimioso, o da Vidigueira, o da Sortelha, o de Redondo e todos os fidalgos e senhores da côr-

te, que o levaram a el-rei D. João, que o esperava em casa da rainha. »

Os Silveiras da Índia não foram só felizes ante a historia, foram-no tambem ante a poesia lyrica e a epopéa.

Nos *Lusiadas*, Camões menciona :

Heitor da Silveira, o velho :

E não menos de Diu a fera frota,
Que Chaul tomará de grande e ousada,
Fará co'a vista só perdida e rota
Por Heitor da Silveira, e destroçada :
Por Heitor portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada
Será dos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

(x, 60).

Antonio da Silveira :

Diu, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Silveira bem sustentá.

(x, 62).

O padre Gonçalo da Silveira :

Vé do Benomotapa o grande imperio
De selvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela Fé santa sua :

(x, 93).

A morte de D. Alvaro da Silveira mereceu-lhe uma terna elegia. Heitor da Silveira, o *drago*, foi tambem particular amigo de Camões.

É um dos *convidados*, no jantar de trovas, dado pelo poeta em Goa aos seus mais particulares amigos.

Para mais completa noticia dos sujeitos referidos, diremos que os Silveiras, amigos de Camões, constituíam duas linhas do mesmo tronco.

Fernão da Silveira, o *bom*, coudel-mór desde 1454-1493, e D. Isabel Henriques.

D'esta, foi primeiro filho Francisco da Silveira, coudel-mór, pai de 1) Bernardim da Silveira, morto em 1538 em viagem para a India, e 2) Heitor da Silveira, o Heitor portuguez, morto em 1531.

De Bernardim da Silveira, foi filho outro Heitor da Silveira, o *drago*, amigo de Camões, e companheiro de viagem no regresso à patria, desde Moçambique até sua morte ao pé da serra de Cintra.

De Fernão da Silveira, o *bom*, foi segundo filho Diogo da Silveira.

D'este foi filho Nuno Martins da Silveira, pai de 1) Luiz da Silveira, 1.º conde da Sortelha, e de 2) Antonio da Silveira, o *de Divu*.

De Luiz da Silveira, 1.º conde da Sortelha, foram filhos o 2.º conde, D. Alvaro da Silveira e D. Gonçalo da Silveira, ambos amigos de Camões.

Para mais ampla noticia pôde o leitor vêr o livro do snr. Theophilo Braga, *Poetas palacianos*.

Antonio da Silveira morreu em 1552. (Fructuoso, *Saudades da Terra*, pag. 119).

XVIII

Camões e D. Pedro Castel-Branco

Mas attenta já cá de est'outra banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras,
Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras
Quando as galés do Turco, e fera armada,
Virem de Castel-Branco nua a espada.

(x, 101).

Esta menção e referencia a D. Pedro de Castel-Branco é uma das poucas que Camões faz nos *Lusiadas* com relação ao heroismo portuguez seu contemporaneo.

D. Pedro não concorreu com elle no Oriente. Dictada, como parece, pela amizade, esta devera ter logar ainda no reino, antes da sahida de Camões para a India.

D. Pedro de Castel-Branco sahiu do Tejo em 23 de maio de 1522 para a India, capitaneando a nau S. Miguel, que foi a primeira que n'esse anno chegou a Goa, dando a noticia da morte de el-rei D. Manoel.

Em 3 de outubro de 1533 sahiu outra vez D. Pedro do Tejo para o mesmo destino, mas d'esta vez capitaneando uma armada de dez velas.

Era D. Pedro filho segundo do 1.º conde de Villa Nova, D. Martinho de Castel-Branco, um dos poetas distinctos do *Cancio-neiro*.

O seu caracter e serviços obtiveram-lhe a capitania de Ormuz, de que foi tomar posse em fins de 1534, « por acabar seu tempo Antonio da Silveira, que lá estava. »

O seu governo em Ormuz provocou-lhe « grandes culpas e queixas », « porque naturalmente era um fidalgo muito forte de condição, e tão vingativo, que não perdoava cousa alguma. » « E assim estava toda a terra tão escandalizada d'elle que foi necessario a Nuno da Cunha mandar lá o ouvidor geral da India suspendel-o do cargo e mandal-o preso á India. »

Foi julgado já no tempo do vice-rei D. Garcia de Noronha, mandando a sentença que fosse acabar de servir o tempo que lhe faltava n'aquella fortaleza.

Sendo por este tempo morto á bésta em Ormuz, Xequé Hamed, guazil d'aquella cidade, sempre se suspeitou que o mandára matar o mesmo D. Pedro de Castel-Branco, porque tinha para si que elle mandára d'elle capitulos a Nuno da Cunha, porque o suspendera da sua fortaleza. « E como este fidalgo era forte de condição (e tão mal soffrido que, dizem, que poucas vezes perdoou cousa que lhe fizessem, de que se não vingasse por todos os meios que podesse), tiveram para si todos que a morte do guazil procedera d'elle. »

Sahiu D. Pedro para Ormuz em março ou entrada de abril de 1539. Acabado o seu tempo alli, sahiu D. Pedro de Castel-Branco da India para Portugal, na entrada de janeiro de 1542, commandando uma caravela, e em companhia da nau S. Thomé e do galeão Zambuco.

Governava então a India D. Estevão da Gama, muito amigo de D. Pedro, que lhe deu aquella caravela para a viagem.

A nau S. Thomé chegou a Portugal na entrada de julho. O galeão Zambuco chegou tambem a salvamento, « só a caravela de D. Pedro de Castel-Branco encontrou na volta das ilhas dos Açores uns navios francezes, que o abordaram e entraram, roubando-o, e tomando-lhe tudo o que levava e assim chegou ao reino e logo se passou a França com cartas d'el-rei a requerer sua fazenda, porque fôra roubado, havendo pazes entre aquelles dous reis. »

Este fidalgo andou na côrte de Paris muito tempo, requerendo áquelle rei lhe mandasse fazer restituição de sua fazenda, sobre o que elle (segundo dizem) mandou fazer diligencias dissimuladas, sabendo elle mui bem o que lhe fizeram, e tendo quinhão nas peças que lhe tomaram; e D. Pedro lhe conheceu umas estribeiras de ouro e seus anneis ricos.

Estando um dia em praticas com elle, desculpando-se elle, que se não achava rasto de cousa alguma, nem elle sabia d'onde aquillo podia vir, lhe respondeu D. Pedro: — « Como, senhor, dizeis isso? se as estribeiras que o outro dia levastes eram minhas e es-

ses aneis que tendes nos dedos eu os mandei fazer ? » — No que isto parou não soubemos cá na India, onde escrevemos isto ; sómente nos parece ouvir em Portugal dizer, que algumas peças e fazendas lhe tornaram, porque depois viveu este fidalgo rico, e por sua morte ficou seu filho D. Antonio de Castel-Branco, com muita renda e casa, e casou com uma filha do vice-rei D. Garcia de Noronha, cujo casamento os paes d'elles fizeram na India, de quem se não logrou tres mezes. E conta-se d'elle esta grandeza, que depois da mulher fallecer, deixando-o a elle por herdeiro de tudo, tomou o casamento que lhe deram em dinheiro (que eram quinze mil cruzados) e os mandou a D. Alvaro seu cunhado, mandando-lhe dizer, que tinha escrupulo de comer aquelle dinheiro, que seu pai D. Garcia ganhára, e que sua filha tão mal lograra. »

Foi D. Pedro de Castel-Branco casado com uma filha de João Brandão, neta do grande Duarte Brandão. (Couto, 5, 8, 2).

Couto nada diz dos feitos que Camões refere a D. Pedro no governo de Ormuz !

Nos *Poetas palacianos* vem uma noticia particular de D. Martinho de Castel-Branco, a pag. 289.

XIX

Camões, D. Pedro de Sousa e os Telles de Menezes

D. Pedro de Sousa

Chegou a Goa nas naus do reino, que surgiram na barra d'ella, nos primeiros dias de setembro de 1562.

Já provido na capitania de Ormuz, para onde o conde vice-rei o despachou, depois de alguma pequena demora, em uma nau muito formosa, levando comsigo Babuxá, que depois foi rei de Ormuz. (Couto, 7, 10, 7).

D. Pedro morreu em fins de 1565, em vista da seguinte passagem de Couto :

« Na entrada d'este anno de 66 foi Luiz de Mello entrar na capitania de Ormuz, por virem novas de ser fallecido D. Pedro de Sousa, o qual foi enterrado entre as portas da fortaleza, e seus ossos foram mudados á parede, onde tem um nicho com grades de ferro, e seu letreiro. Foi fidalgo muito honrado, bom christão e temente a Deus.

« Dizem que tinha Formão do grão Turco, para poder ir por terra para o reino, e levar certos homens de cavallo, para o que se fazia prestes ; mas Deus Nosso Senhor ordenou que fosse para me-

lhor reino. aonde se presume que irá por sua virtude e bondade.» (Cit. Dec., cap. 15, in fine).

Ergo: foi no espaço decorrido desde fins de 1562 a fins de 1565 que ocorreram os feitos referidos na estancia 104 do canto x dos *Luziadas*:

Aqui de D. Philippe de Menezes
 Se mostrará a virtude em armas clara,
 Quando com muito poucos portuguezes
 Os muitos Parseos vencerá de Lara :
 Virão provar os golpes e revezes
 De D. Pedro de Sousa, que provára
 Já seu braço em Ampaza, que deixada
 Terá por terra á força só de espada.

São os ultimos factos referidos no poema; por outra, são os factos mais recentes que elle menciona.

Sobre a cidade e reino de Lara na Persia, vid. A. Tenreiro, *Itinerario*, cap. 3.

XX

Alguns amigos de Camões; Calixto de Sequeira

Maior alcance chronologico de amigos de Camões:

- Diogo de Couto*, fallecido em 1616.
D. Francisco d'Aragão, ainda vivo, 1614.
Manoel Corrêa Montenegro, vivo, 1613.
D. Gonçalo Coutinho, fallecido, 1634 (1).
D. Manoel de Portugal, fallecido a 26 de fevereiro de 1606.
Miguel Leitão d'Andrade, fallecido depois de 18 de março de 1602.

XXI

As esculpturas na India. Os jardins do Camorim. Os pagodes de Callectut, do Elephante e do Cavallo

XXII

Os Vedas. Max Muller. João de Barros. Camões.
Diogo de Couto

XXIII

Os Gamas. Origem do appellido. Vasco da Gama. Sua origem ingleza pela mãe. Seus filhos. Character violento d'esta familia

Homenagem do Oceano aos Gamas

Camões e os Gamas. Trasladação dos restos mortaes de Camões e Vasco da Gama. Sua inconveniencia

As musas agradeça o nosso Gama
 O muito amor da patria, que as obriga
 A dar aos seus na lyra nome e fama
 De toda a illustre e bellica fadiga :
 Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
 Calliope não tem por tão amiga,
 Nem as filhas do Tejo, que deixassem
 As telas d'ouro fino, e que o cantassem.

(v, 99).

O que pela primeira vez lêr nos *Lusiadas* a epigraphé supra transcripta, depois de ter visto n'elles o Gama comparado a Eneas, e desempenhar depois, com a mais vigorosa personalidade do *peito lusitano*, o papel de protogonista na acção do poema, não deixará de se sentir tomado por uma antithese tão surpreendente.

Como, pois, explicar este antagonismo entre Camões e o seu heroe e estirpe d'este ?

É esta, na vida do poeta, e no commento dos *Lusiadas*, um dos problemas mais curiosos a resolver.

Sem meios de estudo.....

(Nota. — Sobre a transladação dos ossos de Vasco da Gama e sua inconveniencia, ha um artigo do snr. João Teixeira Soares, escripto em um livro que seu irmão e herdeiro remetteu ao snr. dr. Ernesto do Canto, por haver n'esse livro alguns apontamentos ácerca da descoberta da Australia. Era este o logar proprio para a publicação d'aquelle artigo).

XXIV

Camões e Francisco Barreto

(Nota. — Mais de uma vez, fallando o auctor de Camões se Francisco Barreto, promette demonstrar ser falso haver entre elles quebra

de amizade, o que aliás sustentam alguns escriptores, tomando por fundamento a satyra composta por Camões, *Disparates da Índia*, em que com branda critica censurava os vícios do governador Francisco Barreto, adquirindo os odios d'este, que o desterrou para as Molucas. Seria esta a occasião do auctor o fazer?).

XXV

O Bojador. O Boa Esperança. O Adamastor

XXVI

Naufragio de Sepulveda. Camões. Diogo de Couto

XXVII

O interior d'Africa: Azurara, Barros, Horta e Camões

XXVIII

O lençol mortuario de Camões. Sepultura no mar. Alguns casos da nossa historia. O d'Azurara. O da nau S. Paulo. Nuno da Cunha. D. Antonio de Noronha. O arcebispo D. Antonio Taveira. Pero Moniz.

(O lençol mortuario de Camões)

A tradição conservou a lembrança de que da casa de Vimioso sahira o lençol para a mortalha de Camões. Geralmente acredita-se como mero indício da mais extrema pobreza este genero de mortalha.

Para aquelle tempo não era assim.

Era um uso transmittido de remotas eras aquelle, com pobres e opulentos; chegou até á realeza.

Heitor Pinto transmittie-nos a este respeito as seguintes passagens:

« Os poderosos do mundo, enquanto n'elle vivem, e lhes dura o poder são servidos e estimados. Mas acabado o imperio, consumida sua prosperidade, fenecida sua vida, são vestidos n'um lençol, e ás vezes roto, mettidos na terra.»

« Estando o grão Soldão da Babilonia para morrer, conhecendo que ia já no cabo, mandou levar um lençol pela cidade, e que fosse diante um pregoeiro, lançando pregão, que soubessem todos

que o grão Soldão e rico príncipe não levava comsigo d'este mundo, de todas as suas riquezas, mais que aquelle pobre lençol, em que havia de ir amortalhado.»

El-Rei D. João II foi envolto em um lençol.

D'elle diz Mariz: — « Passados 14 annos que esteve sepultado, acharam as tábuas do athaude, onde seu corpo estava, quasi queimadas da cal e a alcatifa e lençol da mesma maneira, e o corpo tão inteiro, etc., como de pessoa viva.»

Garcia de Sá, governador da India, lá fallecido em (*não declarada*) mandou e foi com effeito, sepultado em lençol.

(Tem as seguintes referencias a lapis):

Mariz, D. João II, p. 335 — 3.º p. 735. Garcia de Sá — 2.º p. 69.

(Sepultura no mar)

No mar tanta tormenta e tanto danno,
Tantas vezes a morte apercebida.

Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
.....
Cobrirão de todo o illustre os ossos.

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu summa vingança.

(v, 44).

Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.

(v, 86).

XXIX

Pretidão d'amor. As Nayres

XXX

A lealdade portugueza. Egas Moniz. Couto

XXXI

O furto do Parnazo de Luiz de Camões. Ainda as naus
Fé e Santa Clara. Naus celebres da antiguidade. As de Colombo

(Naus celebres da antiguidade mythologica, classica
e dos tempos modernos)

Assi foram os Minyas ajuntados
Para que o veo dourado combatessem,
Na fatidica nau, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino, aventureira.

(iv, 83).

Nas fortes naus os ventos socegados
 Ondeiam os aereos estandartes;
 Ellas promettem, vendo os mares largos,
 De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.

(iv, 85).

De Argus, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara.

(viii, 71).

A Lebre, os Cães, a Nau e a doce Lyra.

(x, 88).

« Trabalharam os athenienses pola conservar (a nau de Theseu) longo tempo para perpetua lembrança da verdade da navegação de Theseu, que se então teve por coisa maravilhosa. »

« Por mais que os athenienses guardaram a nau em que diziam que Theseu fôra a Creta matar o Minotauro, para ficar, emquanto durasse o mundo em memoria, não a tiveramos nós d'ella, se não foram os livros, que o contam. Lemos que durou esta nau até o tempo de Demetrio Phalereu infinidade de annos. » (Heitor Pinto, Dial., tom. II, pag. 561 e 564).

(Naus de Colombo)

Santa Maria, capitanea.

Pinta (?), capitão Martim Affonso Pinson.

Negra, capitão Vicente Gomes Pinson.

(Naus do Gama)

S. Gabriel, capitanea.

S. Raphael, capitão Paulo da Gama.

(Ficon nos baixos a *S. Gabriel*, junto a Mombaça, na volta).

Bersio, capitão Nicolau Coelho.

(Naus do Albuquerque)

A Victoria! (A primeira que circumdou a Terra).

A fusta de Diogo Coelho.

O galeão *S. Joannilho*.

A nau *Fé* ou *Santa Clara*, portadora dos *Lusiadas*.

XXXII

Liberdade de pensamento e de acção na India. Os Disparates da India. Primeiras tentativas do estabelecimento da Inquisição em Goa, frustradas. Camões e o Mecon.

XXXIII

Condições politicas e economicas d'um soldado portuguez na India em tempo de Menezes. Provimento dos logares de capitães e feitores das fortalezas na India.

XXXIV

Perdigão perdeu a penna. Os Silvas e as nossas princezas

XXXV

Proposição complexa dos Lusíadas: A personalidade do auctor no poema. Diogo de Couto. Sua latitude. Ulteriores restricções. Heroes dos Lusíadas contemporaneos do auctor e quaes os ainda vivos ao tempo da publicação do poema (1572). Conspiração silenciosa contra o heroismo pessoal seu contemporaneo.

(Heroes dos Lusíadas vivos ao tempo da publicação do poema)

D. Estevão da Gama.

D. João de Mascarenhas.

D. Alvaro de Castro.

—

D. Philippe de Menezes?

D. Pedro Castel-Branco?

Antonio da Silveira?

Martim Affonso de Sousa ainda vivia em 1563, anno em que lhe foram dedicados os *Colloquios* de Horta. Jazia em S. Francisco da Cidade. Veja epitaphios de A. J. Moreira e a Historia geral do Brazil.

A complacencia com que Camões falla d'elle parece indicar que as estancias a seu respeito foram escriptas em vida d'elle.

(D. Alvaro de Castro)

Até que nas maiores oppressões
Castro libertador, fazendo offertas
Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deus se sacrificuem.

Alvaro, quando o inverno o mundo espanta
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas, e os perigos,
Os ventos, e depois os inimigos.

(x, 69 e 70).

D. Alvaro de Castro começou a occupar o cargo de Vedor da Fazenda de El-Rei D. Sebastião a 23 de outubro de 1573.

Em maio de 1576 entrou no de Escrivão da Puridade pela queda de Martim Gonçalves da Camara.

Morreu no anno seguinte de 1577, succedendo-lhe no logar Pedro d'Alençon.

A maneira por que Camões allude a D. Alvaro é muito *distincta*. Mas nada ha por onde conste que fôra tido por este na consideração que merecia.

A mercê da tença de 15\$000 reis é anterior á entrada de D. Alvaro no cargo de Vedor.

Teve mais em conta a roda de navalhas de S. C. (?) que os elogios de Camões!

Todavia é mister confessar que sendo a mercê de 15\$000 reis de tença annual, feita por tres annos sómente, desde 12 de março de 1572 a 12 de março de 1575, foi prolongada por outros tres, a contar do mesmo dia, por Apostilla de 2 d'agosto de 1575, tempo em como vimos era Vedor da Fazenda D. Alvaro de Castro. Quando se acabaram já D. Alvaro era morto.

Camões, porém, esteve sem receber esta tença desde janeiro de 1575 até 22 de junho de 1576, como consta d'uma Ementa n'esta data, em que se lhe mandou pagar.

Bem se vê que não era o Vedor da Fazenda seu amigo!

O nome de D. Alvaro de Castro figura tambem na historia açoreana.

Manuel Dutra Côte-Real, 3.º capitão donatario das ilhas do Fayal e Pico, havia por morte de seu pai, a quem succedera, ido a Lisboa para se fazer confirmar na capitania, sendo-o com effeito por carta de 15 de julho de 1550.

O seu procedimento alli com D. Angela de Menezes, levou el-rei D. João III a mandal-o preso para o castello de Santarem, onde adoecendo, lhe mandou el-rei que com ella casasse, o que fez, morrendo quatro dias depois.

Havida então por vaga a capitania, el-rei, em 28 de junho de 1552, fez d'ella mercê a D. Alvaro de Castro, pelo seguinte Alvará:

(Não transcreveu o alvará. No *Archivo dos Açores*, vol. IV, pag. 69, vem publicado o alvará de mercê de 250\$000 reis a D. Alvaro de Castro, capitão das ilhas do Fayal e Pico em troca da dita capitania, datado de fevereiro de 1553).

Jeronymo Dutra, filho de Manoel Dutra, obteve, por Alvará de 20 de junho de 1558, licença para fazer citar o procurador da corôa para acção de reivindicção, oppondo-se assim a que se passasse carta de confirmação a D. Alvaro.

A sentença, de 6 de setembro de 1571, foi contraria a Jeronymo Dutra. Interpoz recurso de revista que dez annos depois, em 10 de dezembro de 1581, lhe foi julgado a favor, por motivos politicos. Parece que D. Alvaro usou da alternativa concedida na mercê e largou a capitania, de que foi por el-rei D. Sebastião feita mercê a D. Francisco Mascarenhas, com o titulo de conde da Horta, em 1573.

A sentença proferida pela relação de Lisboa contra Jeronymo Dutra, é a muitos respeitos um documento importantissimo. Sabemos que o snr. dr. Ernesto do Canto o pretende publicar no seu periodico *Archivo dos Açores*.

(A sentença a que allude o auctor foi publicada no *Archivo dos Açores*, vol. III, de pag. 408 a 419).

XXXVI

O Santo Xavier

XXXVII

Principaes actos de heroismo na India contemporaneos de Camões

XXXVIII

Breves reflexões sobre o anterior

XXXIX

Paragonação entre Camões, Heitor Pinto e Couto na justiça feita ao heroismo seu contemporaneo

XL

A pororosa e o tremor de terra no mar. Camões e Couto

XLI

Trasladação dos ossos do Gama e de Camões. Camões e Couto sobre trasladações

XLII

A eloquencia do desaggravo ; a mais poderosa de Camões : Duarte Pacheco e Pedro de Mendonça

XLIII

Mesquinha condição politica e economica de um soldado portuguez na India em tempo de Camões. Vasto campo para a actividade portugueza no Oriente : alguns casos notaveis de fortuna de portuguezes.

XLIV

**Sentimentos de immortalidade no auctor dos Lusiadas ;
Azurara, Barros, Couto**

XLV

Os Estandartes da nossa navegação e conquista

Purpureos são os toldos e as *bandeiras*
Do rico fio são, que o bicho gera ;
N'ellas estão pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera ;
Batalhas tem campaes, aventureiras,
Desafios cruéis, pintura fera.

(vii, 74).

Que a douta mão tão claros, tão perfectos
Do singular artifice alli pinta.

(viii, 43).

Nas fortes naus os ventos socegados
Ondeam os aéreos estandartes.

(iv, 85).

UM PAR DE LUVAS

(Conto)

Dava n'essa noite um baile o commendador Nogueira e o Arthur fôra convidado dias antes.

— Podia lá faltar! isso sim, o que havia de dizer toda a gente conhecida! Nunca se recusava um convite feito por aquella fôrma tão amavel, tão distincta!

— Mas se tu não fosses, Arthur, a Lili precisa tanto de camisolas de flanela...

— E ahí vens tu seccar-me com as camisolas... no principio do mez se lhe compram, está dito, tambem é questão de mais uns dias.

— Mandavas uma carta delicada...

— Uma carta, era bom de dizer... mas o que ella não sabia é que os outros tomariam a recusa como um acto de pulhice! E o proprio commendador se pôdia zangar, deviam-se-lhe favores...

— Pois vae então, não faças triste figura, isso por maneira nenhuma...

— Se fossemos ricos, Luiza...

— Ora, filho, deixa lá...

E os dois, na janella do seu terceiro andar, a cintura mutuamente enlaçada, cortaram o dialogo com um suspiro profundo, onde a imaginação se fez de vela na pequenina barca dos desejos, das ambições insubmissas, dos planos tão docemente concebidos como rapidamente abandonados. E foi só quando a gondola azul voltou do largo mar, que um novo suspiro dos dois entrecortou o silencio como se cahisse no fundo das realidades tristes a ancora por um momento suspensa.

— Ora!

Foi a Luiza a primeira a consolar-se, — o que se quer é felicidade, meu amigo.

— E dinheiro, filha, e dinheiro, que é a mola real de tudo isto...

Depois, entrando do sonho na realidade da vida, empurrou-a docemente.

— Vê se me arranjias a casaca, se está tudo em ordem...

— Sempre vaes?...

— Que remedio... a posição obriga...

Mas de repente, como para subjugar um remorso ligeiro, que o alanceára na sua qualidade de chefe de familia:

— Olha lá, eu tenho ahi luvas que estejam capazes?...

— Tens aquellas com que foste ao casamento da Ermelinda.

— Estão frescas, não tem duvida... Então pensavas que eu me ia apresentar assim enxovalhado em casa do commendador... não me faltava mais nada... antes não ir.

— Pois não vás...

— E tu a dar-lhe... não tardas ahi com a historia das camisolas para a pequena... — observou ligeiramente irritado.

— Oh, filho, faze o que tu quizeres, tu bem sabes que temos alli ainda meia libra, que era a que eu destinava para isso... mas já amanhã são 28 e poucos dias faltam para que recebas o ordenado... tu é que o ganhas — dizia muito humilde, até te distraes, vae, Arthur, vae...

Quebrantou-o a condescendencia amavel da mulher, pensou mesmo em desistir do baile, em ir tão sómente um bocado até á pharmacia da esquina cavaquear com os *habitués*. Mas a perspectiva de curiosidade em que imaginou os homens da botica gelou-o de medo, do medo do ridiculo, de fazer triste figura aos seus olhos.

— Pois não lhes havia elle dito que iria n'aquella noite ao baile do Nogueira...

E recordava as palmadinhas de inveja, que o major Silva lhe dera no hombro.

— Boa ceia, seu felizão, contará depois, contará depois...

E, resolvido, para Luiza:

— Bem, acabou-se, uma vez não são vezes, dá cá sempre a meia libra para comprar as luvas.

Vestiu-se correctamente, aconchegou o *pardessus* ainda ao espelho, e despediu-se de Luiza, com um beijo rapido.

— Olha se te lembras lá de mim?...

— Onde está a pequena?

— Ficou a dormir sobre a mesa do jantar.

— Quando ia a sahir, a Luiza ainda o puxou para si:

— Repara como vão as Gonçalves e aquellas tolas das Mottas, quero saber tudo, ouves, tim-tim por tim-tim, não te esqueças.

— Não me esqueço — e correu o fecho da porta.

— Uma boa rapariga a sua Luiza, ao menos não o importunava com exigencias — foi monologando — se elle tivesse um ordenado maior, viveriam bem, mas a promoção estava longe... uma pati-

faria a dos governos em não melhorar a sorte dos funcionarios... tudo se ia em bambochatas...

Pensamentos de reformas cresciam no seu espirito, reformas largas, com fabuloso augmento de ordenados.

— Se se aposentasse aquelle idiota do chefe, o Cabral subia, subia o Guedes, e chegava tambem a sua vez, mas qual... era pan-na para dura, apesar da sua bronchite chronica.

N'estas cogitações ia descendo para a Baixa, onde tinha de comprar as luvas... preocupação nova, que fez esquecer o emprego.

— Não queria luva ordinaria, seria ridiculo, podia tomar parte em alguma contradança onde estivessem senhoras da boa sociedade... e o que diriam d'elle... *schoking*...

No Chiado fez aquisição de um par de luvas, primeira qualidade, mil e duzentos.

Fez tinir sonoramente a meia libra no balcão, e depois á porta, porque principiavam a cahir uns salpicos de chuva e porque seria indecente entrar a pé no largo vestibulo do palacete do commendador, chamou um trem de praça e mandou bater de corrida para Buenos-Ayres.

*

*

*

No baile dançava-se já e como o commendador o avistasse na sala:

— Bem vindo, meu caro, e vae obsequiar-me por um instante.

— Oh, v. exc.^a manda.

— Faz alli um *roque* na mesa do conselheiro; é um momento, eu vou já occupar o meu logar.

— Uma honra, que v. exc.^a me faz, com que me distingue, todavia...

Mas o commendador ia já longe, não pôde ouvir-lhe as razões; e o Arthur, surdamente irritado foi, com um sorriso amavel, sentar-se á mesa de jogo, onde principiou por ganhar, e onde acabou por perder os unicos 750 que levava comsigo, e 4\$000 e tanto, que o commendador teve de pagar ao conselheiro.

Sentia-se acabrunhado, nostalgico, no meio da festa que o rodeava; a perda, apesar de insignificante, era superior aos seus recursos de occasião, era um desequilibrio das suas finanças tanto em crise. O que diria a Luiza, a pobre Luiza, tão economica e tão boa? Tinha orgulho d'ella, valia mais que aquellas serigaitas todas juntas, que alli pompeavam setins caros; as Mottas, ora quem viu aquillo, delambidas... E azedo, descontente, um peso de chumbo

*

na cabeça, dirigiu-se para a sala do *bufete*, — onde se havia de desforrar ao menos, se os vinhos fossem caros... porque em geral esta gente rica servia uma peste aos seus convidados.

*

*

*

— Luz na casa!... mas a Luiza não tinha por costume esperar-o... e posto que elle sentisse a cabeça um pouquinho pesada, via bem que era lá... Se era!... mas então... havia alguma novidade...

E no cerebro, onde se condensava um pouco a circulação crassa de alcool, o pensamento não surgia, explicando o facto; havia a preguiça da ideação, o choque do inesperado batendo, como a pá de um helice, que deu em lodo, na confusa aggregação das suas idéas atrapalhadas...

— Que diabo será?

E quiz apressar o passo, correu ainda um pouco no passeio; mas a garganta escaldava-lhe, sentia vertigens na cabeça, o sangue subia em lufadas para o rosto; tirou o chapéo para se abanar, desabotoou o collarinho.

— Dá-me aqui um ataque... — pensou.

E appellando para um resto de energia, caminhou direito á porta, onde levou alguns minutos para introduzir na fechadura o trinco inglez.

— Parece que me enganei na chave.

E reflectindo, na consciencia vacillante da sua lucidez:

— Pois eu bebado não estou.

Mas, trahida essa energia, a mão fez rodar a chave, inerte e lentamente, e o Arthur já dentro do portal, bateu um instante castanholas com os dedos, e, na escuridão protectora, sósinho, dançou alegremente alguns segundos.

Uma luz veio subito inundar a escada, e vozes entrecortadas dialogavam rapido no patamar do segundo lance.

— Oh, snr. Joaquim, por quem é não se demore, o primeiro, seja elle qual fôr.

Mas esta voz que era a de Luiza, de Luiza afflicta, fez o effeito de douche gelada sobre a sua embriaguez pouco intensa.

E subindo, quando o Joaquim descia:

— Oh, visinho, mas que foi, onde vae?

— Ah, é o snr. Arthur; veio a tempo, a pequena deu-lhe assim uma coisa de repente; bichas talvez, sei o que isso é... e vae d'ahi a snr.* D. Luiza está afflicta e eu vou chamar o medico; nada de responsabilidades... que lhe parece?

— Mas vá, vá, eu também vou — disse sem reflectir.

— Nada, não é preciso, basta que eu vá...

— Vou eu, vou eu também.

— Oh, snr. Arthur, mas eu não me demoro, é melhor que o senhor suba...

— Homem, já lhe disse, vamos lá ao medico — replicou obstinadamente, agarrando-se a essa idéa consoladora, como recurso infallível para o tirar de uma situação dolorosa.

Mas, a meio do caminho, estacando:

— Oh, snr. Joaquim, está-me a lembrar que o melhor era eu voltar para casa; quem sabe o que terá acontecido... O medico é ahi perto, não é?

— Logo á esquina, eu não me demoro nada lá com elle.

— Se fôr preciso carruagem...

— Está bem de vêr; a primeira que appareça é já de batida.

— Então... eu... volto.

— Pois é o melhor, escusava até de ter vindo.

E para si:

— A modo que o *gajo* está um pouco entrado. Aquillo foi do fino lá no tal bailico.

* * *

Retrocedendo, o pensamento fixo na idéa pavorosa da doença que vinha assim inesperadamente accommetter a sua querida pequerrucha, a sua filha, o Arthur entrou abruptamente em casa, com a respiração esfalfada, os olhos brilhantes, a physionomia transtornada.

A Luiza veio-lhe ao encontro e antes que elle pudesse interrogal-a, prorompeu em soluços, um amargo pranto dolorido, as mãos vincadas em uma contracção afflicta.

— Ai, Arthur, Arthur, que a nossa filhinha morre!

— Mas não póde ser, Luiza, não póde ser; estás assustada sem motivo, vem ahi o medico, elle vae dizer o que é.

— Jesus, meu Deus, como isto é horroroso! — soluçou Luiza em resposta.

— Mas afinal o que foi, dize o que foi?

— Tu sahiste, a pequenina deitou-se e ia quente, bastante quente; seria meia noite chamou por mim, que lhe doía a garganta, e entrou a tremer, a tremer muito; e suffocada, entendes tu, suffocadinha, que fazia afflicção.

Entraram os dois no quarto.

A Laurita, com a face córada, vultuosa, respirando com ancieda-

de, olhou-os com um longo olhar afflictivo, as bogalhitas rolando nas palpebras semi-veladas pela dôr.

— Doe, papá, doe aqui — e apontava para a garganta, abrindo a custo a bocca, os masseteres contrahidos.

O Arthur, ainda enluvado, vestido como no baile, debruçou-se sobre ella, e beijou-a carinhosamente, freneticamente. Aquella dôr cahia, como agua gelada, sobre a sua embriaguez passageira e sobre a turvação do seu espirito.

— Oh, mas que é preciso fazer ? interrogou com energia.

— Eu sei, filho, eu sei lá ; já lhe puz sinapismos... como tarda o medico... e que afflicção, meu Deus, que afflicção !

Sentiu-se parar a carruagem. Tres pancadas resoaram com violencia, e logo os dois, o visinho e o medico entraram na sala, onde o Arthur os recebeu.

— Está melhorzinha ? — perguntou o Joaquim.

Encolheu os hombros em resposta.

— O doutor é que o ha de dizer.

— Então que foi ? — perguntou este com serenidade.

— Que foi, eu sei, da garganta, queixa-se da garganta ; suffocada, umas convulsões já... — e ia encaminhando o medico para o quarto da doente.

— Mas então o caso é um pouco sério, vamos lá vêr isso.

Examinou a creança, penetrou com o seu olhar intelligente na boquinha, a muito custo aberta, e depois interrogando :

— Apanhou algum frio a menina ?

— Talvez, um pouco, respondeu a mãe ; esta manhã, quando veio do collegio, queixou-se de frio.

— Devia ser isso, devia, um arrefecimento, mal agasalhada talvez ; usa flanela ?

— Não... não tem usado — respondeu a mãe hesitante, envergonhada quasi.

— Ora ahi está ; uma constituição delicada, fria como vae a estação, depois os resultados são estes. Mas não ha de ser nada, não ha de ser nada, vamos fazer uma receitasinha.

Escreveu, recommendou o uso do algodão embebido de um linimento em volta do pescoço, e que fossem depressa buscar o remedio para lhe darem de uma só vez.

— A coisa era grave, mas havia de se conjurar o perigo.

E despedindo-se :

— Isto de creanças precisam agasalho n'esta quadra ; eu cá sou um partidario decidido da flanela, deixar lá os inglezes com os seus habitos... e nada de receios, nada de receios, tenho tido casos muito peores de angina.

*
* *
*

Aturdido pela dôr e com a energia quebrantada pela commoção e pela fadiga, o Arthur, enquanto Luiza velava á cabeceira da pequenina enferma e o visinho fôra á botica buscar os medicamentos receitados, deixára-se cahir prostrado em um *fauteuil*, e como se a alma fosse cortando, em oscillações bruscas, por entre um mar profundo e tormentoso, repetia com interrupções :

— É horrivel, é horrivel!

Uma nuvem sinistra escurecia a luz da sua esperança, e lá dentro, muito lá dentro da sua consciencia, uma voz dolorida parecia gemer um threno de angustiada melancolia.

— Era a sua Laurita, que ia alli, morta, sobre um caixãosinho de setim.

— Mas não, não é possivel! — bradou como querendo sacudir a visão funebre, que vinha embaciar-lhe os olhos d'alma.

Passeou agitado ; foi até á porta do quarto escutar. A Laura continuava com a respiração anciada, estertorosa.

Só então reparou em si. Enlulado, encasacado ainda.

— Dir-se-ia que ia outra vez para um baile... Se não fosse antes para um enterro — concluiu com o travor das primeiras lagrimas.

Um raio doce de luar entrava pelas vidraças ; vinha a manhã quasi rompendo.

Descalçou rapidamente as luvas, atirou-as para cima da *toilette*.

Occhorreram-lhe no momento as palavras do doutor ; — fôra um arrefecimento a causa da doença, deviam ter agasalhado a pequena com flannels.

— Mas então, prorompeu em um soluço de remorso, mas então sou eu que a mato!

E como se as luvas fossem as lividas mãos de um phantasma, que batia palmas de escarneo em frente da sua dôr, agarrou-as convulso, amarfanhou-as impetuosamente, e arrojou-as para o chão, enraivecido.

— Se o dinheiro não era melhor aproveitado na flanela... — rugiu com desespero — mas anda, imbecil, vae gastar n'um baile aquillo que não podes... coitadinha da minha Laura, da minha filha, — interrompeu-se em lagrimas... e morre, morre por minha causa.

Lisboa — Novembro, 1886.

J. AUGUSTO VIEIRA.